

CARTA PASTORAL

DOAÇÃO

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado
sob o numero.....631 F.....
do ano de.....1957.....

DO CHEFE DA EGREJA

E

DA SUA ACCÃO SOCIAL

CARTA PASTORAL

DE

D. JOÃO ESBERARD

ARCEBISPO DE S. SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO

SAUDANDO OS SEUS DIOCESANOS

*Stans autem Petrus... le-
vavit vocem suam.*

Pedro, porém, de pé... er-
gueo a sua voz.

ACT. APOST., c. II, v. 14.



RECIFE

Empreza d'A PROVINCIA, r. do Imperador ns. 49 e 51
e caes da Regeneração ns. 42, 44 e 44 A

1894

V
262.13
R 585
C/94
1894



DO CHEFE DA EGREJA

E

DA SUA ACCÇÃO SOCIAL

CARTA PASTORAL

D. JOÃO ESBERARD, POR MERCÊ DE DEOS E DA SANTA
SÉ APOSTOLICA, ARCEBISPO DE S. SEBASTIÃO DO RIO
DE JANEIRO, PRELADO DOMESTICO DE SUA SANTIDADE
O PAPA LEÃO XIII.

*Ao veneravel Clero e aos Fieis de toda a Archidiocese
de S. Sebastião do Rio de Janeiro, paz, saudação e
benção em Jesu-Christo, Deos, Senhor e Redemptor
Nosso.*

Veneraveis Irmãos e Filhos muito amados.

Ardua e melindrosa missão acaba de ser confiada
á nossa fraqueza e insufficiencia.

O Chefe supremo da Igreja, pouco mais de tres
annos ha, — vós o sabeis, — arrancára-nos do humilde
retiro em que viviamos á sombra deliciosa do Carmelo
fluminense e, máo grado a nossa indignidade, nos en-
viára a reger uma grande e nobilissima Igreja, da

qual já tivemos que nos separar, não sem dilacerações profundas, e cuja memoria perdurará saudosa em nossa alma até ao ultimo alento da nossa vida.

Dignou-se Leão XIII de nos fallar agora de novo, e, sem nenhuma consideração pela nossa carencia absoluta de meritos, marcou-nos outro posto ainda mais elevado que o primeiro, — posto de honra mais eminente, sem duvida, mas tambem posto de mór perigo, — aonde fossemos exercer as funcções do nosso apostolado. Desatando os vinculos suavissimos que nos prendião a Olanda, apontou-nos para o Rio de Janeiro, e, com aquella auctoridade que manda ao universo e a que a ninguem é licito resistir, nos disse : — Vai !

Obedecemos ás intimações do céo, que nos falla por aquella voz soberana. Eis ahi vamos pois alegremente entregar-nos aos labores evangelicos no meio de vós, levando-vos no coração um grande amor e na vontade uma inclinação poderosa.

Conheceis as sábias disposições da recente Bulla *Ad universas orbis Ecclesias* do Santo Padre Leão XIII, que reorganisa a hierarchia sagrada no Brasil.

Não só a divisão de todo o territorio do Brasil em duas Provincias ecclesiasticas, uma ao Norte e outra ao Sul, como tambem a erecção de mais quatro Sés episcopaes, — novos focos de apostolado de onde em breve a verdade, o bem, a graça hão de irradiar, — são factos que permanecerão, de seculo a seculo, como testemunhos immorredouros do acendrado affecto que a esta nobre Nação brasileira vota o grande Pontífice e das intelligentes providencias com que, em sua alta sabedo-

ria, acóde aos interesses religiosos de tão vasta Christandade.

A inclyta Metropole da Bahia, cuja velha Sé, ora reinoçada, se arreia de numerosas glorias de um passado refulgente e estremece de jubilo ao feliz presentimento dos novos triumphos não menos brilhantes que a aguardão, a inclyta Bahia mantém com todo o garbo a sua preeminencia de honra e de jurisdicção sobre as Dioceses septentrionaes do Brasil, que, com o acerescimento de mais duas Sés de recente data, formão a sua nova circumscripção canonica.

A' nossa briosa e opulenta cidade do Rio de Janeiro, que preside aos destinos temporaes do Brasil, coube a gloria de ter sido escolhida para cabeça da outra circumscripção ecclesiastica creada por Leão XIII.

A sua veneranda Cathedral, centro glorioso de tantas recordações historicas, e onde outr'ora, nas phases mais solemnes da Religião e da Patria, contemplava jubiloso o povo christão os dous poderes que regem a humana sociedade consorciando-se ao pé do altar sagrado nas effusões de uma fé commum e inclinando-se perante a Magestade infinita de Deos, expande-se agora em novas alegrias e se enche de legitimo orgulho vendo-se, pela munificencia do Soberano Pontifice, exaltada a honras maiores, ennobrecida com os fóros de Egreja Metropolitana, no mais perfeito pé de igualdade com a eminente Metropole do Norte (1), e posta á frente de suas illustres

(1) Consoante á Bulla *Ad universas orbis Ecclesias*, competem á Egreja Metropolitana de S. Sebastião do Rio de Janeiro os mesmos direitos, honras, graças, favores, jurisdicções, indultos e privilegios de

co-irmãs do Sul que, a ella unidas, ficão constituindo na Igreja brasileira a sua Provincia meridional.

Eis ahi, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, as transformações providenciaes de que somos testemunhas no nosso mundo religioso e que vão abrir para o Catholicismo no Brasil uma nova éra de expansão, de grandeza e de triumpho.

Mas, como soía proclamar o grande S. Paulo, quão incompreensíveis são os juizos de Deos! quão inescrutaveis os seus caminhos!... *Quam incomprehensibilia sunt judicia Dei, et investigabiles viæ ejus* (1) !

Quando o successor de Pedro, o magnanimo Leão XIII, que, na pessoa do Principe dos Apostolos, recebeu do divino Salvador o encargo supremo de apascentar o seu rebanho todo inteiro, poz o pensamento em prover de Pastor a nova Sé Archiepiscopal por Elle creada na capital do paiz, assentou de imitar uma traça ordinaria da Providencia de Deos. Com grande pasmo de todos, elegeo no grémio do Episcopado nacional o que havia mais humilde, insipiente e fraco, segundo o mundo, para confundir a grandeza, a sciencia e a força

que, actualmente, por direito commum, se acha em pleno gozo a outra Igreja Metropolitana de S. Salvador da Bahia, tudo de igual fórma e sem differença alguma: *Ac proinde Ecclesia Metropolitana S. Sebastiani* — são palavras textuaes da Bulla — *omnibus et singulis juribus, honoribus, gratiis, favoribus, jurisdictionibus, indultis et privilegiis, quibus alia Metropolitana Ecclesia SSmi. Salvatoris actu ex communi jure fruitur et gaudet, pariformiter et absque ulla prorsus differentia fruatur et gaudeat.*

(1) Rom., XI, 33.

do seculo ; chamou o nada que somos para nos confiar o cargo mais difficil e pesado que, nos presentes tempos tão agitados, se possa impôr a hombros humanos (1).

Sim, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, na hora em que Leão XIII quiz realisar sobre vós os amorosos designios da divina Providencia,—quem tal diria !—foi para a humildade da nossa misera pessoa que se dignou de volver os olhos da sua grande e bella alma : *Ad te, Venerabilis Frater, oculos mentis Nostræ convertimus* (2); e eil-o que assim desconcerta, do modo mais assombroso, todos os planos e calculos da humana sabedoria !

Deixai-nos aqui abrir-vos o nosso coração.

Bem conscio do nada que somos e do nada que valemos diante de Deos e da nossa propria consciencia, sem possibilidade de illusão alguma que nos fizesse ensoberbecer, exhalámos os gemidos da nossa tristeza na presença do Senhor ; e desde logo empregámos todos os esforços ao nosso alcance para declinar a immensa honra que vinha ao nosso encontro e esquivar a ardua missão que ella nos trazia.

Anteriormente — Deos é testemunha : *Deus scit* (3) ! —haviamos já implorado de joelhos ao digno Representante da Santa Sé que, na esperada reconstituição do quadro do

(1) *Quæ stulta sunt mundi elegit Deus ut confundat sapientes : et infirma mundi elegit Deus, ut confundat fortia : et ignobilia mundi et contemptibilia elegit Deus, et ea quæ non sunt, ut ea quæ sunt destrueret.* (I. Cor., I, 27 e 28.)

(2) Breve *Apostolatus officium* de 12 de Setembro de 1893 a nós dirigido.

(3) 2. Cor., XI, 31.

Episcopado nacional, houvesse por bem dispôr as cousas de maneira que, para tranquillidade e socego da nossa consciencia apavorada, nos fosse dado poder voltar á sombra da nossa vida pristina, de onde só a obediencia nos fizera sahir.

Reiterámos a nossa insistencia quando, mais tarde, nos constára com certeza que deviamos descer os degrãos do illustre Sólío Episcopal de S. Salvador de Olinda para subir á grande Cathedra Metropolitana de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

E, fazendo abstracção de outros motivos não menos ponderaveis, submettemos á alta consideração de quem nos podia acudir em transe tão temeroso os vínculos de intenso e entranhado affecto que nos ligavão á nobre Igreja olindense, onde clero e fieis, pela sua exemplar obediencia e amorosa docilidade, sobremodo nos aligeiravão o peso do mando, e onde, para o bem das almas e utilidade da disciplina ecclesiastica, sereno e placido nos corria, em tempos tão agitados, o desempenho da nossa augusta missão episcopal.

Veio tambem, com admiravel espontaneidade, juntar-se á nossa voz a voz unanime d'este generoso povo pernambucano. Como era bello e commovente vêl-o esforçar-se por conjurar o golpe de uma separação que havia de ser ao mesmo tempo tão profundamente dolorosa e dilacerante tanto para o humilde Pastor como para o dedicado Rebanho (').

(1) Referimo-nos á esplendida manifestação de apreço que nos deo o bom povo do Recife, sem distincção de classes sociaes, no memoravel dia 4 de Junho do anno passado. A lembrança d'esse dia jámais se apagará do nosso pensamento e ainda menos do nosso coração!

Mas ai ! baldadas forão todas as nossas excusas, infructiferos ficárão todos os nossos esforços ! Nem nos pudérão valer as supplicas d'este povo inteiro que extremosamente nos amava e que, respeitoso e digno, implorava com lagrimas a nossa permanencia no meio d'elle !

Manteve o Santo Padre Leão XIII o seu acto pontificio ; e assim tivemos nós que curvar submissa a fronte perante a sua vontade soberana.

D'esta sorte acaba de se verificar em nossa pessoa a criteriosa observação de um dos mais doutos Prelados que regêrão a Egreja brasileira :

« Ainda que, escreveo em 1828 o immortal Arcebispo Marquez de Santa Cruz, ainda que em todos os acontecimentos da ordem moral do universo resplandeça aquella infinita e adoravel Providencia que de uma a outra extremidade tóca com fortaleza e dispõe com suavidade todas as cousas (1), comtudo ha alguns que, por mais desviados da marcha commum e dos calculos da prudencia humana, são mais proprios para surprehender-nos e desafiar o nosso pasmo e admiração (2). »

Ora, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, cumpre reconhecêl-o, a nossa inesperada elevação, acompanhada do conjuncto de circumstancias que vos não são desconhecidas, é, sem duvida, um d'esses factos extraordinarios a que allude o eminente Antistite.

Nenhum acontecimento ha, com effeito, em que mais invertidas appareção as regras da prudencia humana,

(1) Sap., VIII, I.

(2) Marquez de Santa Cruz, *Obras*, tom. I, pag. 1.

mais transtornados todos os calculos dos poderosos do seculo; nenhum mais fóra dos caminhos communs por onde sóe a Providencia de Deos conduzir os homens á méta dos seus destinos. E, deixai que tambem vól-o asseguremos, esse facto, que tanto desafiou o vosso pasmo e a vossa admiração, a ninguem mais que a nós mesmo veio encher de surpresa, conturbação e pavor: *Cor meum conturbatum est in me... Timor et tremor venerunt super me* (1).

Ainda uma vez, não será este o caso de exclamarmos attonito com o grande Apostolo: « Quão incomprehen-síveis são os juizos de Deos e investigaveis os seus caminhos?!... »

Assim apraz ao soberano Senhor dos céos e da terra proceder algumas vezes, não sem profundo mysterio, mórmente na escolha dos Pastores que hão de reger a sua Egreja muito amada; pois sobremodo importa, na phrase do mesmo Apostolo, que se não torne vã a cruz de Jesu-Christo: *Ut non evacuetur crux Christi* (2), e que a carne, cheia de si, não ouse vangloriar-se na presença do Senhor: *Ut non glorietur omnis caro in conspectu ejus* (3).

Eis ahi pois, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, como nos achamos, por adoravel disposição da divina Providencia, collocado á vossa frente para guiar-vos por entre as trévas do seculo e as gravissimas difficuldades

(1) Ps. LIV, vs. 5 e 6.

(2) 1. Cor., I, 17.

(3) *Ibid.*, 29.

da hora presente. Eis ali como fomos feito vosso primeiro Pastor para ajudar-vos, ó escolhidos de Deos! a levantar as vossas almas ás bellas esperanças da immortalidade: *Spes illorum immortalitate plena est* (1).

Quando, ao primeiro appello do Vigario de Christo, sahiamos do nosso antigo retiro e, cheio de timidez bem justamente provocada pela nossa inexperiencia, iamos a combater os bons combates do Senhor: *Præliare bella Domini* (2) na saudosissima Diocese de Olinda, levavamos na vontade a resolução bem assentada de alli nos consagrar até o derradeiro alento da nossa vida ao cultivo laborioso d'aquella mimosa vinha, cuja guarda o celeste Pai de familias nos havia confiado. Verdade é que, não poucas vezes, na arena da luta, sentindo a responsabilidade do gravissimo encargo commettido á nossa fraqueza, a alma nos gemia oppressa sob o peso que a acabrunhava; e ousavamos então suspirar pela fagueira aurora de uma possivel libertação, que nos permittisse, livre de tão tremendos cuidados, tornar ao remanso da vida privada e ás modestas occupações da nossa obscura existencia de outr'ora.

Quando porém nos sorria esperançoso o pensamento de podermos um dia, que ainda era o segredo de Deos, fruir a consolação de depôr a nossa cruz episcopal nas mãos augustas do Vigario de Christo, de quem a recebêramos, eis que Leão XIII, cada vez mais magnanimo e generoso comnosco, toma de cima do corpo do Principe

(1) Sap., III, 4.

(2) I. Reg., XVIII, 17.

dos Apostolos um manto esplendido em seu mystico symbolismo e nô-lo atira sobre os hombros como um novo paludamento de gloria: *Tradimus tibi Pallium de corpore Beati Petri sumptum* (1) !...

Vêde como na mão de Deos estão os destinos do homem e como dependem unicamente do seu divino beneplacito !

Cesse pois de continuar a intimidar-nos o animo o pensamento da nossa indignidade e insufficiencia. Já que de lá de cima, de onde procede todo o dom perfeito, nos veio o divino chamamento, porque não havemos de abrir bem largamente o coração á confiança ?

Sob o dominio d'este doce sentimento, queremos repetir as palavras do Pontifice e Doutor S. Leão Magno :

«Oh ! sim, ha de vir em auxilio da nossa ardua missão aquelle Deos que nos poz sobre os hombros o peso de tamanha incumbencia : *Quoniam qui oneris est auctor, ipse fiet administrationis adjutor*; arriscada está a nossa fraqueza a succumbir sob a magnitude de tão excellente

(1) Pont. Rom., *de Pallio*. Esta sagrada insignia que se envia aos Patriarchas e Arcebispos como symbolo da plenitude do seu officio, antes de ser benzida pelo Summo Pontifice, é levada ao altar da confissão de S. Pedro no dia da Vigilia dos SS. Apostolos, onde permanece desde pela manhã até á conclusão de Vesperas. D'ahi é que se retira para a cerimonia solemne e para ahi volta depois da benção ; e por isso o pallio enviado aos Metropolitans se diz tomado de cima do corpo do Bemaventurado Apostolo S. Pedro. *Vid.* em Bento XIV, *Bulla Rerum Ecclesiarum*, de 12 de Agosto de 1748, as disposições relativas á benção e tradição do sagrado Pallio. A fórmula da benção não pôde ser mais eloquente.

ministerio ; mas, para que tal não succeda, dar-nos-ha sem duvida a virtude e força indispensaveis Aquelle mesmo que nos conferio tão sublime dignidade : *Et ne sub magnitudine gratiae succumbat infirmitas, dabit virtutem qui contulit dignitatem* (1) !»

Mas além do auxilio do céo, para termos diante de nós, aberto e franco, o caminho que nos ha de conduzir ás almas, — objectivo unico do nosso ministerio no meio de vós, — necessitamos da benevolencia, sympathia e coadjuvação dos poderes publicos nas diversas ordens em que se exercita a sua acção.

Em cada um dos respeitaveis funcionarios que representam o poder publico nos diversos grãos da escala hierarchica, até o Magistrado supremo da nação, honramos, veneramos e saudamos, consoante ao ensinamento catholico, a auctoridade de que se achão elles investidos no exercicio das suas respectivas attribuições.

Não ! não seremos nós que jámais concorreremos para que se lhes denégue o respeito, a obediencia e a fidelidade a que são obrigados os subditos, não tanto pelo temor da pena, como, mais que tudo, por um rigoroso dever de consciencia : *Ideo necessitate subditi estote, non solum propter iram, sed etiam propter conscientiam* (2).»

Mas com a franqueza que de nós exige a santidade do nosso ministerio, desde já appellamos para o senti-

(1) S. Leon. pap., *Serm. de annivers. assumpt. suae.*

(2) Rom., XIII, 5.

mento de justiça que deve de caracterisar todo o homem da auctoridade, qualquer que seja a sua graduação.

« A justiça, como se exprime um douto Prelado contemporaneo, é o conhecimento, o respeito, o amor e a manutenção de todos os direitos. Ora, de todos os direitos quem ousará negar que o primeiro, quanto á data e á excellencia, é o de Deos ? Do que se segue que a primeira justiça dos povos é o direito de Deos reconhecido, confessado, honrado ; e que vem a ser isto senão a religião (1) ? ».

Respeito pois ao direito de Deos !—eis a nobre causa que não cessaremos de advogar.

« A fidelidade a Deos, diremos com outro illustre Prelado, longe de enfraquecer no homem publico as garantias de imparcialidade que d'elle se exigem, não póde deixar de robustecer ainda mais em seu coração o sentimento de justiça e inclinal-o ás legitimas condescendencias da caridade (2). »

Estas benevolas disposições dos depositarios da auctoridade publica para com a Religião catholica, que é a da maioria dos Brasileiros e de que somos o mais humilde representante, redundarão sem duvida em utilidade para a ordem social e consolidação da paz entre todos os cidadãos.

Muito esperamos tambem da vossa reconhecida docilidade, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, para nos facilitar o desempenho da nossa augusta missão.

(1) Mgr. Gay, *Troisième centenaire de Sainte Thérèse*, pag. 15.

(2) Card. Guibert, *Œuvres pastorales*, tom. II, pag. 6.

Está consummada e sellada entre nós e vós uma alliança ; mas uma alliança perpetua. D'ora em diante temos que ser inseparaveis. Da nossa parte empenhamo-vos desde já a nossa palavra : tudo o que somos e tudo o que é nosso vos queremos consagrar sem a minima reserva. A nossa existencia pois e os nossos labores, as nossas vigalias e as nossas sollicitudes, as nossas dedicações e o nosso affecto, a nossa vida inteira, tudo isso é vosso ; tudo, tudo isso vos damos alegre para carrear o vosso amor !

Oh ! — crêde-o ! — se necessaria fôr a immolação de nós mesmo, com a alma a transbordar-nos de santo gozo não recuaremos ante esse sacrificio supremo ; porque esta é, sem sombra de duvida, a vontade de Deos, sempre boa, agradavel e perfeita em todas as suas manifestações : *Quæ sit voluntas Dei bona, et beneplacens, et perfecta* (1).

O' querida Archidiocese do Rio de Janeiro, sim, nós te pertencemos para sempre e te pertence tambem tudo, tudo quanto é nosso : *Tuus sum ego et omnia mea* (2) ! Outro Pontifice te podéra ser dado mais digno da grandeza dos teus destinos, que mais te edificasse pelo esplendor das suas virtudes, que mais te illustrasse pelo brilho da sua sciencia ; mas nenhum com certeza nos excederia no acendrado do affecto que desde já te votamos, embóra venhamos a ter a tristeza de nos ver,

(1) Rom., XII, 2.

(2) 3. Reg., XX, 4.

quicá, menos amado de ti: *Licet vos plus diligens, minus diligar* (1).

A caridade de Christo força-nos, impelle-nos com vehemencia: *Charitas Christi urget nos* (2). Oh! como, sob as mysteriosas pressões d'essa divina caridade, quizeramos poder desde já vôr para o meio de vós e ahi começar a desafogar, em operosos testemunhos, o immenso amor paternal que se accendeo em nosso peito e que nos dispõe a toda a sorte de sacrificios pelas vossas almas!

Emquanto porém as presentes circumstancias que sobremodo nos affligem, nos retêm longe de vós e nos não permittem lograr as consolações da vossa querida presença, acceitai todos, Clero e Fieis, as saudações e as bençãos que desentranhamos dos thesouros do coração e que d'aqui vos enviamos como primicias do nosso affecto, como arrhas da nossa dedicação.

E para que esta primeira effusão da nossa alma vos seja de proveito espiritual, permitti que, sob o olhar de Deos, façamos alguma detença em examinar aqui comvosco a divina origem, a natureza intrinseca e a maravilhosa acção social d'essa grande Auctoridade soberana que nos desprendeo do meio de um povo querido e unio os nossos destinos aos vossos. Da auctoridade queremos fallar-vos do Chefe supremo d'essa vasta sociedade das almas, cujos confins se confundem com os do universo e que recebeo do céo promessas

(1) 2. Cor., XII, 15.

(2) 2. Cor., V, 14.

dé vida e de immortalidade ; auctoridade sem superior na terra e que domina o mundo civilizado, que falla ás consciencias, que na Igreja de Deos diz a um : Vai ! — e elle vai ; e a outro : Vem ! — e elle vem ; e aos christãos, seus subditos : Fazei isto ! — e elles fazem (¹) !

Não ides ouvir do vosso primeiro Arcebispo *novidades novas*, como em seu gracioso estylo diria o insigne Vieira ; antes verdades velhas, mas sobremodo esquecidas nos tristes tempos que correm de indifferença religiosa ; verdades que, lembradas hoje, parecem trazer um cunho agradavel de novidade, deixando a muitos, por isso, penetrados de admiração.

I

Antes de entrar a fallar-vos do Summo Pontifice, verdadeiro Vigario de Nosso Senhor Jesu-Christo na terra e Chefe visivel de toda a Igreja Catholica (²), d'esse homem extraordinario que exerce a maior força moral sobre o mundo universo, convém, primeiro que tudo, relancear, embóra muito por alto, um rapido olhar sobre a natureza intima, sobre a essencia da auctoridade ou do poder em geral na humanidade e na Igreja.

E' um esboço de estudo preliminar não sem utili-

(1) *Nam et ego homo sum sub potestate constitutus, habens sub me milites, et dico huic: Vade, et vadit: et alii; Veni, et venit; et servo meo: Fac hoc, et facit.* (Matth., VIII, 9.)

(2) *Definimus... Romanum... Pontificem esse... verum Christi vicarium totiusque Ecclesiae caput.* (Apud Labbe, *Conc. Flor.*, tom. XIII, col. 515:)

dade para o assumpto que nos vai occupar n'esta nossa primeira Instrucção pastoral.

O homem, ente racional, não foi creado para viver no isolamento. Consoante a um plano providencial, que se vai desenrolando atravez dos seculos, elle tem que viver em união com os seus semelhantes, sob pena de deixar condemnados a uma completa esterilidade os dotes admiraveis, as faculdades portentosas que tão liberalmente recebeo da mão do Creador.

Essas faculdades que, segundo o mesmo plano providencial, lhe não forão dadas unicamente para proveito seu, mas tambem para utilidade dos outros homens, não se podem desenvolver longe de um meio social adaptado ás condições ordinarias da sua natureza constitutiva e á diversidade de fins mais ou menos elevados que, em ordens diversas, lhe cumpre attingir.

D'ahi, a necessidade absoluta das aggremações humanas.

Mas nenhuma aggremação humana, seja qual fôr a sua indole intrinseca, os seus meios de acção e os fins a que põe a mira, subsiste sem um poder, isto é, sem uma auctoridade central que a reja, a administre e lhe dê a necessaria cohesão.

Esta verdade não ha mister demonstração : impõe-se ao bom senso e á razão com a evidencia de um axioma.

A auctoridade ou o poder é pois, para toda a sociedade que aspira á duração e á estabilidade, uma questão de vida ou de morte. D'ahi, o phenomeno que se observa por toda a parte, que se observou em todos os

seculos : — a questão relativa ao poder tem a propriedade de trazer, sem exclusão, profundamente apaixonados todos os espiritos.

Lançai com effeito um olhar investigador pela historia dos tempos idos, indagai o espectaculo que vos offerece a arena social nos tempos presentes. De norte a sul, de léste a oéste, que é o que vêdes pelo mundo, n'um e n'outro hemispherio ?

A questão da auctoridade sempre na ordem do dia, e, o que mais é, sobrepujando pela sua altissima importancia todas as mais questões sociaes !

Em se tratando d'essa questão palpitante, incandescente, temerosa, que se impõe a todas as intelligencias, que preoccupa todos os publicistas, que agita todos os povos, ninguem ha que se possa manter em estado de neutralidade, ninguem ha que saiba o que seja indifferença. A auctoridade é, forçosamente, sem meio termo, um objecto de amor ou de odio : ou se ha de amál-a ou se ha de aborrecêl-a. Perante a auctoridade é impossivel subtrahir-se á influencia de uma d'essas duas paixões que sóem dominar o coração humano.

A auctoridade ! mas não estais vendo como uns a invocão e outros a repellem ; como uns forcejão por accrescêl-a e outros labutão por amesquinhál-a ; como uns se levantão ameaçadores para aggredíl-a e outros acódem pressurosos para defendêl-a ? !

Se a auctoridade inspira a uns admiraveis dedicações que os levão até ao sacrificio, vêde como diante d'ella sentem outros o seu odio tocar ao paroxismo da raiva mais desenfreada.

Prestai ouvido attento aos desentoados clamores de uma turba-multa enfurecida que, conturbando as nações do velho e do novo mundo, arvóra como programma de reivindicação social o exterminio de todo o principio de auctoridade para mais facilmente poder tripudiar sobre as ruinas da propria sociedade.

E' um clamor ingente, formado e alentado pelo clamor de muitas vozes que parecem sahidas do abysmo tenebroso ; vozes ameaçadoras que, para tornar a auctoridade odiosa aos olhos do povo, não cessão de repetir sob todas as fórmãs estas sinistras affirmações :

« A auctoridade é a tyrannia ; é a confiscação da independencia ; é o roubo da liberdade ; é o aviltamento da dignidade ; é um insulto á personalidade ; é o flagello das sociedades ; é a lepra do mundo ; é o mal da humanidade (1). »

Logo, como corollario ineluctavel,—abaixo o poder ! abaixo a auctoridade ! — Este é o grito medonho que rebôa tanto na Europa como na America, e traz em constante alarma, em continuo sobresalto os depositarios do poder publico em ambos os mundos.

Como explicar porém esse ascendente irresistivel que a auctoridade consegue exercer sobre a humanidade inteira ? Que é o que determina essa attitude de submissão ou de revolta que os homens são forçados a tomar diante d'ella ? Qual é, mais particularmente, o segredo d'esse odio encarniçado que os inimigos da

(1) Vid. Félix, *Le progrès par le Christianisme*, conf. de 1870, pag. 9.

ordem social não cansão de nutrir contra a auctoridade; odio que, em certas horas tenebrosas, sáhe com funestas explosões no seio da sociedade ?

E' que a auctoridade, qualquer que ella seja, — paterna, civil ou religiosa — traz impressa na fronte, em caracteres indeleveis, aqui e alli mais ou menos pronunciados, uma marca divina. Todo o poder vem de Deos, como nôl-o ensina, illuminado por uma luz superior, o apóstolo S. Paulo : *Non est potestas nisi a Deo* (1); e nenhuma auctoridade ha, aqui na terra, que não desça d'aquella fonte increada e primaria de toda a auctoridade : *Quæ autem sunt, a Deo ordinatæ sunt* (2).

Sim ! um elemento divino penetra todo o poder humano. Esta é a força irresistivel que actúa sobre o mundo intellectual e social ; que determina, n'um ou n'outro sentido, a attitude da humanidade perante a imagem grandiosa do poder.

O direito divino, em seu sentido transcendental, como observa um douto publicista, é da essencia de toda a auctoridade. Eis ahi porque os espiritos rectos, illuminados pela razão e pela fé, se curvão perante a auctoridade e lhe rendem o preito da sua submissão, do seu amor e da sua obediencia. Saudamos e reverenciamos n'ella uma apparição mais ou menos transparente de Deos na humanidade. Tal é a razão ultima da attitude de respeito assumida pelo christão perante essa grande delegação de Deos.

(1) Rom., XIII, 1.

(2) *Ibid.*

O direito divino da auctoridade, eis ahi tambem o segredo d'esse mysterio de odio que agita os espiritos turbulentos, os transporta de satanico furor e lhes põe nos labios a insolente palavra do Archanjo da revolta : *Non serviam!* Não obedecerei (1)! Divorciados da razão e do bom senso, entregues ás doutrinas degradantes de um atheismo rancoroso, enche-os de horror, crispa-lhes os nervos tudo o que traz um caracter divino; e como o principio de auctoridade, mais que nenhum outro na instituição social, vem marcado com o sello d'essa procedencia celeste, eil-os que se afadigão por eliminar do seio da sociedade essa cousa sagrada que se impõe á consciencia universal.

A seu modo, a impiedade tambem rende á divindade do poder a sua homenagem, a homenagem indirecta dos seus insultos, das suas desobediencias, das suas rebeliões! Esta é, igualmente, a razão ultima da attitude de insubordinação e desrespeito assumida pelos sectarios da moderna demagogia em presença do individuo em quem se personifica a legitimidade do poder social.

Inimigos de Deos, estais descobertos! Ao aggreddir o principio de auctoridade, al não pretendeis que resistir a uma instituição de Deos, a qual, só por isso mesmo que é divina, se vos torna altamente odiosa: *Itaque qui resistit potestati, Dei ordinationi resistit* (2).

(1) Jerem., II, 20.

(2) Rom., XIII, 2.

II

O elemento divino do poder não transparece de igual modo nem com igual brilho atravez do homem nas diversas personificações em que o mesmo poder se concretisa. Mas em todas essas personificações nada mais facil que percebê-lo.

Vêde primeiramente o prodigio do poder paterno na sociedade domestica.

A *ultima* palavra da sciencia contemporanea, — da sciencia mais *adiantada* fallamos, — affirma em tom dogmatico que o homem não é mais que um bruto, um animal. Com fingida commiseração lamentão os próceres da sciencia do seculo a triste sorte d'esse misero e mesquinho, por muito tempo debil nas suas faxas, dizem, por muito tempo incapaz de ir para onde a necessidade o chama, de comprehender o perigo que o ameaça, de fugir ao perigo que comprehende.

« O homem entretanto, como observa um dos mais valentes escriptores catholicos, nasce mais bem constituido que qualquer dos brutos, mais encouraçado que o rhinoceronte, mais forte que o leão, mais agil que o cervo a correr, e que a aguia a vôar, e que o tubarão a nadar. Dai a esse animal o seu verdadeiro nome : chama-se a sociedade. Elle é tal desde o seu berço e ahí mais que n'outro lugar. Só se torna um individuo quando pôde ver o perigo, prevenil-o, defender-se d'elle, vencê-lo. No berço elle tem a seu pai e toda a vigilancia, toda a força, toda a sciencia da sociedade. A questão não está em saber o que poderia elle fazer, se estivera só : não

está só ; pelas proprias leis da sua natureza não pôde estar só. Vem ao mundo com essa potencia da sociedade, muito mais que o leão com os seus musculos e a aguia com as suas garras (¹). »

Tão singela observação é mais que sufficiente para arruinar pela base aquella infame theoria do materialismo contemporaneo.

A sociedade é uma força intelligente, e o homem, desde o primeiro instante da sua existencia, está sob o abrigo d'esta força.

O homem nasce no seio de uma sociedade, a sociedade domestica. Quando, pela vez primeira, abrimos os olhos á luz d'este mundo, logo deparámos alli, ao pé de nós, junto ao nosso berço, collocada pela Providencia de um Deos creador que se disfarçou n'um pai, uma auctoridade ineffavel toda feita de amor, toda penetrada de ternura, toda propensa á dedicação até ao sacrificio. Ella é a que tem de encaminhar os nossos passos vacilantes na senda escabrosa da vida e moldar o nosso coração de conformidade com os principios austeros da virtude.

A sociedade domestica tem um chefe, que ella não constituo, que ella não pôde depôr, á cuja auctoridade, emquanto gyra dentro da orbita da sua acção natural, não é licito subtrahir-se, sem sentir as revoltas do coração, sem ouvir os protestos da natureza.

Investido de um poder incontestado, que lhe veio lá de cima ao mesmo tempo que o Auctor da natureza o

(1) L. Veuillot, *Jésus-Christ*, édit. illustr., 1. Part., pag. 8.

associou como causa subalterna ao seu poder creador, este chefe é o centro de onde parte uma força impulsora que conduz a sociedade domestica á grandeza dos seus destinos ; o centro para onde converge a triplice homenagem do respeito, da obediencia e do amor de cada um dos membros que constituem a familia.

A paternidade confere um poder perpetuo, inaufereivel, cercado de meiga magestade, posto ao abrigo de todas as revoluções que sóem periodicamente convulsionar o mundo e mudar a face da terra.

De onde lhe veio ao pai esse poder que, n'um vai e vem incessante, com um fluxo e refluxo continuo de admiraveis sentimentos, domina tão suavemente as consciencias ao mesmo tempo que avassala tão amorosamente os corações ?

Já o dissemos com a doutrina catholica : A paternidade é um poder ; logo, veio de Deos ; porque não ha poder algum que d'elle não proceda : *Non est potestas nisi a Deo.*

Oh ! sim, com a mais affectuosa effusão d'alma saudemos e reverenciemos no pai uma directa derivação natural d'aquella adoravel paternidade lá de cima, ante a qual o grande Apostolo curvava respeitoso os seus joelhos e da qual descendem todas as paternidades creadas, que se nomêao quer na terra quer nos céos : *Flecto genua mea ad Patrem Domini Nostri Jesu Christi, ex quo omnis paternitas in caelis et in terris nominatur* (1) !

(1) Eph., III, 15.

III

No poder civil, é verdade, o brilho do elemento divino não transparece de modo tão claro através da nuvem dos accidentes humanos que o envolve. Mas não é menos certo que elle está alli, sob aquelles accidentes, em toda a sua divina realidade ; está alli como condição primaria da existencia, ordem, estabilidade e harmonia da sociedade.

Não queremos aqui discutir o valor das diversas theorias scientificas ácerca do modo de derivação e transmissão do poder civil ; doutrinas que partilham a adhesão das escolas catholicas. Nem é este o lugar para o estudo e a analyse de uma questão sobremodo interessante no dominio especulativo ; mas sem utilidade alguma na ordem pratica para determinar a attitude do cidadão perante a auctoridade civil. Esta attitude já está fixa pela natureza e essencia do poder.

Seja pois como fôr, ou venha o poder directamente de Deos que o communica ao homem, quando lhe apraz eleger por si mesmo o chefe de cada povo : *In unamquamque gentem præposuit rectorem* (1), como elegeo a David para reinar sobre Israel ; ou venha por intermedio da sociedade, que o recebeo originariamente de Deos com os principios constitutivos da sua existencia, e que o transfere ao individuo por ella designado para aquella investidura suprema ; o certo é que, para con-

(1) Eccli., XVII, 14.

stituir uma sociedade politica, é necessario um poder, uma auctoridade central, quer fique esta nas mãos de um só — *monarchia* ; ou nas mãos dos próceres — *aristocracia* ; ou nas mãos de um grupo — *oligarchia* ; ou nas mãos de todos — *democracia*.

Ora, como todos os homens procedem das mãos do Creador dotados da mesma natureza, como todos nascem igualmente livres, como todos surgem investidos de direitos iguaes, segue-se que nenhum homem tem, como homem, o direito de apprehender a vontade de outro homem, de cercear a liberdade de seu semelhante, de crear em favor de quem quer que seja vinculos de obediencia e submissão que obriguem no fôro da consciencia individual.

Por outra, nenhum homem ha que, sem usurpação, tenha naturalmente o direito de mandar a outros homens. Com effeito, a humanidade não depende senão de Deos só. Por isso o direito de mandar e o dever correlativo de obedecer só de Deos pôdem primariamente derivar para a sociedade, como elementos essenciaes que são da sua existencia organica.

Eis ahi porque, sem a noção divina do poder,—e esta profundamente arraigada nas consciencias pelo ensino christão, apresentando o poder como uma cousa santa e respeitavel aos olhos de todos, uma cousa querida e estabelecida por Deos,—é impossivel assentar sobre base solida a sociedade civil, e garantir-lhe a estabilidade necessaria á consecução dos seus fins na ordem temporal.

Como é sublime — cumpre confessál-o ! — esta dou-

trina catholica que vai buscar na auctoridade de Deos a origem de todo o poder social ! Como respeita os melindres da liberdade humana e se harmonisa com o sentimento da nossa dignidade pessoal ! Como, exaltando a auctoridade á uma altura divina, ennobrece ao mesmo tempo a homenagem do subdito que perante ella se inclina !

« O' divina auctoridade, exclama a este proposito um eloquente orador, ó divina auctoridade, seja qual fôr o mundo em que eu te veja, por este signal logo te reconheço : o reflexo de Deos rebrilha sobre ti e a magestade divina te envolve. Eu te saúdo ! Ah ! sem que me suba o rubor ás faces posso inclinar-me diante de ti, porque diante de Deos é que eu me inclino ; seja qual fôr a fórma sob a qual me peças respeito e obediencia, resguardada está a minha dignidade ; a minha submissão quanto mais profunda fôr, mais te engrandece a ti ; pois sinto que, dependendo de ti, do infinito é que eu dependo. Como homem, envergonhára-me de obedecer ao homem só e de curvar-me diante do elemento humano ; mas respeitar o elemento divino, eis a minha grandeza ; obedecer ao elemento divino, eis a minha liberdade ; sentir-me, na minha propria submissão, elevado até ao que é divino, eis a minha gloria (1). »

Ahi tendes agora manifesto, em relação ao poder civil, o segredo d'aquelle odio instinctivo contra toda a auctoridade, que descobrimos no coração dos inimigos da sociedade.

(1) Félix, *Le progrès par le Christianisme*, conf. de 1870, pag. 14.

Intentão banir a Deos de todas as relações da vida humana, não o querem influindo nas instituições sociaes onde o homem deve desenvolver a sua actividade, negão-lhe até brutalmente o direito á existencia ! Sendo assim, como poderão tolerar o menor reflexo divino, appareça onde apparecer ? D'ahi, essa multiplicidade de esforços que espanta, tendentes a eliminar do meio social todo o principio divino que, unico, o póde ennobrecer : *Non proposuerunt Deum ante conspectum suum* (1).

Refulge este principio divino, como um raio scintillante descido do céo, sobre a fronte da auctoridade publica ? Pois bem ! seja a auctoridade publica o alvo permanente de sinistras aggressões, o ponto de mira para onde convirjão as mais violentas investidas ! Custe o que custar, é preciso delir aquella marca divina, represar aquella derivação do céo, supprimir aquella importuna manifestação de Deos na humanidade !

Oxalá tão funestas doutrinas jámais descessem do dominio especulativo para o dominio pratico e não viessem fazer irrupção violenta no seio da sociedade !

Mas assim não é.

Com tristeza misturada de pavor, ouve-se, em horas conturbadas, um grito satanico de victoria. Que é o que se deo ? Uma insurreição triumphante conseguiu o seu perverso intento ! A auctoridade social, vencida, — ás vezes por surpresa — alli jaz desmoronada na praça publica, cobrindo o sólo com os escómbros das

(1) Psalm., LIII, 5.

suas ruínas. A ordem fôge então espavorida de todos os lados, arrastando comsigo o direito e a justiça; e o incendio pavoroso dos edificios e monumentos publicos não tarda em vir illuminar com os seus sinistros clarões o triumpho da anarchia e da dissolução social!

Triumpho porém ephemero e passageiro! Lá surge em breve um homem providencial, que toma e levanta em suas mãos robustas o poder cahido por terra. Graças á sua energia, a reacção não se faz esperar: os máos tremem, os bons se tranquilisão, a ordem renasce, a justiça reaparece, a paz se firma. Mercê de Deos, a sociedade está salva das garras da anarchia!

Esta é uma lei social, que não falha.

Porventura, n'aquella lastimosa tragedia, que tantas vezes temos visto subir á scena no theatro da historia, pereceo a auctoridade?... Não! n'aquellas horas de furiosa vertigem, de tenebroso triumpho, o que ruío com estrondo, o que se subverteo — talvez que para sempre! — não foi a auctoridade em seu principio transcendental. No abysmo cavado pela revolução, apenas se afundirão então os accidentes humanos em que a auctoridade se concretisava.

Sob outras fórmás, eil-a que resurge triumphante das entranhas da propria sociedade, onde a mão de Deos a depuzera, como uma lei de vida, para garantia da existencia social. O elemento divino — oh! maravilha! — permaneceu indestructivel.

Muito bem o disse em eloquente phrase um douto Cardeal:

« A furia dos vendavaes não arrebatá senão o que

havia de precedouro nas instituições do passado : o principio divino fica. Sobre esta base solida, Deos levanta novo futuro ; e onde o homem se perturba, ahi continúa o christão a esperar (1). »

IV

Apparece agora, ó Santa Igreja de Jesu-Christo, grémio illuminado onde se devem adunar os filhos da Redempção, sociedade immortal que se estende de uma á outra extremidade do orbe e cuja duração se prolonga por todos os seculos do tempo ; apparece em toda a magnificencia da tua celeste auctoridade, e deixa-nos contemplar as esplendidas reverberações do poder de Deos que refulgem em tua frente augusta.

Obra prima de Jesu-Christo, que a ideou, estabeleceu e constituiu: *Ædificabo Ecclesiam meam* (2), a Igreja recebe a sua auctoridade immediatamente das mãos do seu divino Fundador com uma organização admiravel, que a põe ao abrigo da perpetua mutabilidade das cousas humanas.

N'essa prodigiosa sociedade das almas, a auctoridade não é, como na sociedade domestica, uma participação do poder de Deos a que a natureza eleva o homem, quando este, por um acto da sua vontade, se associa, na qualidade de causa segunda, á acção creadora de Deos ; não é, como na sociedade civil, uma procedencia,

(1) Card. Donnet, *Œuvres*, tom. I, prefac. pag. XII.

(2) Matth., XVI, 18.

embora divina, mas derivando até ao homem por entre os acontecimentos providenciaes que vemos desenrolar-se na historia, determinando a existencia das nações, constituindo os estados e operando as transformações dos povos; ou, ainda menos, a resultante de uma série de actos sociaes concretizando e individualizando esse poder que, por disposição divina, toda a sociedade humana traz em suas entranhas como principio fundamental da sua existencia, como factor primario da sua estabilidade.

A auctoridade da Igreja, bem como a sua constituição, nasce de um facto absolutamente sobrenatural, em que não tem participação alguma nem a carne nem o sangue, nada do que é humano; é uma delegação directa da auctoridade soberana de Deos, a qual deriva para o homem sem o concurso de causas subalternas, quer individuaes quer sociaes; é uma acção divina que tende a fins da ordem inteiramente sobrenatural.

Deos só é pois a causa productora do poder em sua Igreja, a catholica, apostolica, romana; sociedade unica na esphera religiosa, que se apresenta perante os seculos munida de titulos authenticos attestando a legitimidade da sua origem celestial.

Sem duvida, por isso mesmo que a Igreja é uma sociedade humano-divina, a auctoridade de que ella se acha investida, descendo de Deos, como qualquer outra auctoridade, tem de se concretisar e individualisar no homem por uma transmissão authentica e legitima. Mas na Igreja o homem não intervem de modo algum no facto d'essa transmissão; ella se realisa fóra de

toda a esphéra em que gyra e se desenvolve a actividade humana.

Na sociedade religiosa, isto é, na verdadeira Igreja, — repetimol-o, — o poder vem de Deos immediatamente, sem intermediários. Tudo na economia da sua transmissão é disposto pela vontade directa do Filho de Deos feito homem. E' elle proprio que elege os seus mandatarios, os constitue sobre a mesma Igreja para o regimen d'ella e lhes intima a missão que hão de desempenhar no mundo: *Non vos me elegistis, sed ego elegi vos et posui vos ut eatis* (1).

Com palavra solemne opéra o divino Salvador a transmissão immediata da sua auctoridade aos chefes por elle escolhidos para regerem a sua Igreja até á consummação dos seculos. Ouvi como falla aos seus apóstolos; só um Deos póde fallar assim:

« Foi-me dado todo o poder no céo e na terra (2). Como meu Pai me enviou, assim eu tambem vos envio a vós (3): Ide pois por toda a parte, prégai, ensinai, baptizai, fazei guardar a minha lei (4)! Recebei o Espirito-Santo: perdoados são os peccados a quem vós os perdôardes, e retidos a quem vós os retiverdes (5)! »

(1) Joan., XV, 16.

(2) *Data est mihi omnis potestas in cælo et in terra.* (Matth., XXVIII, 18.)

(3) *Sicut misit me Pater, et ego mitto vos.* (Joan., XX, 21.)

(4) *Euntes ergo docete omnes gentes, baptizantes eos... docentes eos servare omnia quæcumque mandavi vobis.* (Matth., XXVIII, 19 e 20.)

(5) *Accipite Spiritum Sanctum: quorum remiseritis pec-*

Eis ahí ! o elemento divino do poder penetra totalmente na Igreja o elemento humano, d'elle se apossa com uma energia ineffavel e vai transbordar em maravilhosas effusões de graças sobre o mundo redimido !

Aqui pois, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, já nos não achamos, como vêdes, em presença do elemento divino bruxoleando apenas, em clarões mais ou menos attenuados, atravez de accidentes humanos. Temos diante de nós o elemento divino apparecendo em toda a sua maravilhosa pujança e projectando directamente sobre aquelles accidentes a magnificencia das suas fulgurações.

Reflectindo os esplendores d'aquella incomparavel magestade que irradia de lá das alturas do céo, os enviados do Salvador pôdem, bem legitimamente, bradar para o mundo catholico, como o grande Paulo aos Corinthios : « Em nome de Jesu-Christo desempenhamos junto a vós uma nobilissima embaixada : quando vos exhortamos, não o esqueçais, é Deos mesmo que vos exhorta pela voz do nosso ministerio : *Pro Christo legatione fungimur, tamquam Deo exhortante per nos* (1) ! »

Portadora sublime da arca santa da nova alliança, mestra infallivel da verdade, mensageira indefectivel do bem, distribuidora fidelissima da graça que santifica e salva, a Igreja abre a todos os homens os braços da sua immensa caridade para attrahil-os ao

cata, remittuntur eis, et quorum retinueritis, retenta sunt.
Joan., XX, 22 e 23.)

(1) 2. Cor., V, 20.

seu regaço maternal! Oh! como aneia por lhes comunicar as inescrutaveis opulencias da Redempção, de que foi feita depositaria e distribuidora unica sobre a terra!

V

Não devemos passar adiante, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, sem vos deixar aqui bem aclarada, embóra em resumidissima phrase, a importante economia d'este divino ministerio da Egreja. Nada mais faremos que desenvolver os principios do grande Santo Thomaz de Aquino, que sóe conformar rigorosamente a sua doutrina theologica com os altos ensinamentos do dogma catholico.

O sangue de Jesu-Christo, preço ineffavel do nosso resgate, correo, não ha duvida, da ara da Cruz sobre a montanha santa para d'ahi se diffundir pelo orbe inteiro e ir vivificar todo o genero humano; pois, é certo que o Salvador, em sua immensa misericordia, a ninguem quiz excluido dos meritos da sua immolação, antes deo a vida por todos os homens em geral, como nôl-o ensina o Apostolo S. Paulo: *Et pro omnibus mortuus est Christus* (1).

Mas a efficacia universal do sacrificio do Calvario permanece suspensa em relação a cada um de nós em particular, emquanto não é determinada por uma applicação individual dos meritos do Homem-Deos. Esta

(1) 2. Cor., V, 15.

applicação só nos póde ser feita no seio de uma sociedade visivel e permanente estabelecida para esse fim por aquelle mesmo Jesus, que, sob os estimulos do seu amor incommensuravel, se entregou a si mesmo por nós a Deos nos braços da Cruz, qual oblação acceitavel, qual victima grata á eterna justiça em odor de suavidade: *Christus dilexit nos et tradidit semetipsum pro nobis oblationem et hostiam Deo in odorem suavitatis* (1).

E' ponto incontroverso da nossa fé.

Esta sociedade, de que fallamos, composta dos redimidos do Senhor, constitue a Igreja catholica; Igreja muito amada a que todos nós sobremodo nos gloriamos de pertencer e em cujo seio maternal queremos exhalar o nosso ultimo alento.

Mediante a palavra de vida que ella tem a missão official de pronunciar sobre as almas em nome de Deos, eil-a que a todos ministra a instrucção que devemos ter ácerca do adoravel mysterio do nosso resgate, a todos declara as clausulas da nossa incorporação a Christo, a todos inculca as salutaes verdades que nos importa conhecer para sabermos dirigir os nossos passos nas verédas da vida presente e levantar as nossas esperanças ás promessas da vida futura.

Oh! como então, sob este magisterio da Igreja dotado de infallibilidade doutrinal, a nossa alma se illumina pela fé e, cheia de boa vontade, se dispõe para as maravilhas da sua transformação em Jesu-Christo!

(1) Eph., V, 2.

Ainda mais. Munida de meios adequados, em admiravel harmonia com as condições ordinarias da nossa natureza, e efficacissimos em seus effeitos prodigiosos, a Igreja deve proseguir, até ao cabo, a obra interior da nossa justificação. E assim, eil-a que faz jorrar até ás profundezas do nosso ser os effluvios vivificadores da Redempção. Pelos canaes dos Sacramentos, confiados a um sacerdocio perpetuo, — prolongamento maravilhoso do sacerdocio supremo de Jesu-Christo, — a graça se transfunde copiosa em nossas almas com as suas divinaes opulencias. Agora sim, o sangue de Jesu-Christo nos attinge para nos regenerar ou purificar ; agora sim, entramos no gozo do beneficio ineffavel da morte do Salvador, causa universal da nossa salvação (1).

Oh ! maravilha !.... Dos horrores do seu tenebroso sepulchro resurgem, cheios de vida sobrenatural, os Lazaros do peccado, e se trasladão miraculosamente para as luminosas magnificencias da graça de Jesu-Christo ! Para elles agora as gloriosas perspectivas do céu !

(1) A doutrina acima enunciada não é mais que uma exposição amplificada e commentada d'este trecho do Doutor angelico :

Mors Christi est quasi universalis causa humanæ salutis. Cum autem universalis causa oportet applicari ad unumquemque effectum, id est, ad quemlibet hominum, necessarium fuit exhiberi hominibus quædam remedia, seu instrumenta per quæ eis beneficium mortis Christi quodammodo conjungeretur. (Summ. contra Gent., lib. IV, cap. 56.)

Este é, veneráveis Irmãos e Filhos muito amados, o importante objecto do ministerio da Igreja.

Graças á virtude illuminadora da sua palavra, á efficacia dos seus sacramentos e á direcção da sua auctoridade divina, é-nos feita, em grãos diversos, a applicação individual dos meritos da Redempção ; e assim se determina em cada um de nós a efficacia do sacrificio da Cruz. Sim, na Igreja e pela Igreja, se completa e se consumma em nossas almas, suave e placidamente, a obra misericordiosa do Redemptor, realisada em favor de todos os homens em geral por entre os apparatus sangrentos do Calvario.

Mas — oh ! grandeza ineffavel do christão ! — ao passo que a virtude da Redempção opéra nas profundezas do nosso ser individual essas transformações tão reaes como mysteriosas, que nos elevão a uma alteza deífica, ao mesmo tempo, sob a energia da sua acção santificadora, formão-se amorosos atilhos que prendem entre si, em união fraternal, os redimidos do Senhor e vão ligál-os n'uma ineffavel sociedade com o Eterno Paé e seu divino Filho ; união sacratissima, cujo vinculo supremo é o sacrificio de Jesu-Christo ! mysterio de infinito amor, a que o Evangelista dilecto quer ver associados todos os homens : *Ut et vos societatem habeatis nobiscum et societas nostra sit cum Patre et Filio ejus Jesu-Christo* (1) !

D'ahi, veneráveis Irmãos e Filhos muito amados, para todo o que quizer ser salvo, a necessidade indecli-

(1) 1. Joan., I, 3.

navel de pertencer á Egreja de Jesu-Christo. Longe do divino Redemptor, não ha possibilidade de salvação nem no tempo nem na eternidade: *Non est in alio aliquo salus* (¹). Fóra da Egreja que elle estabeleceo como distribuidora da sua graça, a virtude da Redempção não attinge a ninguem ; não apprehende nem vivifica as almas. E' esta uma consequencia logica da doutrina exposta.

Oh! pobres transviados, quereis titulos irrecusaveis, diplomas authenticos á vossa união com Jesu-Christo? Vinde á sua Egreja. Incorporai-vos a esta sociedade santa, em cujo grémio elle quer alistados todos os seus redimidos. Cumpre ser « ovelha do seu rebanho, filho da sua casa, cidadão do seu reino (²) » para ter parte nas graças da sua Redempção.

Tal é a lei: eximir-se d'ella voluntariamente equivale a repudiar os meritos da paixão do Salvador. Sem a observancia d'essa lei, por elle mesmo posta aos homens, não ha, não póde haver esperanza de auferir os beneficios da sua morte preciosissima. Fôra uma esperanza illusoria, uma esperanza vã! Deos vos livre d'ella.

Ai! ai d'aquelle que, obstinado, recusa á Egreja de Jesu-Christo a homenagem da sua submissão! Ai! ai d'aquelle que, revoltado, se subtrahе á sua auctoridade! Mais tarde ou mais cedo — questão é de pouco

(1) Act., IV, 12.

(2) Monsabré, *Expos. du dogme catholique. Carême 1881.*
Conf. LI, pag. 137.

tempo — cahirá terrível sobre a sua cabeça o anathema divino: *Qui crediderit et baptizatus fuerit, salvus erit: QUI VERÒ NON CREDIDERIT, CONDEMNABITUR* (1)!

VI

Quão magnifica pois nos apparece, em sua immortall belleza, a Igreja de Jesu-Christo, trazendo a sua fronte divinamente aureolada e, como o insigne Legislador hebreo descido do Sinai, reverberando as esplendidas fulgurações do céu! Tudo n'ella traz impresso um cunho rutilante de divindade que impressiona, impondo o mais religioso respeito. Divina é na realidade a sua introdução no meio do mundo contra todos os calculos da sabedoria humana; divina a sua prodigiosa conservação atravez dos seculos, resistindo, sempre victoriosa, aos embates das paixões desencadeadas contra ella; divina a sua admiravel constituição, que as vicissitudes humanas não conseguem alterar, porque sahio immediatamente das mãos de um Deos; divina a missão sublime que desempenha junto á humanidade peccadora; divina essa palavra com que illumina as almas, essa graça com que as regenera ou rehabilita, essa misericordiosa caridade com que véla sobre ellas; divinos os meios de acção com que attinge efficazmente os individuos e os povos, os beneficios que derrama sobre o mundo, as obras exteriores do seu zelo pelas quaes se patentêão a sua pujança e vitalidade; divino

(1) Marc., XVI, 16.

esse sacrificio sem mancha que, applicando a eterna justiça, offerece ao nome de Deos sempre grande, desde o nascer do sol até ao seu occaso (1); divinos esses portentosos sacramentos que transfundem nas almas as bençãos e os effluvios que vêm de Christo ; divino o seu infatigavel sacerdocio, applicado sem cessar aos nobres labores da santificação ; divina essa esplendida hierarchia de poderes n'ella instituida para o bom governo das almas ; divina finalmente em sua origem immediata, em sua indole intrinseca, em seu elevado objecto essa auctoridade suprema que a rége desvelada, encaminhando os fieis aos seus ultteriores destinos.

A Igreja não ignora de onde veio, a que veio e para onde vai ; tem consciencia do que é, e só ella n'õ-o sabe dizer ; e por isso, a despeito de todas as contradicções, não trepida em affirmar, alto e bom som, perante o mundo, a celestial nobreza da sua procedencia, a santidade da sua missão, a força irrefragavel da sua auctoridade.

Como é porém acolhida pelo mundo a sinceridade da sua affirmação ? Se o elemento divino existente, como já tantas vezes verificámos, em todo o poder regedor das sociedades inferiores, transluzindo, posto que attenuado, por entre os accidentes humanos, tem entretanto assim mesmo a propriedade irresistivel de apaixonar vivamente a todos os espiritos, como não deverá mais poderosamente impressionál-os, n'um ou n'outro sentido, essa incomparavel magestade que

(1) Malach., I, 11.

fulge, como um diadema de rainha, na fronte augusta da Esposa de Christo, fazendo-a apparecer entre os homens como a mais alta delegação do poder de Deos ? !

Mais ainda do que diante de qualquer outra auctoridade, diante da auctoridade da Igreja, toda a irradiar o elemento divino em seu fulgor proprio, o mundo, desconhecendo aqui de todo o que seja indifferença, divide-se em dous campos oppostos, cada um porém perfeitamente discriminado.

N'um, — o campo dos crentes, isto é, a parte mais sã da humanidade, — crê-se, ama-se, louva-se, adora-se, dobra-se o joelho. No outro, — o campo dos impios e dos incredulos, isto é, os que menos honra fazem á raça humana, — protesta-se, odeia-se, ridicularisa-se, blasphema-se, persegue-se !

Dispensar-nos-hemos, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, de insistir junto a vós ácerca do triste espectáculo que offerece a sociedade d'este fim de seculo, athéa e materialisada como a Revolução que a fez, tomando diante da Igreja uma odiosa attitude de hostilidade desconhecida aos seculos passados, oppondo-lhe systematicas negações, arremessando-lhe insultuosas invectivas, desencadêando-se contra ella em phreneticas aggressões, ás vezes em perseguições sangrentas, combatendo-a sempre em todos os terrenos e com toda a sorte de armas, ainda as mais desleaes, como se fôra uma inimiga funesta de que cumpre a todo transe libertar a humanidade.

E, cousa notavel ! havendo ahi pelo mundo uma multiplicidade sem conta de seitas heterodoxas, que

se dizem religiosas, com pretensões de doutrinar os homens em nome do céo, nenhuma d'ellas é tomada pela impiedade para alvo dos seus jaculos odientos.

Com effeito, quem ahi persegue a brutal Orthodoxia moscovita ou as degraduadas Egrejas schismaticas do Oriente? Quem ahi lança furiosas diatribes á ricaça Egreja anglicana? Quem ahi se ergue para combater o ferrenho Lutheranismo prussiano ou o minguido Calvinismo genebrino? Quem põe ahi pêas ás mil seitas enfezadas em que se fracciona o Protestantismo hodierno e lhes recusa o direito de vida e de expansão?

Ninguem! Muito ao contrario, a essas religiões do erro consagra a *sociologia* incredula do seculo todas as suas sympathias. Tomou-as debaixo da sua protecção e, para garantir-lhes mais effizamente a existencia, forjou especiosos principios, inventou nomes retumbantes. E' por isso que a chamada *liberdade de consciencia* e a sua congenera, a *liberdade de cultos*, se achão homologadas nas instituições modernas da sociedade secularizada.

Mas, oh! espirito de contradicção! ou antes, oh! odio do Catholicismo! nem uma nem outra d'aquellas famosas liberdades vale, quando se trata de garantir a existencia da Egreja catholica e os direitos dos seus filhos!

Com exclusão de todas aquellas Egrejas de feitura humana, só a Egreja catholica tem o honrosissimo privilegio de merecer os odios rancorosos dos inimigos de Deos, que são os seus proprios inimigos, de ver congregadas contra si todas as forças d'esse ominoso exercito

do erro e do mal, sob a direcção d'aquelles que S. Paulo chama — os principes e dominadores d'este mundo (1).

Não ha duvida, ao conspirar contra a unica sociedade religiosa de instituição divina, a impiedade dos nossos dias sente-se impellida e guiada, como a sua congénere de todos os tempos, por um instincto secreto que realmente a não engana. A cohorte cosmopolita do erro e do mal percebe na Igreja catholica, e só n'ella, a existencia de uma auctoridade superior marcada com o sello irrecusavel da sua procedencia sobrenatural. Em seu furor ou desdem contra tudo o que é divino, os implacaveis adversarios da Igreja não podem supportar essa maravilhosa auctoridade que se impõe aos seculos como a mais esplendida manifestação de Deos.

Eis ahi a causa secreta ou dissimulada, mas verdadeira e real, d'esse estranho phenomeno que deixámos assignalado : — as multiplas e tenebrosas machinações dos máos contra a Igreja de Jesu-Christo, que n'ella vive, falla e opéra ; — phenomeno já quasi vinte vezes secular e que, hoje em dia, sob a influencia d'esse atheismo, cada vez mais insolente e audacioso, a invadir todas as classes sociaes, se vai reproduzindo á face do mundo com um character de perversidade tal, um tamanho recrudescer de violencia, que parecem tocar ao phrenesi do delirio !

(1) Eph., VI, 12.

VII

Nada recêeis porém, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, nada recêeis pela sorte da Igreja de Deos exposta, no meio d'este mundo decahido e perverso, á sanha das incessantes perseguições que o mesmo mundo lhe suscita.

Este é, bem o sabemos, um espectáculo que sobremodo atemorisa as almas sinceras, porém mal instruidas ácerca dos caminhos por onde a Providencia de Deos quer conduzir a sua Igreja ainda militante sobre a terra ; um espectáculo que escandalisa as almas fracas e titubeantes na fé, tão propensas a deixarem no esquecimento as promessas de vida e de immortalidade asseguradas pelo divino Salvador á sua Esposa dilectissima.

Espectaculo doloroso, sem duvida ! Não ha alma sensível que se possa subtrahir a um vivissimo sentimento de angustia ante a injustiça d'aquellas aggressões de que é victima a Igreja catholica. Terriveis são, na verdade, os golpes desfechados sobre ella pela mão irritada dos seus encarniçados inimigos ; audaciosos os desmentidos dados em nome de uma orgulhosa sciencia ás doutrinas santas que ella ensina officialmente ao mundo ; vergonhosas as deserções de muitos dos seus filhos que, acovardados da lucta ou trémulos ante o respeito humano, a atraicção e repudião ! Mas, para alentar a vossa confiança na permanencia da sua indestructibilidade, queremos redizer-vos uma grande e

bella palavra de Santo Hilario, a qual synthetisa um prodigio visivel aos olhos de todos os seculos : « Proprio é da Igreja vencer quando ferida, merecer apreço quando accusada, alcançar novas forças quando derelicta : *Hoc enim proprium est Ecclesiae, ut tunc vincat, cum laeditur ; tunc intelligatur, cum arguitur ; tunc obtineat, cum deseritur* (1) ! »

Confiança pois ! Vêde-a sempre calma e serena, em meio das suas ingentes luctas, proseguindo ovante a sua marcha victoriosa, continuando a exhibir com toda a magestade os titulos authenticos do seu mandato, e sustentando inflexivel perante os seculos — que todos lhe pertencem ! — a solemne affirmação da sua divindade.

« Ahi tendes, dir-vos-hemos ainda uma vez com o eloquente orador já citado, ahi tendes o segredo da incomprehensivel emoção que excita por toda a parte, nas gerações christãs, esse objecto tão cheio e tão radiante de Deos que se chama a auctoridade da Igreja catholica ; ahi tendes a intelligencia de todo o rumor que, ha cerca de dous mil annos, suscita em derredor de si esse grande nome designando o maior dos objectos. Comprehendeis porque essa auctoridade atravessa os seculos, cercada de um rumor sempre crescente, attestando uma actualidade de interesses e um ardor de preoccupações que nenhuma outra auctoridade excita sobre a terra, provocando pelo facto unico da sua existencia attracções e repulsões, sympathias e

(1) S. Hilar. Pictav., *De Trinitate*, lib. VII, cap. 4.

antipathias, temores e esperanças, enthusiasmos e blasphemias, bençãos e maldições, ousemos dizê-lo, estremecimentos de alegria e frémitos de colera taes e tão ruidosos como jámais se ouviu resôar em derredor de nenhuma outra auctoridade. Compreheideis, emfim, que cousa é essa auctoridade, alvo de incomparaveis amores e de incomparaveis odios para todos os que a amão e para todos os que a detestão, digamos mais acertadamente, para todos os que cuidão detestál-a e al não fazem que temê-la (1). »

VIII

Considerada até aqui a indole especial do poder confiado á Igreja, cumpre examinar agora qual a fórma do seu governo.

A' primeira vista dir-se-hia que o poder da Igreja reveste a fórma aristocratica.

Com effeito, se lançardes os olhos para o orbe catholico, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, vêlo-heis repartido em numerosas circumscripções ecclesiasticas, tendo cada qual um Chefe particular encarregado de vigiar e reger com jurisdicção propria e ordinaria aquella porção determinada do grande rebanho de Deos.

Este Chefe particular que vêdes todo amorosamente absorto em fazer irradiar a acção de Jesu-Christo

(1) Félix, *Le progrès par le Christianisme*, conf. de 1870, pags. 35 e 36.

sobre elementos restrictos e em exercer a sua divina auctoridade dentro dos limites da Diocese que lhe foi attribuida, vós já o reconhecestes e o saudastes, é o Bispo.

Instituido que seja o Bispo, n'elle e por elle se constitue, verdadeiramente, a Igreja de Jesu-Christo; Igreja particular, sim, mas animada do mesmo principio fecundo de vida que circula nas veias da Igreja universal e a ella adherente pelo mysterio de uma unidade indivisivel. Eis ahi porque, segundo a celebre sentença de S. Cypriano, é absolutamente necessario e indispensavel um Bispo para que haja uma Igreja: « Deveis saber, ó fieis de Christo, dizia o santo Martyr de Carthago, que o Bispo está na Igreja e a Igreja no Bispo: *Scire debes Ecclesiam esse in Episcopo et Episcopum in Ecclesia* (1). »

Assim, por essa admiravel *circuminessão*, a Igreja particular vive e subsiste no Bispo; elle é o que lhe communica a sua essencia propria e a constitue na unidade da Igreja universal. Ainda na pessoa do Bispo é que se consubstancia e concretisa, em relação á Igreja em que elle preside, toda a auctoridade espiritual de magisterio, ministerio e regimen necessaria á santa sociedade dos redimidos do Calvario.

Posto que invisivel, mas verdadeiro Pastor e Bispo das vossas almas (2), como lhe chama o Principe dos Apostolos, o divino Salvador é quem as illumina pela

(1) S. Cypr., *Epist.* LXIX.

(2) *Ad Pastorem et Episcopum animarum vestrarum.*
(1. Petr., II, 25.)

sua palavra, quem as vivifica pela sua graça, quem as rége pela sua auctoridade soberana. Todas estas grandes cousas, porém, as não exerce Elle junto a cada um de vós senão pelo ministerio visivel do Bispo que vos foi dado. N'elle concentrou Jesu-Christo a plenitude do seu eterno sacerdocio.

Dizemos adrede a plenitude. Com effeito, o sacerdocio de Jesu-Christo vem surgindo progressivamente nos degráos inferiores da hierarchia sagrada, mas ahi só apparece em seus primeiros delineamentos. No presbytero é que elle se produz em toda a sua realidade e com ineffaveis magnificencias, permanecendo entretanto incompleto pela impossibilidade da sua reprodução. No Bispo porém eil-o que attinge o seu complemento final, que recebe a sua gloriosa corôação: o Bispo traz em si, com todos os poderes do sacerdocio, a fecundidade e o poder de transmissão da virtude sacerdotal. E' o *summus sacerdos*, é o sacerdote completo, é o pontifice.

Grande poder o do Bispo! Identificando-o com a sua divina Pessoa por uma participação maravilhosa dos seus ineffaveis attributos, Jesu-Christo fêl-o doutor, pontifice e pastor da sua Igreja. Doutor, o Bispo é o mestre e o juiz da fé na sua diocese; pontifice, d'elle rebentão em plena effusão as graças da Redempção; pastor, elle traz em suas mãos o báculo do governo: sacerdotes e fieis estão sujeitos á sua jurisdicção (1).

(1) *Vid.* a nossa Pastoral — *Da Igreja e da sua divina missão*, pag. 84.

Pelo Bispo a Igreja particular possui, em toda a realidade, a verdade illuminadora de Jesu-Christo, os sacramentos vivificadores de Jesu-Christo, a acção regedora de Jesu-Christo; n'uma palavra, tudo o que vem de Jesu-Christo para as almas, decorre e se difunde pelo Bispo sobre os fieis confiados á sua sollicitude pastoral. Pelo Bispo, que ensina, santifica e governa, a sociedade das almas se dilata cada dia, o corpo mystico do Salvador toma novos e maravilhosos incrementos.

Esteja onde estiver a Cathedra em que elle se assente, ou na illustre Metropole de um poderoso imperio da culta e opulenta Europa, ou na humilde Sé de uma obscura ilha da Oceania, perdida lá na amplidão dos mares, o Bispo constitue com os seus venerandos collegas de Episcopado, dispersos pelo mundo, a parte principal da Igreja de Jesu-Christo. Nobilissima e conspicua Magistratura, a que obedece todo o orbe catholico, cheia de luzes incomparaveis, adornada de uma sciencia sem rival, fecundissima nas santas operações do bem; Magistratura divinamente preposta pelo Espirito-Santo para reger toda a Igreja de Deos e fazer chegar a acção de Jesu-Christo até ás mais remotas fronteiras do seu imperio: *Spiritus Sanctus posuit Episcopos regere Ecclesiam Dei* (¹).

Sob o impulso unitivo do Espirito divino, que sopra onde e como lhe apraz (²), de todos esses Principes

(1) Act., XX, 28.

(2) *Spiritus ubi vult spirat.* (Joan. III, 8.)

das familias leviticás fórma-se uma entidade maravilhosa, unica, a honra e a gloria da Igreja, o esplendor da sua vida, o vigor da sua operação. Com effeito, que admiravel harmonia de pensamentos em todas aquellas intelligencias ! que sublime conformidade de resoluções em todas aquellas vontades ! que ineffavel concordia de sentimentos em todos aquelles corações !

Oh ! prodigio ! Quando o divino Organizador da Igreja deo começo á sua obra grandiosa, eramos doze apenas ; e hoje ? Hoje somos mais de mil ! Sim, mais de mil a governar a santa sociedade das almas !... Entretanto, apezar da grande diversidade de raças, de nacionalidades, de idiomas, de costumes que nos separam, dizemos todos por toda a parte a mesma verdade em linguas dessemelhantes, laboramos todos n'uma função collectiva debaixo de céos distinctos, annunciamos todos o mesmo Christo em latitudes differentes ; somos todos solidarios no exercicio do mesmo sacerdocio supremo.

De onde nos vem tamanha maravilha, que por si só é uma demonstração e uma apologia ? E' que, no dizer de S. Cypriano de Carthago, o Episcopado é uno, divinamente indivisivel ; e cada um dos seus membros o possui na sua perfeita integridade e plenitude : *Episcopatus unus est, cujus a singulis in solidum pars tenetur* (1). Solidariedade tão completa que, para dizê-lo de passagem, ouvir e ver a um só d'entre nós,

(1) S. Cypr., *De unitate Ecclesie*, n. 5.

fallando e operando consoante aos sagrados canones, o mesmo é que ouvir e ver a todo o Collegio Episcopal.

Eis ahi o Bispo ! eis ahi o Episcopado ! Honrai-o, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, reverenciai-o, rendei-lhe a homenagem da vossa submissão, que vos achais em presença de uma instituição divina.

« Nomear o Bispo, diz admiravelmente S. Dyonisio Areopagita, é designar um homem profundamente unido a Deos, enriquecido de santas revelações ; um homem em quem se concentram todas as energias do poder espiritual. A origem d'esse sacro-santo Principado cumpre ir buscá-la na fonte da vida, na essencia da bondade, n'aquella Trindade augusta que é a causa suprema, universal, e que, por superabundancia de amor, dá a cada cousa o ser da sua perfeição (1). »

IX

Mas, ao contemplar maravilhados essa bella e imponente Magistratura composta dos Chefes do povo christão, exercendo collectivamente os mesmos poderes sobre a sociedade das almas, cada um dentro da circumscripção que lhe foi attribuida, não vades cuidar, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, que seja esta uma fórmula aristocratica dada por Jesu-Christo ao poder espiritual da sua Igreja. Não. Jesu-Christo não poz nem quiz na sua Igreja a fórmula aristocratica.

(1) S. Dyon., *De Ecclesiastica hierarchia*.

Vêde acima dos Bispos, no ápice da hierarchia sagrada, vêde o Papa, successor de S. Pedro, vigario de Christo, cabeça visivel da Igreja universal. Saudai-o, que vos achais ante a mais alta potencia do universo !

Como successor de S. Pedro e Vigario de Jesu-Christo na terra, o Papa é o Chefe supremo do Episcopado, e por isso o Chefe supremo de toda a Igreja catholica. Acima dos Bispos ha pois um poder, o do Papa ; e além do Papa não ha outro poder acima dos Bispos.

Não fallamos, bem entendido, dos degráos intermediarios da hierarchia ecclesiastica, os Patriarchas, os Primazes, os Arcebispos ; porque todos estes, como taes, não são de direito divino.

Mas que ?.... Jesu-Christo não é porventura o Chefe dos Bispos ? Não é o Chefe da Igreja universal ? Acaso tem o Episcopado e tem a Igreja dous Chefes differentes, — Jesu-Christo e mais o Papa ?

Jesu-Christo, não ha duvida, é o Chefe do Episcopado, é o Chefe da Igreja ; mas Chefe invisivel. Entretanto a Igreja, centro onde se devem aggremiar os remidos do Calvario, deve de ser, como tal, uma sociedade visivel ; e por isso exige forçosamente um Chefe visivel. Este é o Papa.

Nem se diga : Jesu-Christo, verdadeiro Deos e verdadeiro homem, basta, como Chefe, á sua Igreja, assim como elle é o seu unico Esposo e o seu unico Pastor.

« Não, não lhe basta, » responde o mais sabio dos santos e o mais santo dos sabios. E continúa : « E' manifesto que, na Igreja, quem opéra as maravilhas da

santificação é Jesu-Christo mesmo ; elle é, com effeito, o que baptiza, elle o que remitte peccados ; elle é o verdadeiro Sacerdote, que se immolou na ara da cruz e cuja palavra poderosa consagra cada dia sobre os nossos altares o seu corpo sacramentado ; e entretanto, como não devia permanecer junto aos fieis de um modo corporal, escolheo ministros seus por meio dos quaes assentou dispensar aos christãos esses divinos sacramentos. Pela mesma razão, devendo subtrahir á Igreja a sua presença corporal, necessario era confiar a alguem, que suas vezes fizesse, o cuidado de reger e governar a Igreja universal (¹). »

Assim pois, — notai bem ! — dizendo que o Papa é o Chefe dos Bispos, como é o Chefe da Igreja universal, não queremos dizer que seja um chefe secundario, um chefe á parte, collocado entre Jesu-Christo e o Episcopado.

Não, isso não póde ser. « Rebaixado ficaria o Episcopado, observa um grave theologo, se algum degraó,

(1) *Si quis autem dicat, quod unum caput et unus pastor est Christus, qui unius Ecclesie sponsus : non sufficienter respondet. Manifestum est enim quod ecclesiastica sacramenta ipse Christus perficit : ipse enim est qui baptizat, ipse est qui peccata remittit, ipse est verus sacerdos, qui se obtulit in ara crucis, et cujus virtute corpus ejus in altari quotidie consecratur ; et tamen quia corporaliter non cum omnibus fidelibus presentialiter erat futurus, elegit ministros, per quos predicta fidelibus dispensaret. Eadem igitur ratione, quia presentiam corporalem erat Ecclesie subtracturus, oportuit ut alicui committeret qui loco sui universalis Ecclesie gereret curam.* (Santo Thomaz de Aquino, *Sum. contra Gent.*, lib. IV, c. 76.)

na escala hierarchica, se interpuzesse entre Jesu-Christo e elle (1). ».

Será então o Papa um Bispo que recebe por delegação ou instituição de todo o Collegio episcopal a sua prerogativa e a sua cathegoria, exercendo elle só, para o bem publico, o poder soberano radicalmente commum a todos os seus irmãos ?

Ainda menos. Ouvi o douto benedictino ha pouco citado :

« O Papa é, em união com Jesu-Christo, acima do Episcopado, um mesmo Chefe do Episcopado ; um mesmo Chefe, um mesmo doutor, um mesmo pontifice, um mesmo legislador da Egreja universal ; ou antes, é Jesu-Christo, esse Chefe unico, feito visivel, fallando e operando na Egreja pelo orgão que a si mesmo se deo : porquanto, elle se declara pelo seu Vigario, por elle falla, por elle opéra e governa (2). »

Eis ahi como todos aquelles Pontifices que vimos presidindo, por ordenação divina e com auctoridade propria, Egrejas particulares, são poderes subordinados a um poder supremo, delegação immediata de Jesu-Christo. Todos elles reconhecem acima de si, identificado com o proprio Christo, um Chefe soberano, visivel, que, igualmente por ordenação divina, preside a Egreja universal.

Tal é a fórmula da auctoridade sempre viva e permanente na vasta sociedade das almas.

(1) D. Gréa, *De l'Église et de sa divine constitution*. Livr. II, c. I, pag. 138.

(2) *Ibid.*, loc. citat.

« Graças a esta constituição, diz o insigne Bossuet, tudo é forte na Igreja, porque ahi tudo é divino, e tudo ahi está unido ; e como cada parte é divina, divino é tambem o vinculo ; e a ligação é tal, que cada parte opéra com a força do todo ; . . . porque tudo foi posto primeiramente em Pedro, e a correspondencia é tal, em todo o corpo da Igreja, que o que faz cada Bispo, segundo a regra e o espirito da unidade catholica, isso com elle faz toda a Igreja, todo o Episcopado e o Chefe do Episcopado (1). »

A fórma aristocratica está pois excluida da Igreja por esta razão peremptoria, que na Igreja um só impera acima de todos com poder realmente soberano. E, pela mesma razão, evidente se faz que, ainda menos, não póde existir na Igreja a fórma democratica.

Attendei a isto. Cá, n'esta sociedade admiravel das almas, ao inverso das sociedades temporaes, o poder de que se achão investidos os chefes não vem, não póde vir de baixo ; vem de cima, e vem de cima unicamente como Jesu-Christo quiz e assentou que viesse, isto é, por uma transmissão directa e immediata.

« A multidão, diz com elegante phrase um douto Prelado, não constituiu o poder espirital ; ao contrario, o poder é que compoz a multidão. Com effeito, que era d'ella nos primordios da Igreja ? Eu vejo os Apostolos, principes da fé, a caminhar por entre um mundo dividido, disperso ; as almas, á semelhança de peixes arrastados pelas torrentes, erão arrebatadas

(1) Bossuet, *Serm. sur l'unité de l'Église.*

para os abysmos ; elles, pescadores transfigurados, á guisa de malhas de rêde, trazem nos labios uma palavra sábia que atirão sem cessar ; e as almas apanhadas formão o povo a quem os pescadores intimão as leis de uma nova vida (1). »

Não, o povo fiel, embóra cheio da incomparavel grandeza e da sublime dignidade que lhe confére o seu baptismo, não concorre para a transmissão do poder espiritual. O poder da Egreja não reside nos fieis, nem isolada nem collectivamente considerados. Onde e quando vistes alguem dar o que nunca teve ? Diremos mais : o povo fiel não tem parte alguma no poder da Egreja ; e até, sem a participação do sacerdocio, ao menos n'um dos seus degrãos inferiores, embóra o infimo, o christão é incapaz de um átomo sequer de jurisdicção ecclesiastica.

O poder espiritual, dæscendo de Jesu-Christo, concentra-se todo, primeiramente, no Papa, como successor que é de S. Pedro, e do Papa se transfunde, pela auctoridade das chaves symbolicas, sobre os demais Principes do povo christão dispersos pelo orbe e que, em união com o mesmo Papa, formão o Episcopado.

Logo, corollario ineluctavel, só o Papa, na sua qualidade de Chefe da Egreja, como successor que é de S. Pedro e Vigario de Christo, póde instituir e fazer um Bispo. Queremos dizer que não ha nem póde haver Episcopado legitimo fóra d'essa origem unica.

Eis ahi pois, a fórmula monarchica perfeitamente

(1) Berteaud, *Lettre pastorale sur le sacerdoce*, pags. 8 e 9.

accentuada na magna Carta que o divino Fundador da sociedade das almas e universal Restaurador de todas as cousas (¹), houve por bem outorgar á sua Egreja muito amada.

Sim, « Deos quiz a monarchia para a sua Egreja, observa o eloquente Monsabré, sem duvida porque esta é a fórma sob a qual a sua Providencia governa o mundo e porque não ha senão um só Senhor das almas cuja salvação compete á Egreja assegurar : Aquelle que as resgatou com o seu sangue. Occulto por entre os esplendores do céo, onde só a nossa fé o pôde attingir, esse divino Senhor apparece aos olhos da nossa carne na pessoa do Monarcha espiritual que em seu nome exerce a suprema auctoridade (²). »

A fórma monarchica permanecerá indestructivel na Egreja de Deos. Os seculos succeder-se-hão um apoz outro, trazendo cada um as suas tendencias characteristics, as suas orientações diversas ; a propria disciplina ecclesiastica padecerá no decurso das idades, sob as influencias locaes, innumeras variações mais ou menos profundas ; mas a divina Constituição da Egreja, tal como sahio das mãos de Jesu-Christo, conservar-se-ha inalteravel no meio da perpetua inconstancia e mutabilidade das instituições terrenas, sobranceira sempre a todas as fluctuações e vicissitudes dos homens.

(1) *Instaurare omnia in Christo, quæ in cælis, et quæ in terra sunt.* (Eph., I, 10.)

(2) Monsabré, *Exposition du dogme catholique. Carême de 1882*, pag. 17.

X

Tal é em sua belleza, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, tal é em sua magnificencia a doutrina catholica ácerca do poder de que se acha investido o Chefe universal da Egreja ! Ahi se vê a origem d'esse poder, a sua natureza, o seu modo de transmissão, o seu objecto ; e tudo isso para procurar a glorificação de Deos e a santificação dos homens.

Ao expôr-vos tão relevante doutrina, não temos sido mais que o écho fiel de abalisados theologos ; outra cousa não tentámos fazer senão reduzir á breve synthese os seus altos ensinamentos, sem comtudo empecer á clareza sempre necessaria em taes assumptos.

Agora, para complemento da nossa exposição doutrinal, devemos desatar uma duvida que, quer-nos parecer, já vos terá salteado a mente.

Qual é, perguntareis, a *modalidade* propria d'essa divina monarchia das almas, tal como Jesu-Christo a deixou instituida na sua Egreja ? Será, porventura, o poder do Papa, como parece, uma auctoridade absoluta ?

Não ha duvida que é ; e, se reflectirdes bem, nada mais racional que o seja : esta é uma consequencia rigorosamente logica dos principios estabelecidos e explicados.

Não vos assusteis porém ao som d'essa palavra ; que aqui ella não tem a accepção odiosa que certos publicistas de má fé lhe attribuem e que fére desagra-

davelmente a delicadeza dos vossos ouvidos. Já ides ver que vos não achais em presença de um *absolutismo ferrenho*, tão repugnante á recta razão como antagonico ás vossas idéas habituaes ácerca da liberdade.

Não o esqueçais. Pelo factio mysterioso, mas real, da sua plena identificação com o Filho de Deos feito homem, o Papa fórma com Elle um só poder. Assim, o poder que o Papa, como Chefe da Egreja, exerce sobre a universalidade do povo christão, sobre a sociedade religiosa toda inteira, não é um poder méramente ministerial. Na qualidade de Vigario de Nosso Senhor Jesu-Christo e seu Representante visivel entre os homens, o Papa está investido de uma auctoridade verdadeiramente suprema, independente, soberana.

« Tudo está sujeito ás suas chaves, — disse em circumstancia solemne e memoravel o insuspeito Bossuet, — tudo, reis e povos, pastores e rebanhos (1) ! »

E' a mais elevada e expressiva realidade do poder divino sobre a terra. Ora, esta esplendida soberania espiritual, que reconhecemos e proclamamos em união com os catholicos das cinco partes do mundo, que é um dogma fundamental da nossa fé, não póde deixar de ser, no sentido mais lato, uma auctoridade verdadeira-mente absoluta.

Sim, a auctoridade do Papa é uma auctoridade absoluta, porque, attendendo á sua origem, descende directamente de Deos, é uma instituição immediata de Jesu-Christo na pessoa do Principe dos Apostolos,

(1) *Sermon sur l'unité de l'Église.*

como adiante demonstraremos ; absoluta, porque, attendendo á sua natureza, é a mais alta fonte de auctoridade espiritual e d'ella emana, na Igreja de Deos, qualquer outra auctoridade, qualquer outra jurisdição ; absoluta, porque, attendendo ao seu modo de transmissão, bem longe de ser uma simples e méra delegação dos próceres da Igreja ou do povo christão, exprimindo-se ou por aclamação ou por suffragio positivo ou por consentimentos tacitos, é antes, em toda a realidade, a expressão formal da vontade de Jesu-Christo ; absoluta, porque, attendendo á fórma do seu funcionamento, o Chefe da Igreja opéra consoante ao mandato que recebo do céo e nada tem que ver com o mandato de assembléas humanas ; absoluta, porque, attendendo ao seu objecto, o Papa é a regra viva da fé com a qual se deve conformar toda a Igreja, é o centro animado da unidade catholica, para onde devem convergir todos os christãos ; absoluta, porque, attendendo á sua extensão, o Vigario de Jesu-Christo não está sujeito a ninguem, e tudo no governo das almas depende das suas soberanas decisões ; absoluta, finalmente, porque, attendendo á sua personificação, é o proprio poder de Jesu-Christo subsistindo n'esse homem extraordinario que, n'uma carne fragil e mortal, representa sobre a terra o Pontifice santo e eterno dos céos, Rei immortal e invisivel dos seculos, Deos unico, a quem é devida para sempre toda a honra e toda a gloria (1).

(1) *Regi sæculorum immortalis et invisibilis, soli Deo, honor et gloria in sæcula sæculorum.* (1. Tim., I, 17).

Como vêdes, a auctoridade do Chefe da Igreja não pôde deixar de ser absoluta sem ir de encontro ás condições especiaes da sua essencia.

« Mas, em derredor d'essa auctoridade absoluta, — exclama a proposito o citado Monsabré, — que admiraveis temperamentos ! A lei natural, mais claramente conhecida que em qualquer outra parte e mais fortemente impressa nas consciencias ; a assistencia do Espirito-Santo ; a Escriptura, cujo texto sagrado cumpre respeitar ; a tradição, cujos ensinamentos se devem seguir ; instituições divinas a que nada se pôde mudar ; uma aristocracia veneranda cuja cooperação não é licito dispensar e que se não pôde reduzir ao méro papel de mandatária, porque o Bispo recebeo do Espirito de Deos não só o poder de fazer ouvir a voz dos seus conselhos, mas ainda o direito de deliberar, de julgar, de pronunciar, de definir, de legislar, de reger, por sua conta e em seu proprio nome, a porção do rebanho assignalada á sua jurisdicção. Além d'isto, nada de hereditariedade, o que equivale a dizer, nenhum cuidado em preparar por meio de intrigas ou actos de prepotencia os destinos de uma dynastia ; mas a porta largamente aberta tanto ao plebeismo como á nobreza para chegar á mesma dignidade suprema ; os pastores, os filhos de camponezes e de artistas, n'uma palavra, os mais obscuros dos filhos do povo, podendo succeder aos filhos dos principes ; o filho do sapateiro Pantaleão, cuja tenda é hoje uma igreja franceza, Urbano IV, succedendo ao conde de Segni e de Marsi, Alexandre IV ; o camponez Nicoláo Boccasini, Ben-

to IX, ao descendente dos Gaetani, Bonifacio VIII ; o obscuro hollandez Florent, Adriano VI, ao illustre Medicis, Leão X ; o pastor de immundo gado, Peretti, Sixto V, a Gregorio XIII, da familia dos Buoncompagni. Taes contrastes são frequentes na historia da sagrada monarchia. Considerando, de um lado, a eminente dignidade dos Bispos, e, do outro, a facilidade sempre crescente com que os filhos do povo ascendem a esta dignidade, não hesitou Bellarmino em dizer : « O governo da Egreja é uma monarchia temperada de aristocracia e de democracia (¹). »

Julgai agora vós mesmos se a Monarchia absoluta que santamente preside aos destinos da Egreja universal, entendida como deve de ser, é acaso um *espantalho* para as almas ! Não ! é uma sublime criação de Jesu-Christo ! Ainda mais : é Jesu-Christo mesmo reinando sobre a humanidade e exercendo os direitos da sua eterna soberania. Deos, com effeito, o constituiu Rei sobre a mystica Sião, montanha santa das suas grandes misericordias. D'ahi é que elle intima ao mundo, pela voz do seu immortal Vigario, os preceitos sanctificadores da sua divina lei (²).

Avivai, christãos, a vossa fé ! A Egreja, eis o reino de Jesu-Christo sobre a terra ; reino que, na phrase do velho Tertulliano, se estende por toda a parte com o seu bemdito nome : *Christi regnum et nomen ubique*

(1) Monsabré, *Exposition du dogme catholique. Carême de 1882*, pag. 19.

(2) *Ego autem constitutus sum Rex ab eo super Sion montem sanctum ejus, prædicans præceptum ejus.* (Ps. II, 6.)

porrigitur. Na Igreja e pela Igreja exercê o Salvador a sua realeza por toda a parte, por toda parte é adorado : *Ubique regnat, ubique adoratur*. Igual para todos, elle é verdadeiramente o Rei de todos : *Omnibus æqualis, omnibus rex* (1).

Recapitulando o que temos dito ácerca da fórma de governo na sociedade religiosa, um só, — o Bispo, subordinado ao Papa e em união com elle, — preside na Igreja particular ; um só, — o Papa, no vertice da hierarchia sagrada, sem superior na terra, — preside na Igreja universal com toda a plenitude da soberania.

Assim devia de ser e assim é. A unidade será o primeiro caracter distinctivo da verdadeira Igreja.

E' o que ora passamos a ver.

XI

A Igreja catholica, a unica verdadeira, é um corpo, o corpo mystico de Christo ; corpo formado pela multidão de fieis que o baptismo une ao Salvador, corpo animado pela presença do Espirito-Santo. D'ahi, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, a necessidade de um Chefe supremo pelo qual se reduza a uma unidade, mas unidade viva, avigorada e operante, toda aquella immensa multidão destinada á vida de Christo e á gloria da sua eterna bemaventurança.

« Sem Chefe, diz um pío escriptor, a Igreja não seria *una* ; seria um cadaver, um corpo sem nome, ou

(1) Tertull., *Adversus Judæos*, n. 7.

antes, já não seria um corpo ; seria apenas uma multidão de membros esparsos, de individuos estranhos uns aos outros ; já não seria *uma* familia, *um* exercito, *um* rebanho. A unidade da familia vem do chefe, que é o pai ; a unidade do exercito vem do chefe, que é o general ; a unidade do rebanho vem do chefe, que é o pastor. Ora, a vida e a força vêm da união, vêm da unidade. A vida e a força da Igreja vêm unicamente de Nosso Senhor Jesu-Christo, seu divino Chefe, que reina no mais alto dos céos e a enche do seu Espirito-Santo. O Pai celeste constituiu pois a Jesu-Christo chefe de toda a Igreja, diz S. Paulo, e a Igreja é o seu corpo e o seu pleno desenvolvimento ; porquanto Jesu-Christo é que é tudo em todos e que se dilata em todos os seus membros (1). »

Estabelecer n'uma divina unidade a multidão innumeravel das almas redimidas pelo Senhor, eis ahi uma das graças principaes da Redempção.

Necessitaremos porventura lembrar a celebre palavra do summo sacerdote da lei velha, embóra prevaricador, mas fallando como inspirado propheta no anno em que lhe competia exercer officialmente as funcções pontificaes ? « Não sabeis, exclama Caiphaz perante o Sanhedrin, que Jesu-Christo deve morrer pela salvação do povo ? » Assim é necessario, explica

(1) *Ipsum (Christum) dedit (Deus) caput supra omnem Ecclesiam quæ est corpus ipsius, et plenitudo ejus, qui omnia in omnibus adimpletur.* (Eph., I, 22 e 23.) *Vid. Ségur, Le Souverain Pontife, c. I, pag. 10.*

o Evangelista, para congregar tambem n'um só corpo os filhos de Deos que andão dispersos pelo mundo : *Ut filios Dei, qui erant dispersi, congregaret in unum* (¹).

A unidade ! Este é pois o cunho caracteristico que o divino Salvador quer deixar magnificamente impresso na sua obra de predilecção. A Egreja tem de reproduzir este esplendido attributo de Deos. A unidade será um dom do céo ; dom precioso que ha de descer ás entranhas da humanidade redimida passando atravez das amarguras do Salvador e surgindo dos merecimentos da sua divina morte.

Oh ! com que vehemencia o Senhor Jesus implora do céo para os seus discipulos a graça d'esse bem tão precioso, que o peccado do homem afugentára da terra !

Escutai a prece que na hora suprema se desprende dos seus labios. A occasião não podia ser nem mais grave nem mais solemne. Jesu-Christo acaba de deixar instituido o sacramento do seu grande amor. Por elle se ha de perpetuar a sua presença entre os filhos dos homens, que estas são as suas singulares delicias : *Delicite mee esse cum filiis hominum* (²). A divina Paixão vai começar : ainda alguns instantes, e ella se irá desenrolando em variadissimas peripecias, cada qual mais dolorosa, desde o prologo angustiado de Gethsemani até ao desfecho sangrento do Golgotha.

O olhar illuminado de Jesus penetra os segredos do futuro. Ai ! a quantas provações vai ficar exposta

(1) Joan., XI, 52.

(2) Prov., VIII, 31.

a sua Igreja atravez dos seculos do tempo e da nequicia dos homens ! . . . Nada porém sensibilisa tanto o terrnissimo coração do Salvador como o pungente espectáculo das divisões intestinas com que o orgulho tentará pôr em risco a unidade da sua obra. Sim ! a discordia virá, insuflada sempre pelo poder das trévas e colligada não poucas vezes com essas paixões de ignominia que refervem nas profundezas do coração humano, tão miseravelmente deteriorado pela culpa primitiva. Oh ! com que variadissimas artimanhas pretenderá o genio do mal dilacerar a sociedade dos seus discipulos !

A' esta visão penosissima, não pôde o divino Jesus represar a grandeza da sua mágoa ; e pois, n'uma comovente elevação da sua alma bemdita, exhala diante do eterno Pai os sentimentos dolorosos que o impressionão. Tomando então a attitude de supplicante, eil-o que lhe recommenda de modo ineffavel os seus discipulos presentes e futuros.

— « Pai santo, — exclama entre outras deprecações não menos sublimes, — Pai santo, guarda em teu nome aquelles que me déste para que sejam uma mesma cousa, assim como nós o somos : *Ut sint unum sicut nos* (1) ! »

E, mais adiante, accentuando melhor o objecto da sua prece :

— « Rógo . . . para que todos sejam uma mesma cousa, assim como tu, Pai, o és em mim, e eu em ti ;

(1) Joan., XVII, 11.

afim de que tambem elles sejam em nós uma mesma cousa : *Ut et ipsi in nobis unum sint* (¹). »

Prece poderosa de Jesus, sahida mais do seu coração que dos seus labios ! Ella vai assegurar na unidade e pela unidade a firmeza indestructivel da sua Egreja !

A unidade ! Eis ahi ainda o grande e precioso bem que o Apostolo S. Paulo, todo penetrado do pensamento sublime do divino Mestre, se esforçava por consolidar entre os fieis, relembrando-lhes a graça inapreciavel da sua vocação ás esperanças christãs. Ouvi as instantes recommendações que endereça aos seus queridos de Epheso : « Lembrai-vos que, discipulos de Jesu-Christo e aggremiados no seio da sua Egreja santa, deveis todos formar um só corpo e um só espirito, tendo sempre em mente que uma só e a mesma é a esperança a que fostes divinamente chamados pela graça de Deos : *Unum corpus et unus spiritus, sicut vocati estis in una spe vocationis vestrae* (²). » Correspondei pois aos amoraveis designios d'Aquelle que vos remio e andai constantemente sollicitos em manter entre vós o espirito de unidade, apertando cada vez mais o vinculo de paz que vos deve prender como a irmãos que todos sois em Jesu-Christo : *Solliciti servare unitatem spiritus in vinculo pacis* (³). »

Nada mais luminoso nas sagradas Escripturas do que a declaração formal d'èsta divina unidade da Egreja em todas as suas manifestações. « Não ha se-

(1) *Ibid.*, 21.

(2) Eph., IV, 4.

(3) *Ibid.*, 3

não um só Senhor, proclama ainda o grande Apostolo, não ha senão uma só fé, um só baptismo, um só Deos e Pai de todos : *Unus Dominus, una fides, unum baptisma, unus Deus et Pater omnium* (1); do mesmo modo não ha senão um só mediador de Deos e dos homens, que é Christo Jesus, Deos e homem verdadeiro : *Unus et mediator Dei et hominum homo Christus Jesus* (2). »

Eis ahi uma triplice unidade que ha de resplandecer na Igreja : unidade de intelligencia ou de doutrina, — uma só fé ; unidade de vida sobrenatural, — um só baptismo ; unidade de operação, — um só Senhor, um só Mediador.

Sim, unidade de doutrina, de vida e de operação ! E' de mister que esta fórma divina se imprima por toda a parte ; missão sublime que o Verbo divino descido á terra vai realisar pela acção do Apostolado, exercendo este um só magisterio, um só sacerdocio, um só regimen. Mas esta unidade de magisterio, de sacerdocio e de regimen reclama peremptoriamente a unidade de governo na augusta Igreja de Deos.

D'ahi a concentração e a assimilação dos fieis n'uma sociedade unica, debaixo da direcção imperiosa de um Chefe supremo. Tal é a vontade formal de Jesu-Christo, declarada expressamente n'uma palavra sua em seu santo Evangelho : « Ha de haver um só rebanho

(1) Eph., IV, 5 e 6.

(2) Tim., II, 5.

regido por um só pastor, e este, por isso que unico, supremo : *Fiet unum ovile et unus pastor* (1). »

Não o esqueçamos. A Igreja, sociedade universal dos filhos de Deus, tem que affrontar as vicissitudes de todos os tempos : ella necessita pois de uma força que lhe assegure, no meio das versatilidades das cousas humanas, a posse d'esse dom precioso da unidade que recebo do seu divino Fundador ; uma força que lhe mantenha incolume a triplice unidade de intelligencia, de vida e de operação, que a deve caracterisar. A obra de Jesu-Christo não póde achar essa força maravilhosa senão na unidade de um governo universal.

Ouçamos aqui, muito a proposito, ao eloquente Lacordaire :

« Se Jesu-Christo houvesse de permanecer visivel sobre a terra, elle proprio seria a força que havia de reconduzir tudo a si, o centro de onde partirião e para onde tornarião, afim de se diffundirem de novo, todos os raios da unidade. Aprouve-lhe porém não immortalisar a sua presença sensivel no meio de nós ; quiz deixar-nos, sim, a sua pessoa, mas occulta debaixo de symbolos de vida, e a sua palavra encerrada na Tradição e na Escripura, cousas estas que, não podendo defender-se por si mesmas contra a divisão, necessitão de um depositario unico e permanente que seja o orgão supremo da palavra evangelica e o manancial inviolavel da communhão universal. Era necessario que

(1) Joan., X, 16.

Jesu-Christo, continuando a ser do alto do céo o vinculo mysterioso da sua Igreja, tivesse n'este mundo um vigario que fosse o vinculo visivel d'ella, o oraculo vivo, a unidade mãe e mestra. De todos os milagres a operar, e entre os acontecimentos superiores ao homem, de que vem cheia a historia do Christianismo, nenhum ha que dê mais assumpto á meditação, e em que o braço de Deos se ostente com maior pujança (1). »

Essa auctoridade central, que ha de manter em toda a sua firmeza a unidade da Igreja atravez dos seculos, Jesu-Christo a deixou instituida na pessoa do Principe dos Apostolos. Sociedade visivel e immortal, a Igreja ha de ter um Chefe visivel e permanente. Para este fim Jesu-Christo, seu Chefe invisivel e eterno, subroga a Pedro na Chefia suprema da mesma Igreja, e na pessoa de Pedro aos seus successores até á consummação dos tempos. Eis ahi o Papa, como successor do principe dos Apostolos, occupando na terra o lugar de Jesu-Christo e exercendo em seu nome, como se elle presente fosse, as altissimas funcções da sua eterna soberania sobre a santa sociedade das almas.

Esta instituição do divino Mestre é immutavel : graças a ella, a unidade está assegurada e garantida para sempre na sua obra. O Papa, continuação indefectivel da pessoa de Jesus n'este mundo, é, como tal, o centro poderoso de attracção e cohesão para onde deverão convergir todos os discipulos do Senhor.

(1) Lacordaire, *Lettre sur le Saint-Siège*, tom. VI das suas obras, pag. 168.

D'essa auctoridade central partirá para todas as direcções a força prodigiosa que ha de operar o movimento unificador. Reunir os homens em communhão na Igreja de Jesu-Christo e imprimir na grande familia christã o character divino da unidade : *Ut sint unum, sicut nos!* — tal ha de ser, perpetuamente, a sua gloriosa missão.

XII

Tempo é de vermos agora no Evangelho, veneráveis Irmãos e Filhos muito amados, o successivo desenrolar do magnifico plano do Fundador da Igreja e a magestosa instituição d'esse poder central que deve em si reduzir tudo á unidade.

Alguns discipulos, ainda em apoucado numero, induzidos pela auctoridade austera do Baptista, que pré-gava o baptismo da penitencia nas margens risonhas do Jordão e não cessava de apontar ás turbas o Cordeiro de Deos, expiador dos peccados do mundo, agrupão-se em derredor de Jesus, e, reconhecendo n'elle o Messias esperado, começam de acompanhá-lo em todas as suas excursões evangelicas (1).

Este é o nucleo da sociedade admiravel a cujo grémio virão acolher-se todos os que hão de crer em o nome de Jesus.

Os membros d'esta sociedade deverão, como já deixámos dito, receber a fé por intermedio de um magisterio

(1) *Vid.* Joan., II, e Matth., III.

visível, legitimo, permanente no seio d'essa sociedade ; e por isso ali se constituirão duas classes distinctas, uns ensinando e outros ensinados, uns santificando e outros santificados, uns governando e outros governados.

Apenas se engrossa o numero dos seus discipulos, Jesus opéra entre elles uma primeira divisão, deixando entrever os delineamentos d'aquella futura magistratura. Da multidão dos discipulos destaca elle doze, que serão mais tarde os depositarios do seu poder. São os doze apóstolos, base do Episcopado, que, sob a influencia da virtude do Espírito-Santo, terá que reger a Igreja de Deos.

Como vêdes, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, o mysterio da unidade começa a desentranhar-se. Aquelles doze, que então erão, e os seus successores, os Bispos, que hoje somos mais de mil, eis ali os Chefes espirituaes de grandes povos, que o eterno Pai vai dar em herança ao seu divino Filho : *Dabo tibi gentes haereditatem tuam* (1). Por meio d'estes Chefes serão os povos, herança de Christo, ligados ao poder central, onde se deverá consummar o mysterio da unidade.

Mais tarde, o pensamento da unidade se accentúa mais luminoso ainda ; o mysterio caminha, aproxima-se e avulta.

Reparai com attenção. D'entre os doze, já apartados para o Apostolado, Jesu-Christo escolhe um, que

(1) Psalm., II, 8.

d'aquelle momento em diante fica sendo o primeiro : *Primus Simon, qui dicitur Petrus* (¹).

Quem era elle ?

Era o pescador Simão, filho de João. Quando nos primeiros dias da vida publica do Salvador, André, seu irmão e pescador como elle, o levára á presença do Messias, déra-se uma scena mysteriosa, que aqui não devemos passar em silencio.

Diante d'aquelle obscuro barqueiro do mar de Tiberiades, teve Jesus uma divina intuição, que não escapou ao historiador sagrado : *Intuitus eum Jesus* (²). Foi uma intuição especial, demorada, significativa. Aquelle homem estava marcado desde toda a eternidade. O olhar humano de Christo parecia o illuminado prolongamento do olhar de Deos. O divino Salvador acha-se pela primeira vez em presença d'aquelle que *ab æterno* é destinado a ser o seu substituto sobre a terra, o sustentaculo, a base, a pedra fundamental da sua Igreja. Com que affectuoso alvoroço o não receberia Jesus ? Bem sabia elle, observa singelamente um pío commentador, o que havia de fazer d'aquelle homem : *Jesus vero alacriter eum suscepit, sciebat enim quid de ipso factururus esset* (³).

Sim, em seus conselhos eternos, havia Deos fixado com amorosa complacencia o seu olhar sobre o humilde pescador de Bethsaida ; e agora, prolongando-se esse

(1) Matth., X, 2.

(2) Joan., II, 42.

(3) Ludolphus de Saxonia, *Vita Jesu Christi*, part. I, c, XXIV, n. 6.

divino olhar atravez do orgão visual da humanidade sacratissima assumida pelo Verbo, apprehende Jesus o seu futuro substituto, e sem hesitação o designa pelo seu nome e filiação : *Tu es Simon, filius Jona!*

E como que impaciente de reter occulto por mais tempo o intento divino, para logo accrescenta esta mysteriosa palavra, que deixa entrever a gloria vindoura de Simão : Tu terás de ser chamado Cephás, que quer dizer *pedra* : *Tu vocaberis Cephás* (¹).

Este era o estylo de Deos na lei antiga. Ao investir um homem de algum cargo elevado, ao conferir-lhe uma grande missão, a primeira cousa que fazia era mudar-lhe mysteriosamente o nome. Assim, depois da dispersão de Babel, ao fundar o patriarchado na pessoa de Abrão, troca-lhe Deos o nome e chama-lhe Abrahão, para designál-o como chefe e centro da nova sociedade (²). Assim igualmente, quando o patriarchado se deve transformar na Igreja israelitica, escolhe Deos a Jacob para chefe e centro d'ella, trocando-lhe então o nome pelo de Israel (³).

Eis ahí pois o filho de Jonas marcado com uma appellação mysteriosa que presagia muitas e grandes cousas.

Mas não anticipemos : ouçamos aqui de preferencia a Bossuet :

« Acharemos no Evangelho, diz elle, que Jesu-Christo, querendo dar começo ao mysterio da unidade

(1) Joan., loc. cit.

(2) Gen., XVII, 5.

(3) *Ibid.*, XXXII, 28 e XXXV, 10.

na sua Igreja, entre todos os discipulos escolhe doze : mas querendo conservar o mysterio da unidade na mesma Igreja, entre os doze escolhe um. *Chamou os seus discipulos*, diz o Evangelho ; eil-os todos ahi ; e *entre elles escolheo doze* ; eis ahi uma primeira separação, e escolhidos que forão os apóstolos : *Estes são os nomes dos doze apóstolos* : O PRIMEIRO É SIMÃO, QUE SE CHAMA PEDRA. Eis ahi uma segunda separação. S. Pedro posto á frente, e por esta razão chamado com o nome de *Pedra, que Jesu-Christo*, diz S. Marcos, *lhe havia dado*, para preparar, como vereis, a obra que meditava, de levantar todo o seu edificio sobre esta pedra (1). »

XIII

Mais tarde, indo já avançada a carreira do seu ministerio publico, o divino Salvador digna-se de revelar o seu pensamento com a maior clareza.

Achava-se um dia Jesus ás portas da cidade de Cesaréa de Philippe cercado dos seus discipulos. Interroga-os ahi ácerca das differentes versões que entre o vulgo corrião a respeito da sua personalidade. A opinião publica, sempre dividida e versatil, mas sempre audaz nas suas affirmações, não assenta n'um conceito definitivo. Para uns o Filho do homem é João Baptista, para outros é Elias, para outros é Jeremias ou algum dos antigos Prophetas redivivo.

(1) Bossuet, *Serm. sur l'unité de l'Église.*

Mas isto são opiniões incertas e vacillantes de homens estranhos. — « Vós porém, discipulos meus, interroga em tom solemne o divino Mestre, vós que me conheceis de perto, que viveis de ha muito na minha intimidade, que sois testemunhas quotidianas das minhas palavras e acções, vós porém quem dizeis que eu sou? *Vos autem quem me esse dicitis?*

Tomando a dianteira aos seus companheiros de apostolado, Pedro, illuminado por uma luz especial do alto, brada com o accento de uma convicção profundamente arraigada :

— Tu?... sim, tu és Christo, Filho de Deos vivo!
Tu es Christus, Filius Dei vivi.

Era chegada a hora de uma esplendida manifestação do plano de Jesus.

— Bemaventurado és tu, Simão, filho de João; *Beatus es!* responde o Salvador ao seu inspirado discipulo. Ah! não, não foi nem a carne nem o sangue que te revelou tão sublime verdade. De meu Pai, que está no céu, te veio a luz que te illuminou a mente. Pois ouve o que eu agora te vou dizer a ti, e só a ti: *Tibi dico: Tu és Pedra, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e contra ella jámais prevalecerão as portas do inferno: Tu es Petrus et super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam et portæ inferi non prævalent adversus eam* (1).

Diz ainda Jesus outras cousas esplendidas a Pedro;

(1) Matth., XVI, 13 a 18.

mas não passemos adiante sem deixar ponderadas as que acabamos de ouvir.

Pedro, pondo-se acima dos mesquinhos conceitos humanos, proclama a divindade de Jesus perante os demais apóstolos ; e, em recompensa da sua gloriosa confissão, ouve a Jesus proclamar perante as mesmas testemunhas as suas grandezas futuras.

Assim, na bocca de Christo, uma affirmação responde a outra affirmação.

— Tu és Christo ! brada o Apóstolo para o seu divino Mestre.

— Tu és *pedra*, pedra mysteriosa ! brada a seu turno o Filho de Deos para o prégoeiro da sua divindade.

Ora, para que uma affirmação corresponda adequadamente, como premio, á outra affirmação, é preciso que esta mysteriosa denominação de *pedra*, com que Jesus designa a grandeza do seu Apóstolo, exprima alguma prerogativa especial, grandiosa, divina.

Das suas palavras claramente se deprehende a intenção do Filho de Deos. Que pretende elle ? Pretende estabelecer uma sociedade religiosa depositaria da sua doutrina, edificar uma Igreja sua, que lhe ha de pertencer de modo exclusivo: *Ædificabo Ecclesiam meam*. Este edificio mystico ha de assentar sobre uma base firme, inconcussa ; ha de ter uma duração perpetua ; ha de resistir a todos os assaltos do poder das trévas.

Mas, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, de que meio se ha de valer o divino Architecto para realisar o seu elevado intento ?

Vêde a maravilha. Jesus tomará em peso esse pobre velho pescador, que acaba de confessar altamente a sua divindade, e dará com elle dentro dos fundamentos da Igreja, como pedra angular a sustentar toda a magestade do edificio !

Que admiravel metamorphose ! A esse discipulo timido, fraco, vacillante, Jesus fál-o-ha *pedra* ; comunicar-lhe-ha a dureza, a solidez, a resistencia do granito, e sobre elle assentará a mole ingente do edificio que intenta construir : *Super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam*. D'esta sorte o edificio ficará indestructivel !

Venhão enfurecidos os poderes infernaes, levantem-se os turbilhões do erro, desencadêem-se os vendavaes das paixões, avancem embravecidos os vagalhões do mal, conspirem juntas todas essas forças da nequicia humana e diabolica, tentando arruinar a obra de Christo !... Baldadas tentativas !

Assentada magestosamente sobre o prodigioso granito que Jesus lhe deo por base, a Igreja permanece inabalavel. Na sua calma, que nada pôde perturbar, desafia a furia das cohortes infernaes colligadas contra ella, e ri-se da impotencia dos seus tresloucados assaltos : *Et portæ inferi non prævalebunt adversus eam !*

Mas ponderemos ainda uma palavra do nosso texto.

Sóe a Sagrada Escriptura designar a Jesu-Christo sob o character symbolico da pedra : *Petra autem erat*

Christus (¹). Esta é a pedra mysteriosa que a perfidia judaica rejeitára com desdem e ignominia, mas que, no plano da Providencia, ficou sendo a pedra angular da casa de Deos : *Hic factus est in caput anguli* (²). Esta é a pedra viva, divinamente eleita e honorificada : *A Deo electum et honorificatum*, á qual se devem sobre-pôr todas as outras pedras vivas, destinadas á construcção do edificio espiritual da Igreja : *Ad quem accedentes lapidem vivum* (³).

Mas attendei, sacerdotes e fieis ! O proprio Salvador é quem se digna de caracterisar com a mesma denominação figurativa o discipulo intrepido que lhe confessou a divindade. Oh ! grandeza de Simão Pedro ! Jesu-Christo chama-lhe *pedra*, e assim nos faz entrever outro mysterio. Estabelecer-se-ha entre o Filho de Deos e o filho de João uma intima relação de semelhança ; diremos mais, uma perfeita identificação de attributos. Pedro será por participação o que Jesu-Christo é por natureza.

Grande texto de Isaias ! « Nos fundamentos de Sião, diz o Senhor por aquelle seu Propheta, eis que hei de assentar uma pedra : *Ecce ego mittam in fundamentis Sion lapidem* (⁴). » Mas que pedra será essa ? . . . Uma pedra experimentada, declara o Propheta : *lapidem probatum*, e, por isso, á prova de todas as resistencias ; uma pedra angular : *lapidem angularem*, logo,

(1) 1. Cor., X, 4.

(2) 1. Petr., II, 7.

(3) *Ibid.*, 4.

(4) Is., XXVIII, 16.

sustentando todo o peso do edificio e ligando entre si as diversas partes d'elle ; uma pedra preciosa : *lapidem pretiosum*, de tal modo que será um ponto de attracção para o universo inteiro e communicará a mais firme estabilidade a tudo quanto estiver em contacto com ella.

Vai por diante o texto do Propheta e acrescenta mysteriosamente : Essa pedra será fundada sobre o fundamento : *Lapidem in fundamento fundatum* (1). Quem será porém essa mysteriosa pedra de que falla aqui o Propheta ? Christo não pôde ser, que é fundamento, não ha duvida, mas fundamento por si. Logo, é Pedro, feito fundamento pela sua união com Christo, base principal : *In fundamento fundatum*.

Eis ahi pois dous fundamentos : um fundamento primario — Nosso Senhor Jesu-Christo ; um fundamento secundario — o apostolo S. Pedro ; mas um fundamento sobreposto a outro : Pedro apoiado sobre Christo e n'este contacto participando da sua divina força. O Filho de Deos vivo, fundamento da verdadeira Sião — a santa Igreja ; Simão Bar-Jona, pedra tambem fundamental, mas identificada com o fundamento divino que a ninguem é dado substituir : *Lapidem in fundamento fundatum*.

Jesus é no céo o fundamento da Igreja, mas fundamento invisivel ; Pedro será na terra o fundamento da mesma Igreja, mas fundamento visivel. Por sua natureza divina, Jesus é o fundamento principal, a

(1) *Ibid.*

força viva, a base indestructivel, o sustentaculo inabalavel d'esse edificio mystico. Por uma admiravel participação, Pedro será tudo isso em união com Christo. Resistencia, vitalidade, força, estabilidade, solidez, indestructibilidade, tudo isso, para garantia perpetua da maravilhosa construcção, lhe virá de Jesus ; tudo isso está na promessa divina. O humilde pescador de Bethsaida, penetrado da virtude do Filho de Deos, susterá sobre os seus hombros de homem, robustecidos, tornados inflexiveis por mão divina, a magestade immensa d'esse edificio que, descansando primariamente sobre Christo, vai erguer até aos esplendores do céu o seu alteroso e soberbo fastigio !

Não esqueçamos porém, sacerdotes e fieis, que, por emquanto nos achamos unicamente em presença de uma promessa ; mas promessa feita sob a garantia da palavra irrefragavel do Filho de Deos. Jesus tenciona edificar a sua Igreja : *Ædificabo* ; não agora, mais tarde. A edificação está por emquanto differida.

Ha porém uma cousa que desde já podemos reter : é que este edificio mystico, quando construido, assentará sobre Pedro. Esta ha de ser a sua base, a sua pedra fundamental.

O mysterio da unidade está em plena luz ! O' fieis de Christo, pedras vivas de que se ha de formar o maravilhoso edificio da sua Igreja, para entrardes n'essa esplendida edificação tereis que assentar forçosamente sobre o fundamento unico escolhido por Jesus. A ninguém será licito pôr outro fundamento além d'esse, que foi divinamente determinado : é prohibido substi-

tuil-o : *Fundamentum aliud nemo potest ponere præter illud quod positum est* (1) ! Ai ! das pedras que forem procurar outra base : não farão parte do templo vivo e animado que Jesus levanta á eterna magestade de Deos !

Esperai um pouco e vereis em que vai dar essa espuria construcção. Tudo será em breve reduzido a um triste montão de ruinas desprezadas !... Haja vista o Schisma grego, curvado tristemente sob a catana do Tzar ! Que aviltamento !... Haja vista o Protestantismo, a dissolver-se em centenaes de seitas rivaes ! Que desordem !...

XIV

Mas ainda não é tudo.

O divino Salvador não se contenta com declarar ao seu privilegiado Apostolo que elle será feito pedra fundamental do edificio da sua Igreja.

A cada passo, na Sagrada Escriptura, é a Igreja denominada — o reino dos céos : *Regnum cælorum*. Ora, este reino, que deve ser visível afim de que a elle se possam acolher os eleitos do Senhor, não póde deixar de ter á sua frente — já o vimos — um Chefe supremo, um Rei tambem visível que faça as vezes de Christo, seu Rei invisível.

Quem será, veneraveis Irmãos e Filhos muito

(1) 1. Cor., III, 2.

amados, o venturoso mortal chamado a essa honra tão sublime ?

— Quem ? O mesmo Pedro.

Ouví ainda como lhe falla o divino Mestre, continuando a desenvolver o seu plano relativamente aos destinos gloriosos d'esse Apostolo e como completa as magnificencias da sua divina promessa.

— « Eu te darei as chaves do Reino dos céos. E tudo o que atares sobre a terra, atado será tambem nos céos, e tudo o que desatares sobre a terra, desatado será tambem nos céos : *Et tibi dabo claves regni caelorum. Et quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum et in caelis ; et quodcumque solveris super terram, erit solutum et in caelis* (1). »

Percorrei com o pensamento o mundo inteiro e verificareis entre os povos, maximé os do Oriente, um costume universal.

Entregar a alguem as chaves de uma cidade ou de um reino, sempre e por toda a parte o mesmo foi que reconhecê-lo cabeça d'essa cidade, chefe supremo d'esse reino. Acção symbolica, pela qual se declara que aquelle que recebe as chaves, emblema do poder, possui a plenitude da jurisdicção, um poder supremo para abrir e fechar, isto é, para reger e governar a sociedade politica.

Do mesmo symbolo usa a Sagrada Escriptura. Ao summo sacerdote Eliacim promette Deos pelo orgão de Isaias a chave da casa de David, insignia do seu poder

(1) Matth., XVI, 19.

e auctoridade : *Elle abrirá e não haverá quem feche ; elle fechará e não haverá quem abra* (¹). A mesma chave symbolica de David vemos nas mãos d'aquelle mysterioso personagem que se chama no Apocalypse o Santo e o Verdadeiro. *Elle abre e ninguem fecha ; elle fecha e ninguem abre*, — escreve o Vidente ao Anjo da Igreja de Philadelphia (²).

Vale-se Christo d'este mesmo symbolo para designar a auctoridade que a Pedro será conferida no governo da sociedade religiosa, a Igreja universal. Sob a garantia da sua irrefragavel palavra : *Et ego dico tibi*, promette Jesu-Christo depor nas mãos de Pedro, até aqui affeitas unicamente ao meneio do remo, as chaves mysticas do Reino dos céos.

Assim pois, aquelle humilde pescador será elevado a uma dignidade entre todas eminente, investido de um poder sem igual. Chefe supremo da Igreja, competir-lhe-ha uma prerogativa sublimissima : a elle tocará, aqui na terra, lavrar sentenças em ultima instancia, ligando ou desligando as consciencias. Vigario de Christo, Pedro nada fará *ad referendum*, como os plenipotenciarios dos reis da terra. Consoante á promessa divina, em que deixou Christo empenhada a sua palavra, as sentenças de Pedro, proferidas na terra,

(1) *Et dabo clavem domus David... Et aperiet, et non erit qui claudat; et claudet, et non erit qui aperiat.* (Is., XXII, 22.)

(2) *Hæc dicit Sanctus et Verus, qui habet clavem David qui aperiet et nemo claudit; claudit et nemo aperit.* (Apoc. III, 7.)

irão echôar no céu. Alli será infallivelmente ratificado tudo quanto aqui houver Pedro estatuido.

Oh ! immensa e inaudita commissão de Jesu-Christo ao seu Apostolo ! Que juizo humano poderá comprehendê-la ! Ouçâmol-a entretanto elegantemente ponderada por S. Pedro Damião, a seu turno explicado e commentado pelo insigne Vieira :

« Apparece Pedro, e ao arbitrio do seu imperio todo o mundo é ou não é o que elle quer que seja : se liberta, todo livre ; se ata, todo atado e preso. Deos está no céu e na terra, quando manda o céu e a terra : Pedro, estando na terra, manda a terra e mais o céu. Se da terra chovesse para cima.... não seria grande maravilha ? Pois isto é o que passa no governo de Pedro ; não descem os decretos do céu para a terra, mas sóbem da terra para o céu : Pedro é o que manda, e Deos o que se conforma. Conformam-se com o entendimento, conformam-se com o poder. O que entende, o que quer, o que ordena e manda Pedro, isso entende Deos, isso quer Deos, isso ordena e manda Deos. E por que razão, quando Deos despacha no seu tribunal supremo, todos os espiritos angelicos assistem em pé, e só Pedro preside assentado ? Porque o tribunal de Deos e o tribunal de Pedro não são dous, senão um só e o mesmo (1). »

(1) Vieira, *Sermões*, ediç. mod., tom. VIII, pag. 245, onde vem em sua integra o elegante texto de S. Pedro Damião.

XV

A' medida que se avizinha o termo da sua carreira temporal, vai Jesu-Christo esboçando com linhas cada vez mais accentuadas a missão augusta de Pedro.

Ouvi ainda a commovente declaração que o Divino Mestre, pouco antes de morrer, lhe faz em occasião solemne.

Era na vespera da sua Paixão, n'aquella ultima ceia, em que, instituida já a divina Eucharistia, diffundia Jesus o seu ternissimo coração no coração inquieto, saudoso dos discipulos, e lavrava as clausulas amorosas do seu testamento.

Pondo affectuosamente os olhos sobre o discipulo privilegiado, que n'um momento de fraqueza o havia de negar, Jesus lhe dirige com accento contristado estas admiraveis palavras :

— « Ai ! Simão, Simão, eis que Satanaz vos pedio para vos joeirar como o trigo. Mas eu roguei por ti para que não desfalleça a tua fé ; e tu, uma vez convertido, confirma a teus irmãos : *Ego rogavi pro te ut non deficiat fides tua, et tu aliquando conversus confirma fratres tuos* (1). »

Eis ahi, em termos formaes e positivos, claramente expressa uma nova prerogativa toda pessoal de Pedro.

O Filho de Deos põe-se ainda uma vez diante de seu Pai em attitude de supplicante : elle ora em favor

(1) Luc., XXII, 31 e 32.

de Pedro. Que prece e que virtude n'essa prece ! Jesu-Christo, — reparaí bem ! — é sempre ouvido de seu Pai, em attenção á infinita dignidade da sua divina Pessoa : *Exauditus est pro sua reverentia* (¹).

Atravez dos meritos de Jesus a infallibilidade da fé descera sobre Pedro : *Ut non deficiat fides tua*. A fé do pescador de Tiberiades terá de ser a fé da Igreja universal.

Admiravel palavra : *Confirma fratres tuos!* « Esta palavra — *confirma a teus irmãos* — diz com razão Bossuet, não é uma ordem dada por Jesu-Christo a S. Pedro em particular ; é um officio perpetuo que elle erige e institue em sua Igreja. . . . Deve haver sempre um Pedro na Igreja para corroborar os seus irmãos na fé : este era o meio mais proprio para estabelecer a unidade de sentimentos que o Salvador desejava mais que tudo (²). »

Mas para que possa efficazmente corroborar os seus irmãos, é de rigorosa necessidade que Pedro não desfalleça.

Pedro, bocca da Igreja — *os Ecclesiae*, como lhe chamão os Santos Padres, — ha de ter o genero humano por discipulo respeitoso e submisso. A prece de Jesus alcança-lhe um privilegio divino, o dom da inerrancia. Sem isto, lá se vai a unidade da fé, lá se vai a pureza da doutrina, lá se vai a integridade do dogma !

A furia do poder das trévas, quasi que sem inter-

(1) Hebr., V, 7.

(2) Bossuet, *Serm. sur l'unité de l'Église*.

mittencias, desencadear-se-ha contra os discipulos de Christo e os fará passar pelo crivo de dolorosas provações: *Ecce Satanas expetivit vos ut cribraret sicut triticum* (1). Ai! quantos d'elles, sacudidos pela violencia do furacão, serão arrebatados como tenues palhas que o vento leva!....

Virão perseguições, virão heresias, virão escandalos. Agitada de ondas encapelladas, achar-se-ha muitas vezes a humilde barquinha de Pedro envolta n'ellas e em perigo de sossobrar: *Ita ut navicula operiretur fluctibus* (2).

Durante esses angustiosos transes, quantos, intimidados pelo pavoroso apparatus dos instrumentos de supplicio, precipitar-se-hão no abysmo da apostasia! Quantos, enredados nas malhas do erro, repudiarão a verdadeira fé! Quantos, seduzidos pelas doçuras traiçôeiras das paixões, apartar-se-hão da verdade!

Quem defenderá então a unidade da fé? A palavra de Pedro. Quem salvará a sociedade christã? A palavra de Pedro.

A prece victoriosa de Jesus assegura aos discipulos do Evangelho esse poderoso ponto de apoio. Pedro será, e só elle, indefectivel na fé. A sua palavra não conhecerá vergonhosas tergiversações. Não a poderão surprehender os subterfugios do erro nem as torturas conseguirão amedrontál-a. Não! aquelles labios jámais atrairão a verdade! Firme na sua immutabilidade,

(1) Luc. XXII, 31.

(2) Matth., VIII, 24.

infallivel no seu ensino, inquebrantavel na sua constancia, Pedro só fixará os vacillantes, alentará os tímidos, levantará os cahidos, confirmará os fortes : *Confirma fratres tuos !* Só elle preparará á grande causa de Christo infalliveis e brilhantes triumphos !

Pedro é immutavel ! Pedro é invencivel ! A prece de Jesus, sempre attendida : *Ego rogavi pro te*, opéra este prodigio, o maior assombro dos seculos !

XVI

Jesus ressuscitou ! Ainda um pouco de tempo, e os discipulos o não verão mais. Chegada é a hora de realisar a sua promessa. Pedro vai receber do divino Mestre a solemne investidura dos poderes a elle promettidos.

Scena sublime ! A's margens do mar de Tiberiades apparece o Salvador aos seus discipulos e na presença d'elles procede a um mysterioso interrogatorio.

Dirigindo-se directamente ao discipulo cujo coração um momento fraqueára, obriga-o a reparar por uma triplice declaração de amor o escandalo da sua triplice negação no atrio de Caiphás.

Tres vezes pois pergunta Jesus a Simão Pedro : — Simão, filho de João, amas-me ? e outras tres responde-lhe Simão : — Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo.

E quando Jesus se assegurou bem do amor de Pedro ; quando d'elle ouviu que o amava muito, que o amava mais que todos, confia-lhe então os seus cordeiros.

ros, confia-lhe as suas ovelhas, isto é, confia-lhe o seu rebanho todo inteiro : *Pasce agnos meos, pasce oves meas* (¹).

Eis ahi Pedro investido no cargo de Pastor supremo !

Aqui é impossivel deixar de ouvir ainda a Bossuet, commentando este passo do Evangelho :

« Confiou Jesu-Christo a Pedro a direcção dos seus cordeiros e das suas ovelhas, do seu rebanho todo inteiro. A Pedro, primeiro que tudo, *é que é mandado amar mais que os outros Apostolos*, e, em seguida, *pastorear* e governar tudo, não só os *cordeiros*, mas tambem as *ovelhas*, os pequeninos e as mãis, e até os proprios Pastores. Pastores em relação aos povos, e ovelhas em relação a Pedro, todos n'elle honrão a Jesu-Christo, confessando tambem que com razão se lhe pede maior amor, por isso que investido fica de maior dignidade com encargo maior ; e que entre nós, sob a disciplina de mestre tal como o nosso, é de mister, consoante á sua palavra, que *o primeiro seja como elle, pela caridade, servo de todos os mais* (²).

O mysterio da unidade attingio o seu maximo desenvolvimento ! Já não ha possibilidade de equivoco : o que Jesus promettêra, está feito. Eil-o que deixa constituida uma auctoridade visivel, um centro de união, em derredor do qual podem agrupar-se todos os

(1) Joan., XXI, 15 a 17.

(2) Marc., X, 44.—Bossuet, *Sermon sur l'unité de l'Église*.

seus discipulos, certos de possuirem com a unidade de regimen a unidade da fé.

O' fieis de Christo, cordeiros seus, vós tambem, ó pastores secundarios, ovelhas suas, quereis conhecer se sois effectivamente cordeiros ou ovelhas do rebanho de Christo? Nada mais facil. Não se requerem aqui longos raciocinios, demoradas investigações: um simples relancear de olhos basta. Vêde quem está á vossa frente, quem pastorêa com auctoridade suprema as vossas almas. Vêde quem vos dirige pelas verédas da eterna salvação. E' Pedro? Oh! então alegrai-vos, que fazeis parte do mimoso rebanho de Christo, sois cordeiros seus, ovelhas suas; ides seguros: sob a sua direcção não ha perigo de trasmalhar. Com que amorosa effusão, vendo-vos elle sob o cajado pastoral de Pedro, a cuja guarda vos confiou, reconhecer-vos-ha como propriedade sua: *Agnos meos, oves meas!*

O benignissimo Jesus que, entre outros titulos a designar os seus attributos de misericordia, mais especialmente parece comprazer-se em se chamar a si mesmo o BOM PASTOR: *Ego sum Pastor bonus* (1), communicou a Pedro o mesmo titulo e commetteo-lhe sem restricções o governo do seu rebanho, querendo assim estabelecer uma nova relação de semelhança entre a sua divina pessoa e o seu discipulo privilegiado.

Oh! venturosas ovelhas de Christo! O vosso bom Pastor vos conhece a cada uma, vos chama pelo nome, e não é sem intima effusão de amor que declara que as

(1) 1. Joan., X, 11.

suas ovelhas ouvem-lhe a voz e o seguem por toda a parte. Acaso sois do numero d'essas doceis ovelhinhas sempre attentas á voz de Christo? Oh! deixai-vos então pastorêar por Pedro, que o mesmo Christo poz em seu lugar á frente do rebanho e constituiu vosso Pastor supremo. Fugi de rebanhos alheios a Christo, embóra pretendão fraudulentos acobertar-se com o seu glorioso nome. Fugi de pastores intrusos, sem missão divina, que usurpando poderes se mettem a guiar o rebanho. Quando vierem sorrateiros a convidar-vos para os seus redís illegitimos, e por isso execrandos, repellidos com altivez :—Fóra!—dizei-lhes,—não vos conheço! Ovelha sou de Christo, faço parte do seu rebanho, ouço a sua voz e sigo o Pastor que elle me deo. Não reconheço outro, a não ser o que vier em seu nome, auctorisado por Pedro. Se me acontecesse a desventura de reconhecer a outro que por elle não fosse enviado, seria uma ovelha revoltada, deixaria de pertencer ao rebanho do meu divino Pastor. As ovelhas que elle só reconhece por suas : *oves meas*, confiou-as á guarda, á vigilancia, á dedicação, ao amor de Pedro.

Eis ahi, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, eis ahi, na pessoa do Principe dos Apostolos S. Pedro, aquelle PASTOR UNICO que o Senhor, fallando pelo Propheta, ficára de suscitar um dia sobre o seu querido rebanho para conduzir-lhe as mysticas ovelhas nos pastos saluberrimos da verdade, da justiça e da santidade: *Et suscitabo super eas Pastorem unum, qui pascet eas* (1).

(1) Ezech., XXXIV, 23.

Rendei-lhe o preito da vossa humilde e amorosa vassalagem.

XVII

Tal é a soberania espiritual de Pedro sobre o orbe christão.

Os passos e textos do Evangelho que vos temos allegado, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, acompanhando-os de rapidos commentarios, projectão os mais luminosos clarões sobre aquella veneranda figura, uma das mais sympathicas do Novo Testamento. A sua supremacia está alli proclamada do modo mais peremptorio. O Salvador não podia assignalar com maior clareza a posição eminente de Pedro no Collegio Apostolico.

Toda a tradição christã é unanime em proclamar esta esplendida supremacia do Principe dos Apostolos. Facil nos fôra alinhar aqui, em longa serie de textos, a affirmação dos Santos Padres e Doutores da Igreja, testemunhas e depositarios d'essa tradição já quasi vinte vezes secular. Mas ouçamos por todos a um só, ao insigne pontifice S. Leão Magno, confirmando em sua soberba linguagem as doutrinas que vos temos declarado sobre tão relevante assumpto.

Ponderai, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, esta magnifica exposição, embóra summaria, da constituição fundamental da Igreja traçada n'uma admiravel pagina pelo grande Doutor :

« O Verbo feito carne, expõe elle, habitava já no

meio de nós (1) e todo se applicára á restauração do genero humano decahido pela culpa. Nada era confuso á sua sabedoria, nada difficultoso ao seu poder. Obedecião-lhe os elementos, sujeito lhe era o mundo espirital, ao seu serviço se achavão os anjos ; demais, não podia de modo algum deixar de ser efficaz a sua divina obra, por isso que o proprio Deos, uno e trino, lhe prestava toda a sua poderosa cooperação.

« Entretanto, eis que um homem, Pedro só, é escolhido entre todos para ser posto á frente da universalidade dos eleitos, á frente de todos os apóstolos, á frente de todos os padres da Igreja ; e d'esta sorte, ainda que no povo de Deos haja muitos sacerdotes e muitos pastores, a todos deve Pedro reger immediatamente, assim como a todos na realidade rége Christo com o seu poder soberano.

« Para este fim, dilectissimos filhos, digna-se Deos de communicar a esse homem privilegiado grande e maravilhosa participação do seu poder ; e já que lhe approuve outorgar aos outros principes da Igreja privilegios em commum com elle, todavia nunca lhes deo senão por meio de Pedro tudo quanto assentou de lhes conceder.

« O Senhor interroga por fim aos Apóstolos ácerca do conceito que d'elle fazem os homens, e todos entrão a responder em commum emquanto se trata de expôr as incertezas da ignorancia humana. Desde que porém se exige o modo de pensar dos discipulos, isto é, um

(1) Joan., I, 14.

acto de fé, o primeiro a confessar a divindade do Salvador é aquelle mesmo que é o primeiro na dignidade apostolica. E logo que elle disse : *Tu és Christo, Filho de Deos vivo*, responde-lhe Jesus : *Bemaventurado és, Simão, filho de João, porque não foi a carne nem o sangue que tal cousa te revelou, mas sim meu Pai que está nos céos* (¹).

« E' como se dissesse : Tu bemaventurado és porque me Pai te ensinou ; o que disseste não é uma opinião illusoria da terra ; é uma inspiração do céu que te illuminou ; é um ensino que te não veio por transmissão hereditaria da tua familia carnal, mas que desceo d'Aquelle cujo sou unigenito Filho. E agora, accrescenta, *te digo eu*, (o que significa, assim como meu Pai te manifestou a minha divindade, assim vou agora eu dar-te a conhecer a tua grandeza) ; agora *te digo eu que tu és Pedro*, isto é, posto que eu seja a pedra inviolavel, eu a *pedra angular que de dous faz um só muro*, eu o fundamento, além do qual ninguem póde pôr outro (²) ; comtudo, tambem tu pedra és, porque entras a participar da minha propria solidez, de modo que o que me pertence por natureza, te vai pertencer commigo por uma participação commum. *Tu pois és pedra e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ella* (³). E' como se lhe dissesse : Sobre a solidez

(1) Matth., XVI, 16 e 17.

(2) Eph., II, 14 e 20.

(3) Matth., XVI, 18.

d'esta rocha construirei um templo eterno; e da firmeza d'esta fé surgirá o edificio da minha Igreja, cujo vertice tem de ir tocar o céo (1). »

(1) Cumpre ler em seu bello texto original essa pagina admiravel. Eil-a :

« *Verbum caro factum jam habitabat in nobis* (Joan., I, 14), et reparando humano generi totum se Christus impendemat. Nihil indispositum sapientiae, nihil erat arduum potestati. Famulabantur elementa, ministrabant spiritus, angeli serviebant, nec ullo modo poterat inefficax esse sacramentum, quod simul ipsius Deitatis unitas operabatur et Trinitas. Et tamen de toto mundo unus Petrus eligitur, qui et universarum gentium vocationi, et omnibus apostolis, cunctisque Ecclesiae Patribus praeponeatur: ut quamvis in populo Dei multi sacerdotes sint multique pastores, omnes tamen proprie regat Petrus, quos principaliter regit et Christus. Magnum et mirabile, dilectissimi, huic viro consortium potentiae suae tribuit divina dignatio; et si quid cum eo commune caeteris voluit esse principibus, nunquam nisi per ipsum dedit quidquid aliis non negavit. Omnes denique apostolos Dominus quid de se homines opinentur interrogat; et tandiu sermo respondentium communis est, quandiu humanae ignorantiae ambiguitas explicatur. At ubi quid habeat sensus discipulorum exigitur, primus est in Domini confessione, qui primus est in apostolica dignitate. Qui cum dixisset: Tu es Christus, Filius Dei vivi, respondit ei Jesus: Beatus es, Simon Bar-Jona, quia caro et sanguis non revelavit tibi, sed Pater meus qui in caelis est (Matth., XVI, 16, 17); id est, ideo beatus es, quia te Pater meus docuit, nec terrena opinio te sefellit, sed inspiratio caelestis instruxit; et non caro nec sanguis, sed ille me tibi, cujus sum unigenitus Filius, indicavit. Et ego, inquit, dico tibi: hoc est, sicut Pater meus tibi manifestavit divinitatem meam, ita et ego tibi notam facio excellentiam tuam: Quia tu es Petrus: id est, cum ego sim inviolabilis petra, ego lapis angularis, qui facio utraque unum, ego fundamentum, praeter quod nemo potest aliud ponere (Eph., II, 14 e 20); tamen tu

Taes são as honras singulares a que o divino Salvador exalta a Pedro, taes os privilegios especiaes que lhe confére, collocando-o á frente dos demais Apostolos com o poder de reger todos os seus discipulos.

E Pedro — reparai bem — não se arroga esta posição excepcional, Pedro não se attribue cousa alguma. Jesus é quem lhe communica tudo, quem o investe de tão magnificas prerogativas, prerogativas a nenhum outro Apostolo concedidas.

Com effeito, Jesus mesmo — já o vimos — o designa como a pedra fundamental sobre a qual ha de edificar a sua Igreja; a elle transmitta as chaves do Reino dos céos; por elle roga para que a sua fé não desfalleça; a elle encarrega o apascentar dos seus cordeiros e das suas ovelhas (1).

Entretanto, bem conscio dos poderes que recebe, Pedro entra desde logo, apoz a Ascensão do Senhor, a exercer as funcções do seu Primado. Ninguem — reparai ainda — ninguem lhe contesta este direito, ninguem se insurge contra a sua auctoridade. Ao contrario, toda a Igreja nascente o ouve com respeito, obedece-lhe com docilidade, ora por elle com fervor.

quoque petra es, quia mea virtute solidaris, ut quæ mihi potestate sunt propria, sint tibi mecum participatione communia. Et super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam, et portæ inferi non prævalebunt adversus eam (Matth., XVI, 18). Super hanc, inquit, fortitudinem æternum extruam templum, et Ecclesiæ meæ cælo inferenda sublimitas in hujus fidei firmitate consurget. (Sermo LXXXIII, in natali S. Petri apostoli.)

(1) *Vid. Goschler, Dict. encyclop. de Théologie catholique, tom. XVIII, art. St. Pierre.*

XVIII

Abri e folheai um momento connosco o livro dos Actos dos Apostolos.

Alli vereis a Pedro sempre no primeiro plano, sempre o primeiro em tudo. E' o primeiro que determina, com a eleição de um novo Apostolo, o preenchimento da vaga aberta no Collegio Apostolico pela traição do discipulo prevaricador (1). E' o primeiro que sáhe a publico a dar testemunho da resurreição do seu divino Mestre, a interpretar com auctoridade as Escripturas, a promulgar a lei da graça (2). E' o primeiro a confirmar a fé christã pela voz pujante do milagre, consolidando, só com o estender da sua mão, os pés e as bases do pobre côxo da porta Especiosa (3), ou curando, só com a projecção da sua sombra, os innumeros enfermos alinhados á espera d'elle em seu caminho (4). E' o primeiro que annuncia o nome de Jesus aos filhos de Israel, convertendo apoz o primeiro discurso a tres mil almas, e apoz o segundo a cinco mil (5). E' o primeiro que levanta a voz perante o Sanhedrim, inquieto pela rapida expansão da nova doutrina e fulmina com a sua palavra vibrante o crime

(1) Act., I, 15.

(2) *Ibid.*, II, 14.

(3) *Ibid.*, III, 7.

(4) *Ibid.*, V, 15.

5) *Ibid.*, II, 14 e III 12.

dos sacerdotes da lei (¹). E' o primeiro que exerce na Igreja o poder coercitivo, ferindo de morte a Ananias e a Saphira pela sua mentira ao Espirito-Santo (²), ou anathematisando ao pai dos simoniacos pela sua audaciosa tentativa de mercadejar as cousas santas (³). E' o primeiro que desvenda a série das revelações divinas ao centurião Cornelio, que acolhe e evangelisa os gentios, que lhes manda conferir a graça do baptismo (⁴).

A' semelhança de avisado cabo de guerra, examinando na hora do combate a ordem da batalha, na phrase de um douto escriptor (⁵), Pedro percorre e visita as Igrejas perseguidas, deixando-as confirmadas na fé (⁶). Elle ergue continuamente a voz em defeza da Igreja, elle lhe dá a opportuna orientação, elle trava da palavra no Concilio apostolico e o seu alvitre põe termo ás discussões animadas da assembléa (⁷). Thiago, depois d'elle, ahi tambem levanta a voz, mas é para deixar bem accentuado, diante dos seus irmãos de Apostolado, que com a palavra de Pedro se harmonizão admiravelmente todos os oraculos dos Prophetas : *Et huic concordant verba Prophetarum* (⁸). E quando

(1) *Ibid.*, IV, 8 e segs.

(2) *Ibid.*, V, 1 e segs.

(3) *Ibid.*, VIII, 20.

(4) *Ibid.*, X, 1 a 48.

(5) Phillips, *Du droit ecclés.*, tom. I, pag. 58.

(6) *Act.*, IX, 32.

(7) *Ibid.*, XV, 7.

(8) *Ibid.*, 15.

entre os fieis corre voz do encarceramento de Pedro, a Igreja inteira cáhe de joelhos e não interrompe o clamor da sua prece, enquanto o céo não restitue miraculosamente á liberdade o seu augusto Chefe (1). Libertado da sua prisão, corre Pedro a consolar os fieis e, apparecendo cheio de magestade no meio da assembléa santa, com um simples aceno de mão impõe silencio a todos : *Annuens eis manu ut tacerent* (2). Mais tarde, virá Paulo de regiões longinquas, o grande Paulo, todo illuminado de celestiaes revelações. Mas a que virá?... A saudar na pessoa de Pedro o Chefe do Apostolado e a cotejar com elle o Evangelho que receberá immediatamente de Jesu-Christo (3).

Sim, scena edificante ! Paulo virá para ensinar com o seu exemplo que na Igreja de Deos ninguem, por grande e douto que seja, quaesquer que sejam as illuminações que haja recebido do céo, ninguem póde dispensar-se de ir ver a Pedro : todos têm que inclinar-se diante da sua auctoridade suprema. « Era de necessidade, como se exprime o insigne Bossuet, que o grande Paulo, Paulo, tornado do terceiro céo, viesse á cidade santa ver a Pedro : não a Thiago, posto que alli estivesse, tão grande Apostolo, *irmão do Senhor*, bispo de Jerusalém, cognominado o Justo, e igualmente respeitado por christãos e judeos : não era a elle que Paulo devia ir alli a ver : mas foi a ver a Pedro, e

(1) *Ibid.*, XII, 1 a 10.

(2) *Ibid.*, 17.

(3) Galat., I, 18.

vêl-o, segundo a força do original, como se vem a ver uma cousa cheia de maravilhas e digna de ser buscada, *contemplál-o, estudál-o*, diz S. João Chrysostomo, e *vêl-o como maior e tambem como mais antigo que elle*; vêl-o, afim de dar a fôrma aos seculos vindouros; afim de que para todo o sempre fique assentado que, por mais santo que um seja, ainda que seja outro S. Paulo, é preciso que vá a Pedro (1). »

Tal é a attitude de Pedro, tal a sua auctoridade, logo desde os primeiros dias da constituição e formação da Igreja nascente. Attitude perfeitamente definida, auctoridade claramente accentuada e acceita, uma e outra a impôr-se na historia da primitiva Igreja, com uma evidencia sem igual.

Pedro não é um homem, é uma instituição. Depois de quasi vinte seculos de permanencia ininterrupta, ali está elle ainda diante de nós mantendo a mesma attitude dos primeiros dias, ensinando, dirigindo, sustentando tudo. Na phrase admiravelmente burilada de Santo Hilario, desde a confissão do mysterio, — isto é, a divindade de Christo, — o bemaventurado Simão, estendido nas substrucções do edificio christão, continúa a suster elle só a mole ingente da Igreja sem ficar esmagado debaixo d'esse immenso peso, e empunhando sempre, com mão firme e activa, as chaves poderosas do reino celeste: *Beatus Simon, post sacramenti con-*

(1) *Sermon sur l'unité de l'Église.*

fessionem, Ecclesie ædificationi subjacens et claves regni cælestis accipiens (1).

A palavra de Jesu-Christo tem uma energia creadora. Admiremos a sua força divina na adaptação d'aquelle velho a um ministerio tão sublime. A Sagrada Escripura mostra-nos a Igreja debaixo de similes diversos, cada qual mais appropriado. E' a Igreja um edificio? Pedro é o seu alicerce. E' um reino? Pedro é o seu monarcha. E' uma náó? Pedro é o seu piloto. E' um rebanho? Pedro é o seu pastor. Onde está Pedro, ahí está a Igreja, brada toda a antiguidade christã pela bocca de Santo Ambrosio: *Ubi Petrus, ibi Ecclesia* (2)!

XIX

Devemos aqui, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, arredar um empecilho que nos surgio diante.

Uma nova seita, sahida do cerebro transtornado de um illustre louco, desmentindo a historia já quasi vinte vezes secular da sociedade christã e fazendo grandes zumbaias ao Apostolo S. Paulo, ousa attribuir a este a origem, estabelecimento e organização da nossa augusta fé.

Não póde haver mais requintada audacia.

Para os discipulos de Augusto Comte, Jesu-Christo pois não foi nem auctor nem fundador do Christianismo; e, por conseguinte, não é verdade que S. Pedro

(1) S. Hilar. Pictav., *De Trinit.*, lib. VI, c. 20.

(2) S. Ambros., *Enarratio in Psalm.* XL, 30.

tivesse tido alguma parte na constituição da Igreja nascente. O Christianismo tudo deve a S. Paulo : os seus dogmas, a sua moral, a sua disciplina, tudo isso é obra do discípulo de Gamaliel.

Este é um dogma do positivismo, um ponto de doutrina positivista definido (1).

Mas, á vista dos passos do Evangelho, que atraz deixámos commentados, ácerca do Primado conferido a S. Pedro por Jesu-Christo mesmo, e perante os factos narrados por S. Lucas ácerca da acção preponderante do Principe dos Apostolos durante o exordio da Igreja christã, já se póde avaliar — parece-nos — o gráo de fé que merece a asserção tão absurda como gratuita do positivismo hodierno.

Mas se acaso isso não bastasse para reduzi-la a pó, o proprio Apostolo S. Paulo se levantaria para repellir de si, com a sinceridade e a energia proprias do seu character, a falsa auctoria que lhe querem attribuir os discipulos de Comte em detrimento do divino Salvador e do Chefe do Collegio Apostolico.

(1) Tentando refutar uma Carta-Pastoral do actual Arcebispo de Santiago do Chile, o illustre Sr. D. Marianno Casanova, um discipulo de Comte, que lá goza de certa celebridade entre a gente da seita, teve o desplante de escrever ao venerando Prelado : « *Debo advertiros que no es Jesús, como lo creéis, sino San Pablo el fundador de la doctrina que profesáis. Esa es una verdad sociológica incontestablemente demostrada por Augusto Comte.* » (J. E. Lagarrigue, *Carta al Señor Arzobispo D. Marianno Casanova*, pag. 6.) Que protervia ! . . . Dizer-se á propria Igreja que ella não conhece a sua origem ! . . .

Sem duvida, um dia, perante o imperio Romano, sob o despotismo brutal de Nero, o grande Paulo, esse gigante da prégação christã, affirmará com todo o peso da sua immensa auctoridade a natureza da sua missão : « Eu fui, sim, constituído.... Doutor das nações na fé e na verdade : *Positus sum ego.... doctor gentium in fide et veritate* (1). »

O convertido de Damasco não necessita de outra gloria : esta só lhe basta.

Positus sum! O poder de Paulo é uma sublime delegação : jámais o ouvireis fallar em seu nome proprio. Abalançando-se a propagar o Evangelho, elle o não faz senão como servo e apóstolo (isto é, enviado) de Jesu-Christo, que, pela vontade de Deos, o segregou para este importante officio : *Paulus, servus Jesu-Christi, vocatus apostolus, segregatus in Evangelium Dei* (2).

Ao intimar aos homens a lei do céo que lhes cumpre observar, elle falla como embaixador que é e plenipotenciario de Jesu-Christo : *Pro Christo legatione fungimur* (3). Se padece perseguições por amor da verdade, que é dever seu annunciar, mettido em grilhões nada o desvanece tanto como o poder dizer-se prisioneiro de Jesu-Christo : *Ego Paulus, vincetus Christi Jesu pro vobis* (4). Na Egreja, corpo mystico do Salvador, elle exerce um papel sobremodo importante ; en-

(1) 1. Tim., II, 7.

(2) Rom., I, 1; e 1. Cor., I, 1.

(3) 2. Cor., V, 20.

(4) Eph., III, 1.

tretanto apenas se considera humilde ministro pela dispensação de Deos: *Pro corpore ejus (Christi), quod est Ecclesia, cujus factus sum minister secundum dispensationem Dei* (1).

S. Paulo fundador da doutrina que professamos!... Mas é certo que antes da sua miraculosa conversão do Judaísmo, que elle seguia com ardente zelo (2), a religião christã já contava numerosos proselytos. Como pois se póde affirmar que Paulo seja o seu auctor? Com effeito, antes que Paulo, prostrado pela mão de Deos no caminho de Damasco, recebesse a fé com a graça do baptismo, já existião communitades christãs n'um grande numero de lugares.

Não ia Paulo, cheio de odio e respirando ameaças e sangue, a essa famosa Damasco, munido de poderes especiaes da Synagoga, segundo a sua propria declaração, afim de trazer aguilhoados para Jerusalém os discipulos do Senhor que n'aquella vasta cidade residião numerosos, homens e mulheres (3)?... Com que humildade não cessa elle proprio de confessar ter sido outr'ora um grande perseguidor d'essa fé que agora faz timbre de defender! Para prova das violencias que anteriormente praticára contra os que seguião esta divina doutrina, elle invoca o testemunho do Summo Sacerdote e de todos os Anciãos do Sanhedrim, em cujo nome exercêra tão odiosa incumbencia (4). O pensa-

(1) Coloss., I, 24 e 25.

(2) Act., XXII, 3, e Galat., I, 14.

(3) Act., IX, 1, e XXII, 4 e 5.

(4) *Ibid.*, XXII, 5.

mento da sua indignidade estará sempre diante dos seus olhos. Um dia elle escreverá ainda compungido aos christãos de Corintho : « Eu sou o minimo d'entre os apóstolos ; não, não sou digno d'esse grande nome : ai ! persegui tanto a Egreja de Deos ! *Ego enim sum minimus apostolorum, qui non sum dignus vocari apostolus, quoniam persecutus sum Ecclesiam Dei* (1). »

Não é alli mesmo, em Damasco, theatro da sua conversão, que Ananias, discipulo auctorizado, obedecendo a uma ordem do Senhor Jesus, revela ao futuro Apostolo das gentes os designios do céo sobre elle, dá-lhe as necessarias instrucções e depois lhe intima a lei do baptismo para remissão dos seus peccados mediante a invocação d'aquelle bemdito Nome?... *Exsurge et baptizare, et ablue peccata tua, invocato nomine ipsius* (2) ?

— Vai, Saulo, dir-lhe-ha o céo pela voz de Ananias, encarregado de instruil-o, vai, que o Deos de nossos pais te predestinou.... para seres testemunha do Justo diante de todos os homens, narrando-lhes o que viste e ouviste : *Eris testis illius ad omnes homines eorum quæ vidisti et audisti* (3).

Um pouco mais tarde, no templo de Jerusalém, entre os transportes de um divino extase, Paulo tenta excusar-se da missão a que o céo o destina, allegando, sempre humilde, as suas violencias de outr'ora contra

(1) I. Cor., XV, 9. Vid. tambem Galat., I, 13.

(2) Act., XXII, 16.

(3) *Ibid.*, 14 e 15.

os discipulos do Senhor, e mórmente a parte que tomára na effusão do sangue de Estevão; e eis que o Senhor mesmo ratifica então a escolha que d'elle fizera, tranquillizando-o e dizendo-lhe: — Vai, que ás nações longinquas é que eu te quero enviar: *Vade, quoniam ego in nationes longe mittam te* (1).

E quando é tempo de sahir para as suas excursões apostolicas, Paulo sente — já o vimos — a necessidade de ir primeiro ver a Pedro para com elle cotejar o Evangelho que recebeo immediatamente de Jesu-Christo (2). Depois, eil-o que se parte á conquista das almas, bradando por onde passa: « Foi Christo quem me enviou a prégar o seu Evangelho: *Misit me Christus evangelizare* (3)! A graça de Deos não me é communicada senão para que eu seja constituido no meio de vós ministro de Christo Jesus: *Ut sim minister Christi Jesu in Gentibus* (4). »

Oh! como o grande arauto da fé expõe admiravelmente a divina economia do dogma christão! como illumina com a sua palavra as graças da Redempção! « — Mas vêde bem, observa elle, em tudo quanto vos tenho ensinado, outra cousa não fiz senão transmittir-vos integralmente as doutrinas que eu mesmo recebi: *Tradidi vobis in primis quod et accepi* (5). » Se elle desvenda com amor aos olhos dos fieis as maravilhas

(1) *Ibid.*, 21.

(2) Galat., II, 2.

(3) 1. Cor., I, 17.

(4) Rom., XV, 16.

(5) 1. Cor., XV, 3.

escondidas no adoravel mysterio da divina Eucharistia, é declarando, primeiro que tudo, ter recebido tão ineffavel doutrina d'aquelle mesmo Senhor que se dignou de perpetuar a sua presença no sacramento do seu amor: *Ego enim accepi a Domino quod et tradidi vobis* (1). Que de grandezas no sacramento do Matrimonio, tal como deve ser em Christo e na Igreja!... mas que excellencias superiores na virgindade christã! Ao expôr tão elevados ensinamentos, Paulo discrimina com todo o cuidado o que intima obrigatoriamente aos fieis como lei do Senhor e o que de modo facultativo lhes recommenda como méro conselho seu (2).

Para galardão dos immensos labores do seu brilhante apostolado, ah! não lhe falleis de outra gloria que não seja a ignominia da Cruz do seu amado e divino Mestre (3), mysterio de escandalo para o Judeo, de estulticie para o Gentio e da mais alta sabedoria divina para o Christão illuminado pela fé (4)! Acima da sua vida, a que elle não liga grande apreço, paira unico o desejo que o consome de ver quanto antes realizada a sua missão e completo o ministerio da palavra que recebeu do Senhor Jesus: *Ministerium verbi quod accepi a Domino Jesu* (5).

Finalmente, para não insistirmos mais ácerca de

(1) *Ibid.*, XI, 23.

(2) Eph., V, 22 e segs. e 1. Cor., VII, *passim*.

(3) *Mihi autem absit gloriari nisi in cruce Domini nostri Jesu-Christi!* (Gal., VI, 14.)

(4) 1. Cor., I, 23 e 24.

(5) Act., XX, 24.

um ponto que está fóra de toda a controversia, ouvi este solemne protesto do grande Apostolo : « Eu vól-o declaro alto e bom som, irmãos meus, o Evangelho que vos annunciei não vem de auctoridade humana ; eu o não recebi nem aprendi de homem algum : foi-me transmitido pela revelação de Jesu-Christo : *Notum vobis facio, fratres, Evangelium quod evangelizatum est a me, quia non secundum hominem ; neque enim ab homine accepi illud neque didici ; sed per revelationem Jesu-Christi* (1). »

Eis ahi com que solemnidade de affirmações declara S. Paulo a divina auctoridade do seu apostolado ; e como perante os seculos reconhece e proclama a Jesu-Christo por auctor e fundador unico da fé christã.

Entre a palavra do insigne Apostolo das gentes e a do tresloucado patriarcha do positivismo haverá quem possa hesitar ?

Descarreguemos todavia o golpe de graça sobre a audaciosa asserção do positivismo.

Sem deitar a barra tão longe como os discipulos de Comte, historiadores houve levianos, superficiaes ou mal orientados, para não dizermos ignorantes ou de má fé, que, tentando amesquinhar o glorioso papel do Príncipe dos Apostolos, atirarão a Pedro para uma falsa penumbra e pretendêrão attribuir a Paulo na Igreja nascente uma preponderancia excepcional tendente a annular até certo ponto a acção do seu collega de apostolado.

(1) Galat., I, 11 e 12.

A historia porém, a verdadeira historia, se assim nos podemos exprimir, insurge-se contra essa gratuita affirmação e protesta contra a injusta pretensão de descorôar a Pedro da gloria que lhe cabe na organização da Igreja.

Ouví como falla a historia pelo orgão de um dos seus mais auctorizados interpretes :

« Pedro, diz o doutissimo Fouard, desempenha o papel principal durante essa primeira idade da Igreja ; quem dirige o collegio apostolico é elle : elle é quem opéra, decide, organisa. Ministro do Espirito divino, Pedro vai para onde o impelle o assôpro do alto, muitas vezes ás cégas, algumas resistindo por instincto, como no terrado de Joppé (¹), mas afinal cedendo á ordem do Mestre e rendendo-se á graça. Por meio d'elle só, quinze annos mais ou menos depois do Pentecostes, Jesus constituiu a Igreja nas suas partes essenciaes. Já possui o corpo todos os seus orgãos, e estes, d'aqui em diante, irão em continuo crescimento. O Evangelho prégado pelos Apostolos ; a hierarchia fundada ; os diaconos, o sacerdocio estabelecido nas diversas communitades ; o episcopado distincto em Jerusalém, na propria Roma (²) ; a fracção do pão, em redor da

(1) Act., X, 14.

(2) Esta rapida constituição da hierarchia apparece tão clara nos Actos, que M. Renan n'ella vê uma das theorias que S. Lucas procurava principalmente abonar. « Dir-se-hia que os principios da Igreja romana pesavão sobre o auctor. Essa Igreja, desde os primeiros seculos, teve o character politico e hierarchico que sempre a distinguio. O bom Lucas quiçá entrou n'este espirito. As suas idéas sobre a auctoridade

qual se desenvolverá toda a liturgia (¹); os sacramentos, o baptismo, a confirmação, a ordem (²); finalmente, a Igreja desligada da Synagoga (³); tudo isso é obra de Pedro, e surge diante de nós já concluído ANTES QUE PAULO COMECE. Longe de preponderar então, Saulo de Tarso é apenas um mero leigo (⁴), meditando as revelações do Senhor (⁵). Se elle falla perante as synagogas de Damasco e de Jerusalém é só por occasião e como subalterno (⁶). N'esta situação inferior permanece elle durante os oito ou dez annos que se seguem á sua conversão (de 37 a 46), até ao dia em que os Anciãos de Antiochia, impondo-lhe as mãos, o entregão á graça. PEDRO POIS É TUDO Á NASCENÇA DO CHRISTIANISMO (⁷). »

ecclesiastica são muito adiantadas; está se vendo allí brotar o germen do episcopado. » Rénan, *Les Apôtres*, Introd., página XXIII. (Nota de Fouard.)

(1) Act., II, 42, 46.

(2) *Ibid.*, II, 41; VI, 6; VIII, 12, 14-17, 36-38; X, 47, 48.

(3) *Ibid.*, X, 9-18, 34-43.

(4) A opinião commum é que S. Paulo recebeu a consagração sacerdotal cerca do anno 44, quando os anciãos de Antiochia lhe impuzeram as mãos.

(5) Galat., I, 15-24. Act., XI, 25.

(6) Act., IX, 20, 28; XI, 26.

(7) Fouard, *Saint-Pierre*, préf., pag. VII-IX. Circumstancia digna de nota. O illustre historiador que acabamos de citar, persuadido de que o nome de S. Paulo dominava toda a narração das origens christãs, emprehendeo um trabalho historico sobre o grande Apostolo; mas eis que, á medida que elle estudava, á luz dos factos, a formação da Igreja, outra figura veio surgindo diante d'elle até substituir-se á do Apostolo das gentes. Era a figura de S. Pedro. Convenceo-se então de que

Não ha asserção historica mais veridica e mais incontestavel do que esta.

Eis ahi como, á luz do Evangelho e da historia das origens christãs, se photographa imponente, magestosa, aureolada a figura veneranda de Pedro. Constituido immediatamente por Jesu-Christo chefe supremo da Igreja, Pedro é tudo á nascença do Christianismo.

XX

Mas onde residirá Pedro? Chefe visivel de uma sociedade de almas, unidas ainda a corpos, é forçoso que n'um lugar visivel se estabeleça o centro da sua acção, a séde do seu governo, a capital do seu reino. « Em que parte predestinada do nosso globo, pergunta um insigne successor de Santo Hilario, em que região privilegiada collocará o todo-poderoso Fundador da Igreja a base principal, a pedra fundamental d'esse incomparavel edificio (1)? »

O Oriente, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, já teve outr'ora, segundo a original observação do illustre Cardeal Pie, grandes e extensos privilegios, desde a criação do primeiro homem até á encarnação do Verbo de Deos. Foi com effeito alli o theatro das mais

a historia da Igreja nascente se confundia com a do Principe dos Apostolos. Assim foi que, indo a escrever, sob aquelle aspecto particular, uma monographia de S. Paulo, sahio-lhe, sem querer, uma de S. Pedro.

(1) Card. Pie, *Œuvres*, tom. II, pag. 477.

esplendidas maravilhas operadas pelo Omnipotente em favor dos homens. Emquanto a idolatria avassalava o mundo, n'um recanto d'aquella immensa região se mantinha em toda a sua pureza o conhecimento do unico verdadeiro Deos : *Notus in Judæa Deus* (1). Para resumir tudo em duas palavras, alli foi o berço da civilisação antiga ; d'alli sahio tambem a verdadeira religião, a religião christã. O Oriente teve por muitos seculos em suas mãos o sceptro do mundo moral.

Devia chegar a vez do Occidente. Esplendidas promessas já lhe havião sido muito de ante-mão vaticinadas. Na plenitude dos tempos devião começar de ter o seu glorioso adimplemento. Em sua marcha successiva admirarão os seculos a fidelidade dos oraculos divinos : a influencia intellectual e moral do Occidente irá crescendo cada vez mais e só declinará com o declinar do mundo.

Oh ! gloria do Occidente ! D'alli é que o Verbo humanado, pelo orgão d'esse maravilhoso Vicariato por elle instituido na pessoa de Pedro, fará irradiar sobre o universo a sua acção misericordiosa. D'alli partirão para o mundo regenerado os oraculos do céu. Alli terá a Egreja de Jesu-Christo a sua séde principal ; alli estará situada a cidade eleita, a nova Jerusalém, excedendo á antiga em esplendor, auctoridade e dominio.

O' Roma feliz, na longa série das *preordenações divinas*, designada estás para ser a residencia do Vigario de Christo, Chefe visivel da sua Egreja, Pai

1) Ps. LXXV, 2.

de todos os christãos. Salvé, ó cidade eterna, destinada para cabeça do mundo civilizado, para base da Sé Apostolica, para centro da nova alliança ! Graças á religião de Pedro, o teu dominio se estenderá pelo orbe universo até regiões onde outr'ora não puderão penetrar as tuas aguias victoriosas !

Movido por uma inspiração do alto, Pedro tomou posse da cidade que lhe estava preparada e assentou a sua Cathedra de verdade no seio mesmo d'aquella soberba Metropole que então era a de todos os erros. Este é o lugar privilegiado de onde a luz e o amor devem projectar para todos os horizontes humanos as suas esplendidas irradiações. Durante vinte e cinco annos Pedro governa d'ahi a Egreja universal e dilata maravilhosamente as conquistas da fé.

Um dia porém um tyranno execrando, cujo nome odioso ficou inscripto nos annaes do crime como a synonymia da mais requintada crueza, espantou-se da rapida propagação d'essa nova doutrina prégada no seio da sua propria capital por um humilde e desprezível judeo.

A milhares subia já em pouco tempo o numero dos proselytos. Uma multidão ingente de christãos — *multitudo ingens!* — a expressão cahio da penna de Tacito — se entrelaçava com a immensa população da Roma pagã, attestando os admiraveis progressos do Christianismo sob o fecundo apostolado de Pedro e de Paulo, seu co-Apostolo, que tambem viera á capital do mundo sustentar com o vigor da sua poderosa palavra a grande causa de Jesu-Christo.

Pretendendo estorvar por meio da força essa maravilhosa expansão do Evangelho, provocou o tyranno corôado uma violenta perseguição contra os humildes discipulos do divino Crucificado. Accusados caluniosamente de crimes hediondos, entre os quaes o incendio de Roma, ateado, diz a historia, pelas mãos sanguinarias do proprio Néro, os christãos são condemnados em massa aos mais atrozes supplicios.

Estava aberta a éra sangrenta das perseguições. Tão angustioso periodo vai durar mais de trezentos annos.

Os cabeças da nova religião não podião escapar á sanha dos perseguidores. Em 29 de Junho do anno de 67, Pedro e Paulo, os maiores atlantes da Egreja (1), sahirão do cárcere Mamertino, e se encaminharão para o lugar do supplicio, onde cada um devia receber a corôa do martyrio.

Em respeito ás suas regalias de cidadão romano, Paulo foi decapitado. Mas Pedro, misero judeo votado á ignominia, teve que padecer o supplicio da cruz. Novo traço de semelhança que o céo assim preparára entre o Filho de Deos e o pobre pescador de Bethsaida, seu representante supremo sobre a terra! Pedro, confuso de tão sublime honra, teve então uma humildade não menos sublime. A' força de rogativas, alcançou dos seus algozes, como graça especial, a consolação de ser crucificado com a cabeça para baixo.

Simão Pedro confirma com a sua morte, diante das

(1) A phrase é de Vieira.

altivas muralhas da Roma de Néro, a divindade d'aquelle mesmo Jesus que outr'ora elle confessára, primeiro que todos, ao pé das portas de Cesaréa de Philippe. Ao seu supremo testemunho juntára-se o testemunho supremo de Paulo. Os dous gloriosos Principes da terra, que tanto se havião amado em vida, como canta a Liturgia sagrada, não se achárão separados na morte (1); e assim, na mesma hora, sellárão ambos com o seu sangue a verdade d'essa fé, que ambos havião annuciado ao universo !

Apenas exhalára Pedro o ultimo suspiro, acudio um dos seus discipulos por nome Marcello, e, auxiliado por duas piedosas matronas romanas, Anastacia e Basilissa, desprégou da cruz o venerando corpo do seu santo Mestre. Com mãos piedosas o embalsamárão, depositando-o em seguida nas memoraveis catacumbas. Mais tarde, foi esse venerando cadaver trasladado para um sepulchro condigno. Roma, soberba de tão precioso thesouro, abriga-o hoje sob um zimborio gigantesco arremessado aos ares pela mão audaz de Miguel Angelo ; monumento mais esplendido da Christandade, sempre a redizer, perante os seculos, em louvor de Pedro, a divina palavra da sua solemne investidura, quando acabava de declarar o grande mysterio de Christo : *Tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam !*

(1) *Gloriosi principes terræ, quomodo in vita sua dilexerunt se, ita et in morte non sunt separati.* (Brev. Rom., antiph. ad Laud. in Suffr. Sanctorum.)

XXI

Com a morte porém de Pedro, não se extinguiu acaso o seu primado? No soberbo sepulchro, onde repousa o seu corpo, não está por ventura com elle encerrada para sempre a sua auctoridade soberana?

Não! veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, não!... Isso não era possível!... Pedro, já o dissemos, não é um homem, é uma instituição, e uma instituição perpetua, permanente, divina. As necessidades da ordem providencial exigem esta instituição, as leis do universo a reclamão, a vontade soberana de Deos a impõe. Logo, muito embóra encarnada n'um homem, esta instituição não morre, não póde morrer.

Ouçamos ainda uma vez a Bossuet :

« A palavra de Jesu-Christo, que de nada opéra o que bem lhe apraz, diz a Aguia de Meaux, dá esta força a um mortal. Não se diga, não se pense que o ministerio de S. Pedro termine com elle : o que deve servir de sustentaculo a uma Egreja eterna jámais póde ter fim. Pedro viverá nos seus successores ; Pedro fallará sempre na sua cathedra : é o que dizem os Santos Padres ; é o que affirmão seiscentos e trinta Bispos no Concilio de Chalcedonia (¹). »

Tal é tambem, podemos accrescentar, o que confir-

(1) Conc. Chalc., Act., II, 3, *apud* Labbe, tom. IV, col. 368, 425. Relat. ad Leon., *ibid.*, col. 833.—Bossuet, *Sermon sur l'unité de l'Église*.

mão quinhentos e trinta e tres Bispos no Concilio ecumenico do Vaticano. Sob a augusta presidencia do immortal Papa Pio IX, a veneranda assembléa conciliar, uma das mais illustres que os seculos têm presenciado e a primeira em que as Dioceses da nossa America estiverão representadas, proclamou solemnemente que : « o Apostolo S. Pedro, Principe e Chefe dos Apostolos, que recebeo de Jesu-Christo as chaves do reino dos céos, VIVE, PRESIDE E JULGA, até ao presente tempo, agora e sempre, EM SEUS SUCCESSORES, os Bispos da Santa Sé Romana, fundada por elle e consagrada com o seu proprio sangue (¹). »

Com effeito, como deixámos dito em outro lugar (²), já que na Lei nova está abolida a transmissão do sacerdocio pelo sangue, a transmissão do poder supremo de Pedro não se poderá operar senão pela Sé onde elle houver por ultimo exercido o seu ministerio.

Mas como se realisa este prodigio ?

« O primeiro Papa foi creado immediatamente por uma palavra de Jesu-Christo. Todos os que vierão depois e todos os que hão de vir serão creados pela virtude d'essa mesma palavra. A' morte de um Papa, o seu poder não passa para ninguem : os eleitores apre-

(1) . . . *Qui (beatissimus Petrus) ad hoc usque tempus et semper in suis successoribus, episcopis sanctæ Romanæ Sedis, ab ipso fundatæ, ejusque consecratæ sanguine, vivit et presidet et judicium exercet.* (Conc. Vatic., Const. dogm. *Pastor æternus.*)

(2) *Vid.* a nossa Carta Pastoral, *Da Egreja e da sua divina missão*, pag. 76.

sentão o individuo ao sôpro vivificador. Deos faz o resto. Não ha sacramento na Igreja que confira tamanho poder. Por isso que é supremo, Deos reserva a si o gerál-o de cada vez. E' obra especialmente divina ; o Verbo põe na vida o poder vicarial com a sua propria mão. Uma palavra creadora, de imperecedoura energia, resôa atravez das idades e prolonga a série dos pontifices (¹). »

A Providencia divina, no decurso dos seculos, encarregou-se de corroborar pela voz dos factos o ensino da Igreja, e com uma especialissima assistencia, que se não desmentio um só momento, confirmou no mesmo sentido as palavras e as intenções de Jesu-Christo.

Demais, antes de deixar o tabernaculo de seu corpo mortal, onde, viajor apressado, elle não repousára senão de passagem (²), Pedro empenhou a sua palavra, — palavra que, já sabeis, não falha ! — Com que segurança prometteo elle aos fieis não omittir cuidado algum afim de têl-os sempre presentes depois da sua morte, continuando a exercer sobre elles a sua dedicação e o seu amor : *Dabo autem operam et frequenter habere vos post obitum meum* (³) !

Vêde a maravilha. Os seculos se succedem, a morte prolonga os seus estragos, os homens desaparecem, as instituições humanas baquêão, as dynastias mais

(1) Berteaud, *Lettre past. sur le pouvoir temporel du Pape.*

(2) *Velox est depositio tabernaculi mei.* (2. Petr., I, 14.)

(3) *Ibid.*, 15.

bem robustecidas são de repente arrebatadas pelo torvelinho das revoluções ; mas Pedro, estendido inabalavel nas substrucções da santa Igreja de Roma e sempre victorioso das vicissitudes humanas, não olvida a sua promessa nem deixa aggravada a sua palavra.

N'aquella augusta Sé Romana, que elle illustrou com a sua presença e consagrou com o seu sangue, surge em tempo opportuno um herdeiro dos seus poderes, um representante do seu amor, um continuador da sua missão. Na pessoa dos Romanos Pontifices elle sustenta sem cessar o edificio da Igreja, confirma os seus irmãos vacillantes, guarda intemerato o deposito da fé, pastorêa o mimoso rebanho de Christo.

Debalde a morte, essa cruel inimiga do genero humano, exerce sem descanso a sua obra sinistra e exige tambem dos successores de Pedro o ominoso tributo imposto a todos os mortaes ! Pedro véla incessantemente para que se não interrompa a sua successão n'aquella veneranda Cathedra de onde elle dirigia outr'ora os seus oraculos para o mundo inteiro.

Lá vem, desde cêrca de vinte seculos, se estendendo pelo tempo adiante, sem solução de continuidade, essa admiravel cadêa de soberanos Pontifices, Vigarios de Christo com Pedro e como Pedro ; cadêa gloriosa, que é o assombro do mundo e da qual cada élo representa um nome illustre !

Pedro reaparece continuamente redivivo na sua Sé. Em cada um d'esses Pontifices que alli lhe succedem no supremo Episcopado, resurge a sua pessoa, re-

vive a sua auctoridade, prolonga-se a sua jurisdicção. Quando um dos seus successores tomba por sua vez no sepulchro, é mais um homem, sim, que desaparece ; mas que homem !... Ficão por um momento em suspensão o céu e a terra !... O poder porém de que estava investido aquelle homem permanece intacto e inviolavel ; inviolavel e intacto se transmite para logo, com applauso universal, ao novo successor que a Providencia lhe assignala.

Que mais diremos ? N'esse successor é, realmente, o mesmissimo Pedro que revive com todos os seus privilegios e prerogativas pessoaes : só o nome é que veio mudado. Ainda uma vez, Pedro é uma instituição, uma instituição que permanece e vai atravessando os seculos.

Ouvi este glorioso attributo de Pedro n'uma linguagem soberbamente original. E' um eloquente Bispo que falla :

« Quando Jesu-Christo dizia a Pedro : — *Apascenta os meus cordeiros*, — *tu és Pedro*, — dizia-o, na pessoa d'elle, á pessoa dos seus successores ; Pedro não acaba, atravessa as idades, nobre e immortal pastor, fundamento inabalavel ; todos esses pontifices que vêm em seu seguimento não são mais que outras tantas continuações d'elle mesmo. Facil é verificar a identidade ; é a mesma Sé e o mesmo poder. A auctoridade capital da Egreja não se dissipa, persiste integra, os papas são vasos de Deos onde é deposto o maná incorruptivel. Assim, vêde estas expressões que dizem com tanta energia a realidade imperecedoura : — « *Apascenta os*

meus cordeiros, — tu és Pedro. » Eis ahi o presente eterno ; não ha passado, não ha futuro no Chefe da Egreja. Tal como Deos, duração immutavel, Pedro é o pastor ininterrupto, a rocha subsistente. A Egreja é sempre farta de verdade, permanece sempre recta sobre a sua base. O propheta dizia : « Senhor, sois Deos de seculo em seculo ; » Jesu-Christo diz : « Tu és Pedro de papa em papa. » Em todos os seculos Deos é, infinito, vivo. Em todos os papas, Pedro é pastor universal, fundamento indestructivel (1). »

Abri um momento a historia.

Apenas ceifado pela morte, vêde ahi como Pedro resurgio sem demora, e se chamou primeiramente Lino, depois Cleto, depois Clemente, depois Analecto. Um seculo vem dando as mãos a outro seculo ; e eis que novos nomes surgem mais ou menos aureolados : a successão pontificia na cadeira do Principe dos Apostolos não conhece interrupções. Oh ! que esplendida cadêa aurea de duzentos e sessenta e tres nomes gloriosos alinhados, um apoz outro, de seculo em seculo, nos dipticos da santa Egreja romana ! Ante-hontem Pedro se chamava Gregorio XVI, hontem se chamou Pio IX, chama-se hoje Leão XIII, amanhã.... é o segredo de Deos !

Pedro não faltou, Pedro não faltará. Recommen-da-nos elle proprio que, relanceando olhos pelos annaes da Egreja, tenhamos sempre em memoria a veracidade

(1) Bertcaud, *Lettre past. sur l'Église*, pag. 46.

da palavra indefectível que nos deixou : *Ut horum memoriam faciatis* (¹).

Sim, os dezenove seculos da sua passada historia, tão cheia de glorias e grandezas, garantia são mais que segura da perpetuidade da sua herança e da estabilidade da sua successão na Sé Romana ; de sorte que, cheios de confiança, podemos repetir a palavra dogmatica de S. Leão Magno : Pedro persevera e vive na pessoa dos seus successores até ao fim : *Perseverat Petrus et vivit in successoribus suis* (²).

Oh ! maravilha ! Desde a hora em que Pedro surgio pela vez primeira em face da humanidade afim de illuminá-la com o verbo da salvação : *Exurgens Petrus . . . dixit* (³), aquella nobre e imponente figura, aureolada com os esplendores de tantas grandezas divinas, nunca mais desapareceo da scena d'este mundo ! aquella augusta voz, tão cheia de accentos celestes, nunca mais emmudeceo !

Espectaculo sublime e arrebatador ! Diante do Vigario immortal de Christo, magestosamente assentado sem cessar na Cathedra Romana e d'ahi presidindo aos destinos espirituaes do universo, passão os seculos, precipitando-se um apoz outro na voragem insaciavel do tempo ; e, ao descambar cada um por sua vez nas profundezas do abysmo, onde se vão sumir para sempre, o seu ultimo brado é uma saudação elo-

(1) 2. Petr., I, 15.

(2) S. Leon. Magn., serm. II, *De annivers. assumpt. ad Pontificalum*.

(3) Act., I, 15.

quente, uma aclamação victoriosa á divina immortalidade de Pedro : *Ave, Petre, morituri te salutant!*

Sim, Pedro, todos os que vão a morrer te saudão : que tu só tens promessas de vida e de immortalidade !

XXII

Se ha cêrca de dous mil annos, que Pedro vive, preside e julga na pessoa dos seus successores, ha tambem outros tantos annos que os poderes infernaes empenhão esforços incriveis e dão as mãos aos poderes do seculo para derruir a grande obra de Christo e subverter o throno do seu augusto Vigario na terra.

Que de rudes combates, que de violentos assaltos, que de sangrentas perseguições têm arrostado a Egreja Catholica e, por conseguinte, o seu venerando Chefe, desde os tempos apostolicos até aos nossos tristes dias !

O factio porém da existencia da mesma Egreja, a despeito de tantas e tão prolongadas lutas, que outra cousa é senão uma imponente e victoriosa demonstração da sua divindade ?

Eis ahí, ó inimigos encarniçados do nome christão, eis ahí o que haveis conseguido com as violentas explosões do vosso odio, com a furia dos vossos ataques : inscrevestes nas paginas da historia, com o testemunho irrecusavel dos factos, a prova authentica da indestructibilidade do sublime edificio de Christo !... Continuai, ousaremos dizer-vos, continuai essa tarefa improba a que vos tendes condemnado de espesinhar a

Egreja de Deos e o seu Pontifice. Que mais fareis n'isto senão só perpetuar essa demonstração da sua divina força pela completa impotencia das vossas aggressões ? O' Herodes, perseguidores de Pedro, o que uma vez aconteceo ao primeiro de vós (1), acontecer-vos-ha infallivelmente a todos. « A historia do primeiro Papa, diz o douto Cardeal Pie, é a historia toda inteira do Papado. Herodes arvora-se em perseguidor da Egreja e põe mãos violentas sobre Pedro ; Deos liberta a Pedro por uma intervenção sobrenatural ; Herodes é castigado miraculosamente por uma morte tragica. Não são factos estes particulares ; é o summario historico de dezoito seculos de Christianismo (2). »

No meio de tantas lutas gigantescas, que ás vezes durão longos annos, sempre se destaca magestoso o vulto do Pontifice Romano. Por meio dos seus successores acóde Pedro, como nos primeiros dias da Egreja, a todos os pontos onde mais perigosa referve a pugna, e sustenta intrepido, com a defeza da fé, a causa santa da liberdade das almas. Como no dia de Pentecostes, vêmol-o sempre de pé, sempre firme, em face dos seculos, erguendo vibrante a sua voz, essa voz intransigente que, unica, fulmina o erro e o crime sem reticencias, defende a verdade e a justiça sem desfalle-

(1) *Confestim autem percussit eum (Herodem) Angelus Domini, eo quod non dedisset honorem Deo: et consumptus a vermibus, expiravit.* (Act., XII, 23.)

(2) Card. Pie, *Œuvres*, tom. II, pag. 131.

cimentos: *Stans autem Petrus.... levavit vocem suam* (1)!

Cercado embóra dos seus collegas de Apostolado, que se erguem conjunctamente com elle, Pedro brada unico para todas as idades: « Vós todos que habitais a terra, estai sempre attentos ás minhas palavras: *Auribus percipite verba mea* (2)!»

Drama esplendido, drama grandioso, cuja representação continúa ante os nossos olhos no theatro do mundo, cujas peripecias se desenrolão atravez dos seculos e cujo glorioso desfecho só apparecerá no ultimo dia da humanidade sobre a terra!

Retemperemos um pouco a nossa fé, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, contemplando, n'um rapido relancear de olhos, algumas das scenas mais commoventes d'esse drama augusto, em que se empenhão de um lado as misericordias incansaveis de Deos e do outro as resistencias obstinadas do homem.

Olhai! Lá se abrio a éra dos Martyres. Durante trezentos annos não podeis seguir a marcha triumphal da Egreja senão pelo immenso rasto de sangue com que a santa Esposa do Verbo de Deos vai deixando assignalado o caminho apoz de si! Ai! é o sangue generoso dos seus filhos, derramado sem piedade pela sanha infrene dos perseguidores!

Oh! que multiplicidade de generos de tortura, inventados pelos algozes com o maior requinte de cruel-

(1) Act., II, 14.

(2) *Ibid.*

dade e supportados pelas victimas com a mais heroica paciencia (1)! Não se poupa nem idade, nem sexo, nem condição. Medonhas, horrorosas são as carnificinas ordenadas então por monstruosos tyrannos!

Ninguem a ellas escapa.

— E's christão?... — Isso basta para ser condemnado aos mais atrozes supplicios.

— A's feras, ás feras o christão: *Christianos ad leonem!*.... — E' o brado que resôa por toda a parte.

E quando, passadas as furias do pavoroso vendaval tres vezes secular, ides a inquirir do numero das victimas immoladas, os boletins do grande combate accusão-vos nada menos que onze milhões de martyres!

Onze milhões de martyres, mas sabeis vós o que isto significa?... Onze milhões de testemunhas de Christo Senhor Nosso, assellando com o seu sangue a veracidade da palavra de Pedro: Tu és Christo, Filho de Deos vivo: *Tu es Christus Filius Dei vivi!*

E durante esse longo e doloroso periodo das perseguições, que fazem os Romanos Pontifices, successores do mesmo Pedro?

A sua palavra, continuando a confessar o luminoso mysterio de Christo, alenta os generosos combatentes do Evangelho, defende a fé, mantém a doutrina, cicatriza as feridas, dirige a humilde barquinha da Igreja por entre aquellas formidaveis ondas encapelladas!

(1) *Duo nobis præcipue consideranda sunt: indurata videlicet tortoris sævitia, et martyris invicta patientia.* (S. Aug., Serm. 44, de Sanctis.)

Martyres a seu turno, elles curvão a cerviz sob o ferro dos algozes e tingem com o seu proprio sangue a Cadeira Apostolica. Todos, sem excepção, lá têm o nome, aureolado de santidade, nas paginas do grande Martyrologio. Todos, erguidos sobre os nossos altares e recebendo o nosso culto, empunhão a palma gloriosa do martyrio.

Quando a perseguição acalmou os seus furores, — oh ! victoria ! — o paganismo já ruíra com estrondo, arrastando em sua quéda os deoses de Roma e de Athenas ! Os destroços das velhas instituições alastrão o sólo ensanguentado. A sociedade pagã, apodrecida até á medulla, se afundíra de todo no abysmo.

Mas — oh ! maravilha ! — os discipulos do divino Crucificado não havião desaparecido. A Igreja permanecia firme em sua base indestructivel. Pedro não morrêra nem baqueára. Pedro continuava de pé, nobre vencedor do furacão. O seu olhar cheio de tristeza, sim, mas não esmorecido, pairava por sobre todos aquelles montões de ruinas, do meio das quaes, ao imperio da sua grande voz, ia surgir um mundo novo : *Stans autem Petrus . . . levavit vocem suam !*

XXIII

Do sangue dos martyres brotára uma vasta e brilhante sementeira de christãos : *Sanguis martyrum, semen christianorum*. A palavra de Tertuliano exprimía uma verdade admiravel ! A fé, libertada de violencias, estendêra sem demora as suas esplendidas

irradiações para o Norte e para o Sul, para o Oriente e para o Occidente.

Estava consolidada a obra de Christo.

Mas não devia ser de longa duração a paz. Eis que em breve uma nuvem de heresiarchas tolda a serenidade do firmamento catholico. As heresias entrão a pullular por toda a parte, e, como lhes é proprio, multiplicão subtilezas, tentando alterar a pureza da fé e illaquear a sinceridade dos discipulos de Christo. Acobertadas não poucas vezes sob a égide do poder civil, as legiões do mal submettem a Egreja a durissimas provações.

Ai! que de sophismas, que de cavillações, que de calumnias, que de sarcasmos contra a veracidade dos seus dogmas e a santidade da sua moral! Que dolorosas dilacerações no seio da sociedade christã! Quando, n'uma distancia já de tantos seculos, o historiador imparcial ousa sondar o perigo que ameaçára subverter então a fragil barquinha da Egreja, bombardeada em toda a linha, é obrigado a confessar que só a mão de Deos podia guiál-a segura no meio de tantas syrtes dolosas e conduzil-a sã e salva ao porto ardentemente desejado.

Sem duvida, ás aggressões e perfidias de Ario, de Macedonio, de Pelagio, de Nestorio, de Eutyches, — e quantos outros poderíamos enumerar! — oppoz a Egreja a sciencia, o zelo, a eloquencia, a virtude dos Athanasios, dos Basilios, dos tres Gregorios, dos Chrysostomos, dos Hilarios, dos dous Cyrillos, dos Jeronymos, dos Ambrosios, dos Agostinhos, dos Leões. Mas,

estava-se vendo, a direcção partia luminosa da Cadeira Apostolica para onde convergião, esperando o aceno de ordem, todos os olhares.

D'alli vinha a força impulsora que animava todos os combatentes da fé. N'aquelle centro estava a alma, a vida, a energia da maravilhosa reacção que a verdade, aqui e alli, operava contra o erro. Quando Roma erguia a voz, ou definindo o dogma, ou traçando a moral, ou firmando a disciplina, a controversia estava finda : *Rescripta Roma venerunt, causa finita est !*

A sentença de Agostinho era um proloquio christão.

Mas a palavra de Pedro tinha tambem raios. Ao seu anáthema, que se não fazia esperar, cahião para logo fulminados os patriarchas do erro e com elles perecião em breve as suas funestas doutrinas : *Stans autem Petrus.... levavit vocem suam !*

Vierão os barbaros. Como nuvens de abutres, precipitarão-se sobre o velho e carcomido colosso romano, disputando-se a posse dos seus destroços. Oh ! que de horrores ! Ao golpe do seu camartello inexoravel, tudo ruía com medonho estampido. O mundo parecia voltar ao cáhos primitivo. Dos restos da sociedade antiga, deshonorada por tanta ignominia e baixez, não ficava pedra sobre pedra. As hostes altivas do Septentrião levavão brutalmente de vencida adiante de si os mais aguerridos exercitos, os mais valentes capitães.

Quem poderá oppôr efficaz resistencia áquellas hordas invasoras que transbordão de todos os lados e

cujo numero recrudesce pavoroso de dia para dia ? Quem ousará, no meio d'aquelle universal descalabro, tentar a salvação da sociedade ?

Quem ? O Papa ! Sim, o Papa, a unica força social ainda de pé por entre tantas subversões. Só elle impõe respeito aos vencedores e confiança aos vencidos. Diante da magestade de Pedro, refulgindo na face de Leão, Attila recúa espavorido e Genserico desarma o seu furor.

Oh ! maravilha ! A religião catholica amansa com a sua força persuasiva aquellas féras sedentas de sangue humano. Em breve aquelles soberbos leões se convertem em humildes cordeiros. Vêde como, docilmente curvados ao jugo da verdadeira fé, os Godos, os Hunos, os Vandalos, os Lombardos se constituem em povos e nações, recebendo da magistratura suprema do Romano Pontifice um complexo de leis justas e sábias, moldadas nos principios vivificadores do Evangelho !

Pedro é a unica auctoridade respeitada, a unica preponderante. A sua palavra, dominando todos os acontecimentos d'aquelle complicado e agitado periodo historico, dirige a reorganisação social e lança as bases em que não tardará em vir assentar a verdadeira civilisação : *Stans autem Petrus levavit vocem suam !*

Novas provações não menos tremendas aguardão a sociedade christã. Em seu seio irrompem, como flagellos de Deos, as hostes aguerridas, mas fanatisadas do Islamismo. A cimitarra musulmana propaga com incrível celeridade as embrutecedoras doutrinas

do pseudo propheta da Mecca, mixto monstruoso de paganismo, judaismo e christianismo. Por toda a parte resôa a intimação ameaçadora : — *Cré ou morre!*

Ai ! quantas nações já curvãõ a cerviz ao jugo de Mahomet ! Onde triumphã a execranda religião, ahi surge hedionda a corrupção dos costumes, o aviltamento da mulher, a escravidão do homem com todos os seus horrores, a degradação dos povos, a mais revoltante sensualidade, n'uma palavra, a barbaria, a ferocidade !

Que será feito da civilisação christã em transees tão perigosos ? Mercê de Deos porém, os Papas lá expõem destemidos o peito, como ante-mural inexpugnável, ás hostes destruidoras. Ingente, temerosa, muitas vezes secular foi a luta. Mas apoz innumerãs alternativas de victorias e desastres para a causa da Christandade, o poder ominoso do Crescente é destruido sob as muralhas de Vienna, ao rutilar da espada do piedoso Sobieski, e por fim totalmente afundido nas aguas de Lepanto pelo heroismo de D. João de Austria.

Gloria aos Pontifices de Roma, successores de Pedro, que nunca desmaiãrãõ na prolongada luta ! A sua palavra poderosa foi a que, alentando reis e povos, soergueo por mais de uma vez a Christandade tantas vezes esmorecida sob o peso dos seus enormes infortunios. A' voz de Pedro organisavãõ-se sem cessar compactos batalhões, que iãõ arremessar-se em peso contra as forças do Islamismo até reduzil-as á impotencia em que hoje as vemos : *Stans autem Petrus... levavit vocem suam!*

XXIV

Eis que surge, Christãos, a grande heresia, a heresia gigantesca dos tempos modernos.

O Protestantismo, nascido do orgulho satânico e da libertinagem desenfreada de um monge rebelde (1), dilacera cruelmente a santa Igreja de Jesu-Christo e destaca do seu seio maternal populações inteiras.

Ao grito fallaz de — *Reforma!* o machado da destruição, brandido por mãos brutaes, descarrega desapiadados golpes sobre todas as instituições catholicas e derrúe em diversos paizes do centro e do norte da Europa o bello edificio social que os Summos Pontifices, á custa de sobre-humanas fadigas e com tanta gloria para a humanidade, havião conseguido erguer, no decurso da idade-média, sobre os alicerces do Evangelho.

(1) Bem conhecidas são as origens historicas do Protestantismo. Cumpre confessar que não são nada honrosas para elle. Tudo começou pela revolta de alguns monges indignos. Erasmo, o celebre humanista de Rotterdam, pintou ao vivo, no dizer de Scavini (*Theologia Moralis*, tom. IV, pag. 355), os taes apostatas do seu tempo, quando os fez fallar d'esta maneira :

*Jam Cuculla vale et Cappa,
Vale Prior, Custos, Papa
Cum obedientia!
Ite vota, preces, hora,
Vale timor cum pudore,
Vale conscientia!*

Com effeito, não os podia Erasmo pintar melhor.

Grande Deos, que triste espectáculo se apresenta á nossa vista contristada ! Que horrores, que selvagerias, que devastações, que sacrilegios !

Levantai os olhos e vêde. Os templos profanados, os sanctuarios destruidos, os altares por terra, as sagradas imagens mutiladas, as reliquias dos santos arremessadas aos ventos, os votos monasticos conculcados com o mais acintoso desprezo, as virgens do Senhor dispersas ou deshonradas, os asylos do recolhimento e da oração entregues ao incendio ou á pilhagem, os vicios mais hediondos ostentando-se em publico sem o minimo pudor, os dogmas mais augustos da nossa fé negados e mettidos á bulha, a moral evangelica ignominiosamente conspurcada, os sacramentos repudiados, os pastores do povo de Deos cobertos de affrontoso ridiculo, a auctoridade da Egreja rejeitada como invento diabolico, o Chefe supremo da grande familia christã apontado á execração universal como o anti-christo do Apocalypse ! E todas essas scenas de desolação levadas a effeito — oh ! blasphemia ! — em nome da pureza do Evangelho que a Egreja catholica — ousavão dizer — havia ignobilmente deturpado !

Que outra cousa se pudéra esperar de sectarios furibundos que, para a justificação e salvação do homem, depois de lhe haverem negado o livre alvedrío, sustentavão com a mais requintada protervia a desnecessidade das boas obras e repellião com desdem as praticas salutaes de penitencia, inculcadas pelo Evangelho como meios repressores das más paixões que avassalão o coração humano ? ! - D'ahi, na ordem espe-

culativa, as doutrinas mais absurdas e extravagantes ; d'ahi, na ordem pratica, as desordens mais abominaveis e immoraes. E com escarneo do genero humano, chamou-se a tudo isto *Reforma!*

Grande parte da desditosa Europa, subjugada então por uma horda de bandidos, que parecião fugidos dos ergastulos, dilacerava-se nos horrores das guerras de religião, as mais cruentas de todas. Rompêrão-se afinal todos os diques que se podião oppôr á torrente devastadora do mal. A sociedade civil, agitada e convulsa, experimentava dolorosamente as funestas consequências das doutrinas impias, que se proclamavão como principios salvadores, e se dissolvia na mais medonha anarchia. O proprio Catholicismo, abandonado ou trahido pelas potencias do seculo, dir-se-hia que não tardaria em perecer para todo o sempre, afogado n'um oceano de sangue e de lodo.

Humanamente fallando, em presença de tantas forças contra elle conjuradas, assim devia de succeder.

Mas não !

Do alto do céo Deos velava então, como véla sempre, pelos destinos da sua Igreja muito amada. Pedro, o invencivel Pedro, regendo-a em nome de Christo, alli está presente na pessoa dos Romanos Pontifices, e com olhos vigilantes vai seguindo, sem se assustar nem empallidecer, as diversas peripecias da luta, cada qual mais tremenda e temerosa. Aos seus ouvidos resôão as palavras que elle um dia ouviu dos labios do divino Mestre nas cercanias de Cesaréa: *Portæ inferi non prævalebunt adversus eam!*

Fiado n'esta segurança do céu, eil-ó que, côm inquebrantavel actividade, organisa por toda a parte a defeza catholica, rechassa o inimigo, fulmina o escandalo, anathematiza o erro, illumina o dogma, suscita á causa da verdade novas e mais aguerridas milicias, restaura as instituições derruidas pelos sectarios, restabelece a disciplina ecclesiastica, e, mais que tudo, consola a Santa Egreja e a compensa das perdas que ella padece na Europa, fazendo surgir como por encanto, á voz dos seus intrepidos missionarios, numerosas e florescentes christandades n'estas vastas regiões do Novo-Mundo, que o genio maravilhoso de Colombo, guiado pela divina Providencia, acabava de abrir ás illuminações da fé.

Sem duvida, — nem o queremos negar — apezar de trezentos annos de avigorados ataques, o Protestantismo ainda não desapareceo da face da terra. Mas, que triste e desconsolado aspecto apresenta elle hcje em dia ! Impotente e coarctado para novas expansões, vêde como cada dia vai perdendo terreno até mesmo n'aquelles desventurados sólos de onde elle brotára e onde mais arraigado parecia. Apoz conscienciosos estudos, os seus homens mais illustres, seguindo as pisadas de Hurter, Newmann, Faber, Manning e outros, arrancão-se animosos do seu seio desolado, onde perdêrão as derradeiras esperanças de encontrar o verdadeiro Christianismo, e, vencendo todo o respeito humano, arrojão-se extaticos aos pés da santa Egreja catholica, que hontem reputavão a prostituta de Babilonia. Com que amor e confiança filiaes já lhe pedem

agora a verdade para a sua intelligencia e a salvação para a sua alma (1)!

Ferido de morte pelo raio de maldição com que o fulminou a grande Assembléa conciliar de Trento, obra gloriosa dos Summos Pontifices, que seria de ha muito do Protestantismo, se o não sustentára o poderoso braço da Inglaterra ou o da Prussia? Sob o peso d'esse terrivel anáthema de Pedro, que esmaga toda a doutrina perversa, a obra de Luther, de Calvino e de Henrique VIII ou se dissolve tristemente n'uma infinidade de seitas entre si rivaes, que só n'um ponto se accórdão, — odio á Egreja catholica; ou então se destaca de todo do Christianismo, indo precipitar-se miseravelmente nos abysmos do mais desbragado racionalismo e da mais insolente impiedade. Como religião, o Protestantismo está morto e já não póde exercer a minima acção social.

E o Pontificado Romano?... O Pontificado Romano, oh! esse eil-o ahi sempre firme em seu posto glorioso, exuberante de vitalidade, impondo-se ás consciencias de mais de duzentos milhões de catholicos, fazendo ouvir a sua grande voz por toda a parte, até

(1) Acaba de confessál-o o Sr. Francis de Pressensé, protestante bem conhecido, em suas quatro conferencias feitas em Lausanna (Suissa) no mez de Fevereiro do corrente anno. Causou immensa sensação o que o distincto orador não trepidou em affirmar, com profundo accento de sinceridade, ácerca do actual estado de decadencia do Protestantismo. (Vid. *Études religieuses, philosophiques*, etc., numero de Março de 1894, pag. 543.)

aos confins do universo, e preparando á causa do Catholicismo os mais esplendidos triumphos, ainda no seio d'esses proprios paizes protestantes onde teve a sua origem o erro tres vezes secular e onde mais bem consolidado parecia: *Stans autem Petrus.... levavit vocem suam!*

XXV

Raia o seculo XIX, — seculo de grandes maravilhas, não ha duvida, mas tambem seculo de grandes apostasias.

Reis e povos, governos e nações, tomados do espirito de vertigem, colligão-se n'uma tremenda conjuração universal contra Deos e o seu Christo (1), contra a Egreja catholica e o seu Chefe supremo, contra a sua auctoridade intellectual e a sua influencia sobre a sociedade.

Sahida vencedora dos ataques insolentes dos seus encarniçados inimigos do seculo precedente, em que nada a pôde intimidar, — nem as tramas hypocritas da seita jansenista, nem as perfidas machinações do gallicanismo de mãos dadas com o cesarismo, nem os sophismas brutaes dos philosophos da Encyclopedia, nem o estalar revoltante da gargalhada diabolica de Voltaire, nem as perseguições sangrentas da Revolução

(1) *Astiterunt reges terræ et principes convenerunt in unum, adversus Dominum et adversus Christum ejus.* (Ps., II, 2.)

franceza! — a invencível Esposa do Filho de Deos vai passar nos tempos modernos por novas e mais duras provações.

Ah! fieis, não vos scandaliseis! A vida da Igreja durante o seu peregrinar terreno, cumpre não esquecerê-lo, ha de ser isso mesmo até ao fim: um combate temeroso, uma luta sem trégoas, uma milicia continuada. D'ahi o seu glorioso nome de *militante*, com que se adorna e de que se ufana. E' o embate perpetuo da verdade contra o erro, do bem contra o mal, da virtude contra o vicio, da graça contra o peccado, da luz contra as trévas, da vida contra a morte, do céo contra o inferno.

Essa luta porém, já dezenove vezes secular, assume em nossa época, e mórmente em nossos dias, feição toda especial. O que singularmente a caracteriza não é a impugnação d'este ou d'aquelle dogma em particular; é uma negação universal de todo o conjuncto de verdades dogmaticas que constituem o patrimonio doutrinal da Igreja.

A Revolução, que domina o seculo, o que pretende é derruir desde os seus fundamentos, arrasar e nivelar com o pó da terra o magnifico edificio da Religião christã. Contra a cidade santa ouve-se por toda a parte o clamor dos inimigos de Deos, ameaçando-a de uma inteira e completa subversão: *Exinanite, exinanite usque ad fundamentum in ea* (1)!

Tão odioso lemma dos antigos filhos de Edom é a

(1) Ps., CXXXVI, 7.

palavra de ordem, é o sinistro programma com que sâhem a campo contra a Egreja catholica, n'uma odiosa alliança, as modernas cohortes do erro e do mal.

O Concilio ecumenico do Vaticano, a grande assembléa do seculo XIX, soltou a tempo para o orbe catholico o seu alentado grito de alarma. Com todo o peso da sua irrefragavel auctoridade, caracterizou elle sem rodeios a natureza particular da luta gigantesca empenhada contra a Egreja nos tristonhos dias que vamos atravessando.

Citemos textualmente as palavras do sagrado Concilio :

« Em nossos dias, diz elle, nasceo e se propagou pelo universo, com espantosa rapidez, a doutrina do racionalismo ou naturalismo, que, contradizendo a Religião christã como instituição sobrenatural, empenha-se com o maior afinco em excluir a Christo, unico Senhor e Salvador nosso, da mente dos homens, da vida e dos costumes dos povos, para estabelecer méramente em lugar d'elle o que ahi chamão o reinado da razão ou da natureza (1). »

Assim pois, trata-se de subverter pela base toda a

(1) *Tum nata est et late nimis per orbem vagata illa rationalismi seu naturalismi doctrina quæ religioni christianæ utpote supernaturali instituto per omnia adversans, summo studio molitur ut Christo, qui solus Dominus et Salvator noster est, a mentibus humanis, a vita et moribus populorum excluso, mere quod vocant rationis vel naturæ regnum stabi-liatur.* (Conc. Vatic., Constitutio dogm. de fide catholica, Procem.)

ordem sobrenatural. Em nome da sciencia e da critica moderna, impugna-se não só o facto concreto da Revelação christã, mas ainda, e sobretudo, a propria possibilidade da sua existencia. Proclama-se, voz em grito, como um axioma da maior evidencia, o irreconciliavel e perpetuo dissidio entre a razão e a fé, entre a sciencia e a religião, como se pudéra haver antagonismo entre duas fontes de conhecimentos emanadas immediatamente da suprema veracidade de Deos. E' o racionalismo mais absoluto e desbragado com todos os seus consecretarios especulativos e praticos. Por toda a parte ouvireis designar a fé christã como a degradação do espirito humano, o aviltamento da razão, um empecilho para o desenvolvimento das nossas faculdades intellectivas! Ignorancia, loucura ou mentira, não é isto o que se apregôa em todas as cathedras do seculo?

Como corollario de tão perversa doutrina, — oh! ingratição! — á Egreja que presidio á formação e educação dos povos modernos e a quem a sociedade deve os esplendores da sua civilização, contesta-se o direito de occupar-se das cousas d'este mundo, de intervir no ensino publico, de orientar a marcha da humanidade, até mesmo o direito de viver á luz do dia! Os sectarios mais moderados cuidão ter feito acto de immensa magnanimidade quando nos permitem o recanto de alguma isolada sachristia. A maior parte nos não consente fóra do recesso da consciencia individual, que aliás nos póde repudiar a seu talante!..

Escusado é expôr-vos, veneraveis Irmãos e Filhos

muito amados, as diversas modalidades d'essa luta gigantesca em que se acha empenhada a santa Igreja nos tristes dias que correm. Os fautores do mal e do erro, sempre encarniçados e implacaveis, varião entretanto de estrategia no combate: ora se apresentam com uma hypocrisia profunda, ora com uma violencia extrema, mas sempre, aqui e alli, com um odio verdadeiramente satânico (¹).

Quereis conhecer o agente principal de todas as perseguições de que é alvo a santa Igreja de Deos? Leão XIII, apoz alguns dos seus predecessores, entendendo do seu dever denunciá-lo aos fieis.

Sigamos as suas luminosas pisadas.

XXVI

Uma seita poderosa e pertinaz, respirando odio entranhado ao Catholicismo, conspira nas trévas contra elle e empenha satânicos esforços por annular-lhe em todos os terrenos a influencia social. Esta seita tem a imprensa, tem o poder, tem o ouro, tem legiões de adeptos; domina quasi que como soberana no conselho das nações; prepondéra nos congressos e parlamentos dos povos, nas classes directoras da sociedade. Insinúa-se sorrateira nas repartições publicas, no exercito, na armada, nos tribunaes, nas municipalidades, nas corporações scientificas, nos institutos de caridade

(¹) Vid. D. Benoit, *Les erreurs modernes*, tom. I, prelim., pag. XIII.

e; dizem-nos, que até nos sodalícios religiosos e nas ordens terceiras !

Bem o disse o Santo Padre Leão XIII: « Esta seita, empregando a um tempo a astucia e o ardil, invadio todas as classes da hierarchia social e começou a tomar no seio dos Estados modernos um poder que quasi equivale á soberania (1). »

Dominar tudo para impedir as expansões do Catholicismo e estorvar a acção do sacerdocio, eis o seu damnado *desideratum*!

Debaixo da sua acção mais ou menos occulta ou manifesta, consoante ás diversas condições locaes, mas sempre rebuçada sob o especioso manto de uma vã *philantropia*, opéra-se em todos os paizes, de cá e de lá do Atlantico, uma ingente obra de demolição religiosa e social, que traz *a ruina da ordem publica, a destruição da soberania, a eversão de toda a auctoridade legitima* (2).

Obedientes á monita da seita dominante e eivadas do racionalismo do seculo, as classes dirigentes da sociedade desorientão o espirito publico. Um brado geral de *secularisação* resôa por toda a parte, na joven America e na velha Europa. O que se entenda por esse nome, já não ha ahi quem o ignore. A deschristia-

(1) *Inferendoque sese per audaciam et dolos in omnes reipublice ordines, tantum jam posse cepit (secta Massonum), ut prope dominari in civitatibus videatur.* (Encycl. Humanum genus, de 20 de Abril de 1884.)

(2) Gregorio XVI, Encycl. *Mirari vos*, de 15 de Agosto de 1832.

nisação completa do Estado, da sociedade civil e da propria familia, a destruição da ordem social creada pela Igreja sobre as bases do Evangelho, a separação entre a Igreja e o Estado, a neutralidade da escola, o casamento civil, a profanação dos cemiterios, a imposição do serviço militar aos clérigos, a confiscação dos bens monasticos, o esbulho do poder temporal do Papa, a supressão das ordens religiosas e de todas as instituições catholicas que até aqui tinham feito a força da Igreja e a gloria da humanidade,—taes os pontos principaes de ataque a que põe a mira a poderosa seita anti-christã, desde que consegue assenhorear-se effectivamente do governo dos povos.

Deos mesmo, benignissimo Creador do mundo e misericordiosissimo Redemptor dos homens, segundo a sentida expressão do grande Papa Leão XIII, está sendo expulso, exilado, banido com ignominia de todas as relações publicas da vida humana: *Ipse humani generis Auctor et Redemptor.... ab omni publica vitæ consuetudine EXULARE cogitur* (1).

D'ahi o atheismo que se ostenta triumphante nas escolas, nos lyceus, nas academias, distillando á sombra da auctoridade publica o seu veneno corruptor na alma incauta d'essa generosa mocidade que amanhã nos ha de governar! E que multidão innumeravel de doutrinas de matizes diversos, mais ou menos funestas, a pullular por toda a parte sob a influencia da seita in-

(1) Encycl. *Quod apostolici*, de 28 de Dezembro de 1878.

fernal! Dir-se-hia que o *poço do abysmo* (1), outra vez escancarado pelo genio do mal, arremessa os seus negros turbilhões de fumo, escurecendo o sol da verdade e toldando os ares limpidos e serenos da razão e da fé!

Doloroso é dizê-lo! A athmosphera viciada que pésa sobre o mundo intellectual em nossos dias, exerce o seu influxo pernicioso até mesmo entre os filhos da Igreja catholica. Ai! quantos, sob a acção d'esses principios dissolventes, já se apartarão do caminho da verdadeira piedade, como deplora a Igreja pelo Concilio do Vaticano, e, á medida que se foi a pouco e pouco diminuindo em seu espirito o imperio das verdades reveladas, na mesma lastimosa progressão se foi attenuando e embotando n'elles o senso catholico (2)!

A este formidavel abalo geral de todas as crenças da humanidade, segue-se a mais espantosa corrupção de costumes. Não será chegada a hora antevista pelo Propheta, hora negregada em que o que ha de mais impuro e pestifero nos paúes do vicio vem infeccionar com as suas deleteres emanações a sociedade inteira? Vêde ahi, por esse mundo moderno, a maledicencia, a calunnia, a mentira, o homicidio, o furto, o adulterio,

(1) *Et aperuit puteum abyssi: et ascendit fumus putei... et obscuratus est sol et aer de fumo putei.* (Apoc. IX, 12.)

(2) *Hac porro impietate circumquaque grassante, infelicitate contigit, ut plures etiam e catholica Ecclesia filiis a via verae pietatis aberrarent, in iisque, diminutis paulatim veritatibus, sensus catholicus attenuaretur.* (Conc. Vatic., Const. dogm. de fide catholica. Procem.).

a impudicia com todas as paixões de ignominia, levantando altaneiras a frente deshonrada ! A sociedade se afunda e perece n'uma inundaçãõ de lodo ! Rebenta a guerra de todos os lados, e o sangue vem, cada dia, ajuntar-se ao sangue ! *Maledictum, et mendacium, et homicidium, et furtum, et adulterium inundaverunt, et sanguis sanguinem tetigit* (1) !

Forte da força que a Religião catholica lhe communica pela virtude divina a ella inherente, a ordem social não pôde deixar de resentir-se profundamente de todos esses ataques com que a impiedade tenta solapar a obra de Jesu-Christo. Por isso não é de admirar que a sociedade civil já comece a esborôar-se de todos os lados á repercussão de tão tremendos golpes desfechados contra a ordem religiosa.

Tem a sagrada Escriptura traços energicos para caracterisar esse nefando trabalho de destruiçãõ de que estamos sendo testemunhas con tristadas.

Encobriendo a sua malicia sob o especioso véo da liberdade, na phrase do Principe dos Apostolos : *Quasi velamen habentes malitiæ libertatem* (2), os modernos demolidores trabalhão sem descanso por *deruir todas as tradições do passado sob o pretexto de preparar mais auspicioso porvir* (3). Tudo, em a nova ordem de cousas, tem de ser ageitado ás doutrinas anti-christãs da seita perversa.

(1) Os., IV, 2.

(2) 1. Petr., II, 16.

(3) D. Antonio de Macedo Costa, *Leão XIII e o Brasil*, pag. 20.

Não são alarmas vãos os que soltamos aos quatro ventos : olhai o que vai pelo mundo. Todas as leis, em que repousava segura e tranquilla a sociedade, acintosamente violadas ou destruidas : *Transgressi sunt leges*. O direito, essa cousa sagrada que faz a força das nações, mutilado, invertido ou totalmente transmutado : *Mutaverunt jus*. O pacto solemne e fundamental de perpetua alliança entre a auctoridade e o povo, rompido ignominiosamente na praça publica pelas mãos de uma revolução triumphante : *Dissipaverunt fœdus* (1). Vêde ainda a grande, a santa lei do Senhor, lei moral e social, lei divina e eterna, repudiada, coberta de opprobrio, dilacerada em publico : *Laceratâ est lex* (2) ! Qual a nação que hoje em dia, como nação, ainda a toma por norma do seu viver, por guiã das suas determinações e regra das suas leis, por inspiradora da sua politica ?

D'ahi, a conturbação universal dos povos, que, incertos e agitados, já não confiã no dia de amanhã : *Conturbatae sunt gentes* ! D'ahi, deslocados da sua base fundamental, que outra não devêra ser senão o Evangelho de Christo, e sacudidos pelo furacão de incessantes revoltas, o inclinar dos Estados para a decadencia e a ruina : *Inclinata sunt regna* (3) ! D'ahi, o orbe inteiro em consternação e desalento pelos males tremendos

(1) Is., XXIV, 5.

(2) Hab., I, 4.

(3) Ps., XLV, 7.

que padece e pelos males mais temerosos que apprehende : *Luxit et defluxit terra et infirmata est* (1) !

O' misera sociedade, porque te obstinas n'esse caminho fatal que te conduz á perdição ? Eia ! ainda é tempo, vem lançar-te nos braços amorosos de Jesus, teu divino Salvador ! Só elle te póde soerguer d'essa escravidão em que te aviltas.

Attila bate ás portas de Roma ! Attila, o temeroso Attila, chama-se hoje legião, uma legião anonyma ! Sahido de antros tenebrosos, o socialismo ahi vem, o odio no coração, a raiva nos olhos, a blasphemia nos labios, o archote incendiario na mão, ameaçando de total subversão essa indigna sociedade que repudiou o seu Deos ! Ao estourar medonho da dynamite, que se ouve a cada passo, dizei-nos, qual o Estado, ainda o mais poderoso, que não trema pela sua sorte, que se não sinta á beira de um abysmo, que não anteveja com olhos assustados o proximo triumpho da anarchia e da dissolução social ?

A Europa traz alistados em suas aguerridas milicias mais de dez milhões de soldados, munidos de armas cada qual mais formidavel ; e entretanto a Europa sente-se impotente para conter essa horda desenfreada de barbaros civilisados a fazer violenta irrupção de todos os lados. A Europa treme e se desalenta : *Defluxit orbis, et infirmata est altitudo populi terræ* (2) !

(1) Is., XXIV, 4.

(2) *Ibid.*

Acaso teremos dado largas á nossa phantasia em tudo quanto ahi acabamos de vos deixar escripto? Não! Al não fizemos que traçar, em rapidos delineamentos, um quadro veridico de historia contemporanea. Ai de quem tem olhos e não vê! ouvidos e não ouve! voz e não brada—álerta!

A' semelhança de caudaloso rio, que forçou as suas represas, a impiedade do seculo, transbordando de todos os lados, está prestes a submergir em suas aguas lodosas todas as instituições sociaes.

Mercê de Deos porém, desde a hora em que começou o ameaçar da tormenta, o Chefe da Igreja, ou no throno, ou no exilio, ou na prisão, não esqueceo um só instante a sua missão providencial.

Ou se chamasse Pio VII, ou Leão XII, ou Pio VIII, ou Gregorio XVI, ou Pio IX, ou se chame ainda Leão XIII, Pedro para logo se poz em pé; em pé, para medir bem, com o seu olhar de aguia, toda a extensão e gravidade do perigo; em pé, para reprimir a tempo a torrente devastadora do erro e do mal; em pé, para mais promptamente estender a mão aos que ainda querem ser salvos.

A sua voz poderosa, que domina todos os acontecimentos do seculo, eil-a resôando ahi, sonora, vibrante, a promover e a dirigir com infatigavel perseverança essa brilhante reacção catholica que se organisa por toda a parte, esperança unica de salvação para a religião e a sociedade: *Stans autem Petrus.... levavit vocem suam!*

XXVII

A divindade de Jesu-Christo, como sabeis, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, é a verdade fundamental da nossa fé. Destruído que seja esse dogma, em que assenta toda a Religião christã, o edificio maravilhoso das nossas crenças, privado da sua base, cáhe por terra de alto a baixo sem deixar pedra sobre pedra. E' uma ruina completa.

A impiedade o não ignora. Eis ahi porque a divindade de Jesu-Christo é o ponto de mira dos seus constantes ataques. Desde Strauss até Renan, que outra cousa tem feito a impiedade senão solapar de continuo essa grande verdade primaria? De Renan para cá os contradictores do Filho de Deos crescêrão consideravelmente em numero: eil-os ahi a pullular por toda a parte e de modo espantoso! Mas se lhes falta o brilho scientifico que até certo ponto prestigiava os seus predecessores, excedem-n'os sem duvida na audacia sempre crescente das suas negações.

Ante elles surge, a contradizêl-os, a auctoridade magistral de Pedro. Pedro é o affirmador eloquente das grandezas de Jesus, o prégoeiro immortal do Verbo divino. Aquella palavra imperturbavel desconcerta a impiedade e annulla os seus satanicos esforços. Com a declaração firme e permanente do mysterio de Christo, Pedro mantém inabalavel o fundamento da fé.

Esta é a missão particular do supremo magisterio de Pedro. A sua bocca só basta para doutrinar o universo; não ha necessidade de outra: *Os orbi sufficiens!*

Desde dezenove seculos está elle repetindo sem cessar, na Egreja universal, a solemne affirmação que o céo lhe inspirou ás portas da antiga Cesaréa. A cada negação do seculo, pretendendo adulterar a divina personalidade de Christo, elle accentúa com maior energia a sua invencivel affirmação em face da humanidade e eleva para o seu divino Mestre o mesmo brado victorioso de outr'ora: *Tu és Christo, Filho de Deos vivo!*

Lá do alto do Vaticano, luminosa e nobilissima collina de onde descem os veridicos oraculos para toda a Christandade, Pedro continúa a fallar pela bocca de Leão XIII, e a palavra d'este seu portentoso successor percorre os continentes, atravessa os montes, transpõe os mares, e vai echôar nas ilhas mais remotas até aos confins do universo, sobrepujando sempre todos os rumores do seculo. Diante d'ella inclinão-se, reverentes e submissos, mais de duzentos milhões de catholicos.

Em qualquer ponto do orbe, toda a lingua que confessa ao Senhor recebe pelo magisterio d'aquella voz a illuminação da fé christã (1). A confissão intrepida da divindade de Christo prepara a mais esplendida victoria sobre o poder das trévas. « Esta fé, diz S. Leão Magno, é a que vence o demonio; esta a que rompe os grilhões aos miseros reduzidos ao seu ominoso capti-

(1) *In universa namque Ecclesia. Tu es Christus Filius Dei vivi, quolidie Petrus dicit, et omnis lingua, quæ confitetur Dominum, magisterio hujus vocis imbuatur.* (S. Leon. Pp., Serm. II, *In annivers. assumpt. suæ*.)

veiro : *Hæc fides diabolum vincit et captivorum ejus vincula dissolvit* (1) ! »

Intrepido paladino da verdade, sempre firme na estacada, Pedro sáhe ao encontro de todo o erro, e, sem condescendencias, contunde todo o principio falso, surja de onde surgir. Que poderosa palavra que é a palavra de Leão XIII, ainda em meio de tantas apostasias contemporaneas ! Tremendo e afiado gladio de dous gumes, ella traspassa o orgulho e a hypocrisia, ella dilacera a mentira e a calunnia, ella fére de morte as más doutrinas.

As suas admiraveis Encyclicas partem para todas as direcções e propagaõ a luz e o amor. Sim, a luz, por entre essas odiosas trévas que ahi se accumulão, cada vez mais densas, sobre o mundo intellectual ! Sim, o amor, por entre esse egoismo brutal que retráhe e distancia os corações sob a influencia dos mais contradictorios interesses !

Sem exercito, sem erario, sem territorio, o Papa consegue attrahir a si todas as grandezas da terra. Em seu soberbo palacio, convertido em humilhante prisão, ergue-se o seu throno de rei e de pontifice. Em derredor d'elle agrupão-se os embaixadores de todas as nações, formando-lhe esplendida corôa ; corôa tal como nenhum outro monarcha vê fulgurar em sua côrte. Maior que Salomão : *Ecce plusquam Salomon hic* (2), de todos os pontos do globo a elle acodem centenas de milhar de

(1) *Ibid.*

(2) Matth., XII, 42.

peregrinos, anciosos por contemplar o vulto magestoso d'aquelle Rei pacifico que traz rendidos a si todos os corações do orbe : *Rex pacificus... cujus vultum desiderat universa terra!*

O Pontificado Romano é a potencia moral mais elevada do seculo XIX. Quando Leão XIII ergue a voz, a sua dicção pésa sobre as consciencias e abala o universo. Que admiraveis ensinamentos estão descendo cada dia d'aquella cathedra magistral ! Vindicando a divindade de Jesus, sustenta Leão XIII a auctoridade indefectivel da Egreja e ao mesmo tempo consolida a auctoridade dos governos seculares. Representante de um Deos que aborrece a dissenção e ama a paz : *Non enim est dissentionis Deus, sed pacis* (¹), elle se esforça por estabelecer o mais perfeito accôrdo entre os dous poderes que regem a sociedade humana, sem deixar porém de discriminar cuidadosamente o que é de Deos e o que é de Cesar. Promotor estrenuo da justiça e do direito, elle empenha generosos esforços para ampliar as raias da verdadeira civilisação ; elle oppõe o peito, invencivel barreira, ante a nova barbaria que avança ameaçadora ; elle chama a si a grande causa da evangelisação da Africa ; elle quebra os ferros da escravidão ; elle proclama a dignidade da estirpe humana. Attento a tudo, sempre incansavel, elle defende com energia a santidade do lar domestico e a grandeza da familia christã, deshonorada pelo casamento civil e ameaçada de dissolução pelo divorcio ;

(1) 1. Cor., XIV, 33.

elle propugna com valor a causa sympathica do operario ; elle toma sob a sua égide protectora todos os opprimidos. Agente poderoso do bem, elle favorece os bons estudos ; elle desenvolve as sciencias, as lettras e as artes ; elle promove a educação e o engrandecimento do clero ; elle estimula a piedade ; elle ergue o nivel da moralidade publica. Devedor para com todos, se aos povos inculca respeito e obediencia para com as auctoridades constituidas, elle não cessa de recomendar aos que têm a tremenda responsabilidade do poder devotamento á causa dos povos. Arauto fidelissimo do Rei dos reis, desde a aurora do seu Pontificado, elle não cessa de reclamar ante as nações o reconhecimento dos direitos de Deos e da Igreja para á paz e felicidade do mundo. Atalaia vigilante de Israel, elle denuncia á sociedade onde está o perigo que ameaça subvertê-la, e desvenda sem temor os planos sinistros dos que jurarão a sua perda.

Para que mais ?... Digão os homens doutos e criteriosos qual a verdade que Leão XIII não tenha defendido ? qual o erro que não tenha profligado ? qual a nobre causa que não haja acobertado sob o manto da sua immensa auctoridade ?

Sim ! spectaculo consolador ! Pedro, na pessoa de Leão XIII, sobrepuja pela grandeza da sua estatura moral todas as individualidades do seu tempo. Oh ! como a sua eloquente voz illumina as almas e nobilita os corações : *Stans autem Petrus... levavit vocem suam !*

XXVIII

Mas o Pontificado Romano, veneráveis Irmãos e Filhos muito amados, não é só uma potencia moral que se impõe ás consciencias. E' ainda uma potencia social e politica com que na hora presente se deve contar. A despeito da hostilidade dos poderes da terra, dos clamores das paixões, das resistencias do erro, a influencia do Chefe supremo da Igreja pésa sobre os destinos até das maiores nações.

Vêde. A Allemanha, no auge do seu poder formidavel, não receia ceder ás reclamações de Leão XIII e revoga as suas famosas leis de Maio, tantas vezes declaradas intangíveis. Demais, eil-a que appella para a intervenção do grande Papa ainda em assumptos que affectão apenas a economia interior do imperio germanico. E que diremos da mediação de Leão XIII, resolvendo pacificamente o temeroso litigio que esteve a lançar em luta armada, uma contra a outra, a Prussia e a Hespanha? Tão importante acontecimento ha de figurar por certo na historia da Europa contemporanea como a prova mais irrecusavel da immensa força moral que o Papa continúa a exercer sobre as nações no declinar d'este seculo.

Vêde ainda. Depondo as velhas e odiosas prevenções que desde Henrique VIII e a indigna Isabel a animavão contra o Pontifice de Roma, a Grã-Bretanha protestante, no auge do seu poderio, recebe officialmente os seus legados, cérca-os de honras publicas e escuta a voz

dos seus conselhos. A Irlanda cede aos desejos de Leão XIII e modera a exigencia das suas reivindicações, ao passo que a Inglaterra modifica a sua attitude tradicional diante da ilha irmã e lhe prepara maior somma de liberdade.

A propria Russia, a Russia schismatica, despindo a sua fereza e arrogancia, não resiste mais ao imperio da Cathedra Romana e suspende os rigores da sua politica em relação á desditosa Polonia. Diremos mais. Gravitando em derredor de um novo centro para onde o Papa consegue attrahil-a, a Russia autocrata não hesita em approximar-se da França republicana. A união das duas grandes potencias ahi vem contrabalançar o peso formidavel da triplice alliança. Assim pois, sob a influencia de Leão XIII, modificão-sé profundamente as condições politicas da Europa e d'esta nova orientação internacional bem póde surgir, de um momento para outro, uma nova ordem de cousas mais favoravel aos altos interesses do Catholicismo.

Não é sómente sobre as nações christãs que se faz sentir a preponderancia moral de Leão XIII. Do seio da infidelidade e do paganismo erguem-se vozes bemdizendo a sua acção benefica e procurando a sua amizade. Esquecido dos golpes formidaveis que o Pontificado Romano descarregára outr'ora sobre o poder do Alcorão, o Grão-Turco envia dádivas opulentas a Leão XIII, como penhor da sua particular benevolencia, ao mesmo tempo que assegura ao Catholicismo a mais ampla liberdade de expansão e exercicio em seus vastos dominios. Lá no extremo Oriente, o impe-

rador da China invoca a amizade do grande Chefe dos catholicos e solicita, como honra especial, a presença de um delegado pontificio na côrte de Pekim ; voto este que já de ha muito estaria satisfeito, se não viera a pôr-lhe estôrvo um mesquinho sentimento de ciume nacional da parte do governo francez, injustamente receioso de ver diminuida a preponderancia, quasi exclusiva, que até agora tem exercido a França sobre os catholicos d'aquellas remotas plagas.

Na previsão das difficuldades, humanamente insuperaveis, que surgirião de todos os lados para embargar a obra da conversão do mundo, Jesu-Christo dizia aos seus discipulos assustados : « Padecereis trabalhos no mundo ; mas tende confiança, eu venci o mundo : *In mundo pressuram habebitis : sed confidite, ego vici mundum* (1). »

Ainda á beira d'esse insondavel abysmo de perdição para onde corre precipite a sociedade moderna, alongando-se cada vez mais do Christianismo, não quere-mos desanimar. Oxalá pudessemos communicar-vos a todos, ó caros Diocesanos, alguma cousa das nossas invenciveis esperanças ! Este ha de ser, no decurso do nosso episcopado, todo o nosso empenho. Não cessaremos um só momento de vos bradar com toda a convicção da nossa fé :

— Tende confiança ! Pedro, sempre vivo em seus successores, salvará a sociedade moderna, apesar de já tão minada em suas entranhas por tantos elementos

(1) Joan., XVI, 33.

dissolventes ! Fóra d'elle, desenganai-vos, esta miserã sociedade não poderá achar salvação : *Non est in alio aliquo salus* (1) ! As suas victorias passadas são penhor e garantia das suas victorias futuras. Elle tem consciencia da sua força, que é a força propria da Egreja, a força do seu imperecedouro Vicariato. Sempre de pé, ante os seculos vindouros, dominando todas as transformações d'este mundo que passa, Pedro redirá sem cessar, em altos brados, a sua palavra de salvação e de vida eterna : *Stans autem Petrus... levavit vocem suam !*

Um juramento solemne, sahido da bocca veridica de Deos, garante a eterna existencia de Pedro ; e Deos não se ha de arrepender nem retractar : *Juravit Dominus et non pœnitebit eum.* Jesus e Pedro são inseparaveis. O que o Senhor disse a seu proprio Filho dil-o tambem ao Vigario de seu Filho : *Tu es sacerdos in æternum !* Sim, *in æternum !* porque os seculos lhe pertencem. Para que este supremo Sacerdocio não possa ser derribado, para garantir-lhe a permanencia e defender-lhe o exercicio, o Senhor assiste continuamente á sua dextra, como á dextra de seu Christo : *Dominus a dextris tuis.* Ai ! dos principes ou das nações que tentarem pôr-lhe mãos violentas ou embaraçar-lhe a acção ! No dia da sua ira, erguer-se-ha o Senhor com toda a magestade do seu poder e despedaçará sem piedade esses reis insolentes : *Confregit in die iræ suæ reges !* Em sua indignação chamará á barra do seu tribunal essas nações

(1) Act., IV, 12.

oppressoras e julgál-as-ha com o rigor da sua inflexível justiça: *Judicabit in nationibus!* Olhai para as estradas dos seculos. Como vão alaistradas de assombrosas ruinas accumuladas pelo braço irritado de Deos: *Implebit ruinas!* Quantos sceptros partidos! quantas corôas por terra! quantas dynastias dispersas! quantas cabeças esmigalhadas: *Conquassabit capita in terra multorum!* Assim ha de ser até ao fim: não se tóca impunemente no Vigario de Christo. Sem duvida, chefe de uma Igreja ainda militante, Pedro, como o seu divino Mestre, em seu perpassar terreno, não poucas vezes terá que beber na torrente das tribulações. Mas esperai um pouco, que não tardará a hora da Providencia: vê-lo-heis então exaltar, ante os seus inimigos humilhados, a sua fronte divinamente victoriosa e aureolada: *De torrente in via bibet, propterea exaltabit caput (1)!*

XXIX

Não poucas vezes tereis ouvido, veneraveis Irmãos e Filhos muito amados, que o Pontificado Romano é uma instituição que já fez o seu tempo, e que ahi jaz agora decrepita, sem vigor nem acção, prestes a dar o seu ultimo arranco, sem que nada mais lhe possa valer (2).

Na verdade, assim pensão alguns publicistas mo-

(1) Ps., CIX, 4 a 7.

(2) Este é tambem um dogma *sociologico* para Comte e

dernos filiados á escola racionalista. Fechando systematicamente os olhos para não ver o desmentido que os factos lhes estão dando, ousão assegurar que a humanidade assistirá em breve aos funeraes do Pontificado Romano, havendo até quem escreva que, se elle já não está totalmente morto, cumpre, no interesse da humanidade, apressar-lhe a morte.

Procurámos até aqui desfazer a má impressão que estas cavillosas affirmativas possão ter deixado no animo de alguns de vós. Sem duvida, por mal orientados da marcha do seculo, nem todos tereis ligado a devida importancia aos factos que se accumulão numerosos para levar á evidencia a pujança sempre portentosa do Supremo Vicariato instituido por Jesu-Christo.

Mas agora, para contestar a referida asserção, queremos appellar para o testemunho de um escriptor que nos é estranho, porque é protestante, mas cujo espirito imparcial e profundamente observador lhe dá, n'este ponto, uma auctoridade inteiramente excepcional.

Lêde e meditai as bellas considerações feitas pelo grave e insuspeito Macaulay, ácerca da vitalidade e pu-

a sua escola. Eis o que o já citado Sr. J. H. Lagarrigue ousa escrever ao Sr. Arcebispo de Santiago do Chile:

« *A partir de ahí (la crisis del Occidente) la decadencia de esa doctrina (el catolicismo) ha ido en creciente aumento, SIN QUE NADA HAYA PODIDO EVITARLO.* » (Carta al Señor Arzobispo D. Marianno Casanova, pag. 5.)

jança da Igreja catholica e do Pontificado Romano. Dir-se-hia uma pagina sahida da penna de Donoso Cortez, de Ventura de Raulica, ou de Luiz Veillot. E' um trecho precioso que não temos animo de mutilar.

« Não ha e nunca houve sobre a terra, — escreveo o douto historiador,—uma obra de humana politica tão merecedora de exame como a Igreja Catholica Romana. A historia d'esta Igreja vai prender-se a duas grandes datas da civilisação humana. Nenhuma outra instituição das existentes transporta o espirito aos tempos idos em que o fumo do sacrificio se elevava do Pantheon e em que os leopardos e os tigres saltavão no amphitheatro de Flavio.

« As casas reaes mais orgulhosas da sua antiguidade são apenas de hontem, quando comparadas com a linhagem dos Summos Pontífices. Essa linhagem podemos traçal-a n'uma série não interrupta, desde o Papa que corôou a Napoleão no seculo XIX até ao Papa que corôou a Pepino no VIII, e estende-se tão augusta dynastia muito além do tempo de Pepino até ir perder-se no crepusculo da fabula.

« A republica de Veneza segue-se-lhe em antiguidade. Mas a republica de Veneza era moderna, quando comparada com o Papado ; e a republica de Veneza já desapareceo e o Papado ainda subsiste. E O PAPADO AINDA SUBSISTE, NOTAI BEM, NÃO EM DECADENCIA COMO UM MÉRO MONUMENTO ANTIGO, MAS CHEIO DE VIDA E DE VIGOR JUVENIL.

« A Igreja Catholica ainda continúa a enviar

para os confins mais remotos do mundo missionarios tão zelosos como aquelles que desembarcárão em Kent com Agostinho e ainda affronta reis hostís com o mesmo valor com que affrontou a Attila.

« O numero dos seus filhos é maior do que em qualquer epocha mais antiga. As suas acquisições em o Novo Mundo têm mais que compensado o que ella perdeu no Velho. O seu predomínio espirital estende-se sobre as vastas regiões que jazem entre as planicies do Missouri e o Cabo de Horn; regiões que, d'aqui a um seculo, podem com toda a probabilidade conter uma população tão grande como a que actualmente habita a Europa. O numero dos membros da sua communhão certamente não é inferior a 150 milhões; e será difficil demonstrar que todas as outras seitas christãs reunidas cheguem a dar uma somma de 120 milhões.

« Nenhum signal apparece por onde se possa presumir que esteja proximo o termo do seu longo dominio. Ella vio o começo de todos os governos e de todos os estabelecimentos ecclesiasticos que actualmente existem no mundo, e não garantimos que ella não esteja destinada a ver o fim de todos elles. Já era grande e respeitada antes que o Saxonio houvesse pisado a Bretanha, antes que o Franco houvesse passado o Rheno, quando a eloquencia grega ainda florescia em Antiochia, quando os idolos ainda erão adorados no templo da Mecca. E ainda póde existir em seu inteiro vigor, quando algum viajante da Nova-Zelandia, no meio de uma vasta solidão, se detiver um dia n'um arco que-

brado da ponte de Londres para d'ahi esboçar as ruínas da Cathedral de S. Paulo (1). »

(1) Para prova da lealdade da nossa extensa citação, aqui damos integralmente, em sua lingua original, o bello trecho de Macaulay acima allegado:

« There is not, and there never was on this earth, a work of human policy so well deserving of eximination as the Roman Catholic Church. The history of that Church joins together the two great ages of human civilisation. No other institution is left standing which carries the mind back to the times when the smoke of sacrifice rose from the Pantheon, and when camelopards and tigers bounded in the Flavian amphitheatre. The proudest royal housus are but of yesterday, when compared with the line of the Supreme Pontiffs. That line we trace back in an unbroken series, from the Pope who crowned Napoleon in the nineteenth century to the Pope who crowned Pepin in the eight; and far beyond the time of Pepin the august dynasty extends, till it is lost in the twilight of fable. The republic of Venice came next in antiquity. But the republic of Venice was modern when compared with the Papacy; and the republic of Venice is gone, and the Papacy remains. The Papacy remains, not in decay, not a mere antique, but full of life and youthful vigour. The Catholic Church is still sending forth to the farthest ends of the world missionaries as zealous as those who landed in Kent with Augustin, and still confronting hostile kings with the same spirit with which she confronted Attila. The number of her children is greater than in any former age. Her acquisitions in the New World have more than compensated for what she has lost in the Old. Her spiritual ascendancy extends over the vast countries which lie between the plains of the Missouri and Cape Horn, countries which, a century hence, may not improbably contain a population as large as that which now inhabits Europe. The members of her communion are certainly not fewer than a hundred and fifty millions; and it will be difficult to show that all other Christian sects united amount

Eis ahí como falla o illustre Macaulay. E com elle assim fallão todos os espiritos rectos e imparciaes, que, no apreciar dos factos, sabem sobrepôr a verdade ás regras falseadas de uma critica desdenhosa e sem base, antes filha de preconceitos tradicionaes do que de convicções sinceramente adquiridas apoz estudos conscienciosos.

Oh ! gloria do Pontificado Romano ! No meio da perenne vicissitude das cousas humanas, em que tudo varia, tudo muda, tudo passa, tudo perece, tudo se precipita na voragem do tempo, só essa magnifica instituição perdura sempre cheia de vitalidade, sempre forte, sempre activa, sempre sobranceira á caducidade inherente a tudo o que a rodêa !

Reinos, imperios, republicas, povos, nacionalidades, dynastias, familias poderosas, tudo rúe, mais hoje, mais amanhã, ao vendaval das revoluções ; e o estrondo de todas essas catastrophes, tantas vezes repe-

to a hundred and twenty millions. Nor do we see any sign which indicates that the term of her long domination is approaching. She saw the commencement of all the governments and of all the ecclesiastical establishments that now exist in the world; and we feel no assurance that she is not destined to see the end of them all. She was great and respected before the Saxon had set foot on Britain, before the Frank had passed the Rhine, when Grecian eloquence still flourished at Antioch, when idols were still worshipped in the temple of Mecca. And she may still exist in undiminished vigour when some traveller from New Zealand shall, in the midst of a vast solitude, take his stand on a broken arch of London Bridge to sketch the ruins of St. Paul's. (Macaulay, Critical and Historical Essays, vol. II.)

tidas, echôa pavoroso pela historia afóra ! Mas, — oh ! prodigio ! — apenas se dissipa a immensa nuvem pulverea de cada um d'esses terriveis desmoronamentos que assombrão o mundo, outro vulto se não contempla, de pé e firme, impavido e magestoso, senão só o vulto esplendido do Chefe da Egreja ! A indefectibilidade da sua permanencia impõe-se á admiração universal e confunde as sinistras predicções dos prophetas do abysmo. Aquella poderosa voz, que resôa de seculo em seculo sem jámais emmudecer, continuará a clamar até ao fim dos tempos, sustentando a grande causa das almas e guiando a humanidade aos seus eternos destinos : *Stans autem Petrus.... levavit vocem suam !*

Oh ! esplendores da nossa augusta fé ! Oh ! demonstração viva, palpavel, visivel, firmando atravez dos seculos a divindade da Egreja Catholica !

Que infinitas acções de graças devemos render ao divino Salvador das nossas almas por haver creado em sua Egreja esse poder supremo, unico, indefectivel, que é a regra permanente da nossa fé no meio das versatilidades das opiniões humanas, que traça a norma da nossa conducta por entre as incertezas do tempo, que nos fixa o sentido genuino das Sagradas Escripturas sujeitas a tantas interpretações diversas sob a influencia das paixões, que nos põe ao abrigo de cahir no erro intellectual e moral, — incomparavel infortunio que infallivelmente nos succederia sem esse Chefe illuminado posto á nossa frente, sem esse Pastor amorofo encarregado de nos encaminhar pelas verédas

da verdade e do bem. Oh! misericórdia acima de todas as demais misericórdias que o Senhor nos fez, jámais te poderemos bemdizer, louvar e agradecer dignamente!

Catholicos, quem quer que sejais, sois filhos da verdade. Despertai a vossa fé, o vosso amor e a vossa confiança n'essa esplendida instituição do Pontificado Romano. Atravez d'aquelle venerando ancião, assentado na Cathedra infallível de Pedro, contemplai a Jesus, que n'elle e por elle dogmatiza, ensina, legisla e governa. Na presença de Pedro, avivai em vosso coração todos os sentimentos que a religião vos inspira por Jesus.

« Tudo quanto a piedade para com Jesus, considerado em seus titulos de sacerdote, pastor e pai, pôde inspirar a uma alma illuminada pela fé, — escreveo admiravelmente um sabio e piedoso Bispo, — resume-se, em certa ordem affectiva e pratica, na piedade para com o Papa. Faber disse: *a devoção*, e disse perfeitamente bem. Se tendes devoção com os anjos, Pedro é positivamente o Anjo visível de toda a Igreja. Se tendes devoção com os santos, Pedro é a fonte terrestre da santidade catholica, e chamão-lhe *Sua Santidade*. Se é cousa muito natural ser devoto das sagradas Escripturas, Pedro é a Biblia viva e falante. Se é verdadeira justiça ser devoto dos sacramentos, acaso não será Pedro o sacramento de Jesus, só por isso que é o seu Vigario? Tende pois grande devoção com S. Pedro, d'esse Pedro fallo que nunca morre, e que, sob nomes diversos, ha de viver até ao

fim do mundo. E' necessario porém que a vossa piedade para com o Papa desabroche em orações por elle. Venerai-o, a sua magestade é tão celeste ; amai-o, os seus beneficios são tão grandes ; mas sobretudo orai por elle, as suas cargas são tão pesadas ! Não será um pensamento suave o de saber, que, embóra em pequena parte, podemos servir de esteio a essa columna que sustenta tudo ? Entrai pois a miudo e de todo o coração n'esta suprema e muito especial oração que Jesus fez n'este mundo pelo Papa : « Simão, Simão, Satan pedio permissão para vos joeirar a todos, disse Elle ; mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfalleça (¹). » Até certo ponto e por designios adoráveis, Deos attendeo ao pedido de Satanaz, a historia o attesta. Como attenderá Elle á prece de seu Filho, e á d'aquelles que orão no espirito de seu Filho (²) ? »

Sacerdotes e fieis de Jesu-Christo, sigamos sempre o Papa. Em união com elle sustentemos a grande causa de Jesus, defendamos os sagrados direitos da sua Igreja. Alentemos uma vez a voz e com o Papa brademos para o divino Salvador ante as negações do seculo : *Tu és Christo, Filho de Deos vivo !* Alentemos outra vez a voz e com Jesus brademos para o Papa ante as apostasias do seculo : *Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja !* Assim venceremos o espi-

(1) Luc., XXII, 31.

(2) Mgr. Gay, *De la vie et des vertus chrétiennes*, tom. II, pag. 601 e 602.

rito do erro, irradiaremos a verdade em derredor de nós, e, defendendo esse duplo fundamento da fé christã, teremos concorrido para a salvação da sociedade.

XXX

Está finda a nossa Instrucção pastoral. Que altos e maravilhosos ensinamentos vos temos expellido! D'elles se desentranha um admiravel corollario pratico, que aqui não podemos deixar de vos inculcar.

O Papa, a Egreja, Jesu-Christo, eis ahi a lei absoluta do progresso do homem para se elevar a Deos, para attingir a vida divina. O caminho illuminado por onde Deos se digna de descer a nós, esse é o caminho unico por onde devemos de subir a elle.

O'almas que anciais pela posse da verdade, quereis achar a Deos? Procurai a Jesu-Christo, que Deos está n'elle, reconciliando o mundo comsigo: *Deus erat in Christo mundum reconcilians sibi* (1). Quereis achar a Jesu-Christo? Procurai a sua Egreja, a Egreja catholica, que só ahi ouvireis os maviosos accentos da sua voz divina: *Qui vos audit, me audit* (2). Quereis achar a unica verdadeira Egreja, columna e firmamento da verdade, como lhe chama S. Paulo (3)? Procurai o Papa, que é a sua base fundamental, que é o

(1) 2. Cor., V, 19.

(2) Luc., X, 16.

(3) *Ecclesia Dei vivi, columna et firmamentum veritatis.*

(1. Tim., III, 15.)

Pastor supremo, aquelle a quem foi divinamente dito : *Pasce agnos meos, pasce oves meas* (¹). O Papa é a pessoa de Pedro sempre vivo, sempre presente em seus successores, e, como já nô-lo disse o grande Arcebispo de Milão : Onde está Pedro ahi está a Igreja : *Ubi Petrus, ibi Ecclesia* (²). Onde está a Igreja, ahi está Jesu-Christo, ahi está Deos, ahi está a vida divina!

A vida divina, eis o nobilissimo objectivo a que pretendemos elevar, pelos maravilhosos ensinamentos da fé, as almas que nos forão confiadas.

As almas ! oh ! quanto ambicionamos illuminá-las com os esplendores da doutrina catholica ; essa doutrina, no dizer do mellifluo S. Bernardo, tão deliciosa ao paladar, tão solida para nutrição, tão efficaz como medicina : *Deliciosa ad saporem, solida ad nutrimentum, efficax ad medicinam* (³) !

As almas ! eis o campo que Deos cultiva, eis a casa que Deos edifica. Queremos ser fiel cooperador de Deos n'essa divina agricultura, n'essa mystica edificação (⁴).

Mãos á obra ! e tentemos uma grande restauração, sem a qual nem o individuo, nem a familia, nem a sociedade se poderão salvar : a necessariê restauração de todas as cousas em Jesu-Christo, segundo o lemma divino do apostolo S. Paulo : *Instaurare omnia in*

(1) Joan., XXI, 16 e 17.

(2) S. Ambros., *Enarratio in Psalm.*, XL, 30.

(3) S. Bern., *In Cantica*, serm. LXVII, n. 1.

(4) *Dei enim sumus adjutores, Dei agricultura estis, Dei edificatio estis.* (1. Cor., III, 9.)

Christo (¹). Sim, d'aqui em diante, no meio de vós, todo o empenho da nossa actividade não será outro senão restaurar o reino de Jesu-Christo. Oh! quanto importa que o divino Salvador reine definitivamente sobre as almas : *Oportet illum regnare* (²) ! Nenhum outro nome, debaixo do céu, foi dado aos homens em virtude do qual possamos ser salvos (³).

Jesu-Christo ! oh ! nome bemdito, nome sagrado, nome dulcissimo, que outr'ora, simples sacerdote, tantas vezes pronunciamos no meio de vós ; que agora, elevado a honras mais sublimes, tantas vezes escrevemos n'estas humildes paginas ; que tantas outras havemos de ahi repetir no decurso do nosso episcopado ; que será o ultimo que os nossos labios — da misericordia de Deos o esperamos — proferirão por entre a lividez da morte !

A' luz d'este nome de salvação, queremos indicar-vos a róta dos vossos destinos, traçar-vos a norma dos vossos deveres, intimar-vos as ordens do céu. Sobre esse nome só, dir-vos-hemos sem intermittencias, é que cumpre assenteis o edificio das vossas esperanças. Fóra d'esse nome divino, tudo é duvida, incerteza, inquietação, instabilidade, desordem, ruina !

Ai ! como máos correm os tempos ! como escuros se mostram os horizontes ! como pesada se sente a at-

(1) Eph., I, 10.

(2) I. Cor., XV, 25.

(3) *Non enim aliud nomen est sub caelo datum hominibus, in quo oporteat nos salvos fieri.* (Act., IV, 12.)

mosfera que nos circumda! Tudo prenuncia, na ordem moral, o estalar proximo de horrivel tormenta. « Por isso mesmo, está a dizer-vos o velho Origenes, antes que rebente a tempestade, antes que se desencadêe o furacão, antes que se intumeção as ondas, concentraes esforços para assentar sobre solidos fundamentos o vosso edificio espiritual. Sim! correi a construir a vossa morada com varias e firmes pedras e bem argamassadas; de modo que, ao desabar da temerosa procella, se manifeste a segurança d'esse edificio das vossas crenças, por isso que acertastes de levantá-lo sobre pedra firme, que é Christo Jesus: *Supra firmam petram, Christum Jesum* (1). »

Jesu-Christo! Mas não estais ouvindo o grito insolente que lhe dirige a sociedade moderna pela bocca dos seus palinuros? — « Vai-te para longe de nós, que não queremos a sciencia dos teus caminhos: *Dixerunt Deo: Recede a nobis, et scientiam viarum tuarum nolumus* (2)! Vai-te, que não te queremos a imperar sobre nós: *Nolumus hunc regnare super nos* (3)! »

Ah! desgraçados! não quereis a Jesu-Christo?...

(1) *Antequam oriatur tempestas, antequam ventorum flabra consurgant, priusquam intumescant flumina, omne studium nostrum ad ædificiorum fundamenta vertamus. Ædificemus domum nostram variis firmisque lapidibus, ut cum durus turbo surrexerit, ostendamus nos habere ædificium supra firmam petram, Christum Jesum.* (Origen., *In Lucam*, hom. XXVI.)

(2) Job, XXI, 14.

(3) Luc., XIX, 14.

E que podereis reconstruir sem elle e contra elle? Verbo de Deos, sem elle nada perdura; ainda mais, sem elle nada se faz: *Sine ipso factum est nihil* (1)! Não quereis que elle reine sobre vós? Pois bem! ficai certos de que forçosamente ha de reinar. Sim, elle ha de reinar, a despeito do vosso máo querer. Se não reinar sobre vós pela abundancia das suas graças e dos seus beneficios, reinará pelas maldições e calamidades que se amontoarão sobre a vossa obra impia! As ruinas das vossas ephemeras construcções virão confirmar em breve, mais uma vez, a dolorosa sentença de Santo Hilario: « Ai! nada ha mais perigoso para a sociedade do que repellir a Jesu-Christo: *Et quid mundo tam periculosum quam non recepisse Christum* (2)?

Quanto a nós, sentinella da verdade, defensor dos direitos de Deos, guarda das almas, opporemos sem cessar o peito a esta horrivel, a esta criminosa tentativa.

« Repôr todas as cousas, diremos com um grande Bispo contemporaneo, sob o legitimo imperio de Deos, de Jesu-Christo e da Igreja; combater por toda a parte essa sacrilega substituição do homem a Deos, que é o crime capital dos tempos modernos; resolver de novo pelos preceitos ou conselhos do Evangelho, e pelas instituições da Igreja, todos os problemas que o Evangelho e a Igreja havião já resolvido: educação, familia, propriedade, poder; restabelecer o equilibrio

(1) Joan., I, 3.

(2) S. Hilar. Pictav., *Comment. in Matth.*, VIII, 3.

christão entre as diversas condições da sociedade ; pacificar a terra e povôar o céu : tal é a missão que deveremos proseguir no meio de vós, segundo a extensão das nossas forças (1). »

Eis ahi o grande, o luminoso programma a que, mediante o auxilio da divina graça, queremos consagrar os dias que nos restão de vida.

XXXI

Sacerdotes de Jesu-Christo, que formais o venerando Clero da nossa querida Archidiocese, precisamos de vós para essa grande obra de restauração moral e religiosa. Cooperareis sériamente connosco. Mas a vossa cooperação não nos poderá ser efficaz, se não aviventardes bem o vosso zelô pela salvação das almas. Desapegai-vos de tudo quanto é caduco e transitorio. Sal da terra, não vos torneis dissaboridos ; lampadas de Jacob, não amorteçais o vosso brilho ; pedras do santuario, não vos arrasteis indignamente no lodo das praças publicas ; exemplares da perfeição christã, não desçais d'esse pedestal sublime ; bom odor de Jesu-Christo, não cesseis de diffundir em derredor de vós a suavidade dos seus perfumes.

Fugi do bulicio do seculo, arredai-vos do ruido das suas festas, evitai o tumultuar dos seus negocios. Ah ! ninguem vos veja na vulgaridade de preoccupações terrenas !

(1) Card. Pie, *Œuvres*, tom. I, pag. 103.

Ouvi ainda o conselho de um grande Pontífice brasileiro, tão cedo roubado ao amor da patria querida, e que deixou apoz de si, em sua rapida passagem, uma larga esteira luminosa de doutrina e de eloquencia. Ouvi essa autorisada voz de além-tumulo, que, por isso mesmo, a ninguem póde hoje parecer suspeita.

« Sacerdotes de Jesu-Christo, . . . para que renunciareis a porção preciosa da vossa herança e as ineffaveis doçuras do vosso calix para irdes mendigar no seculo não sei que honras vãs que não vos honrão ? . . . Bem sabemos que não é absolutamente prohibido a um ecclesiastico tomar certa parte nos negocios politicos ; mas sabemos tambem que, nas circumstancias infelizes em que nos achamos, não se póde, em geral, fazello, sem comprometter a augusta dignidade do nosso character sacerdotal. Não, ficai antes nas alturas serenas a que vos eleva a vossa missão divina ; pairai sobranceiros, como Anjos de paz, sobre as tristes discórdias dos homens, e em vez de pronunciardes palavras embebidas no fel dos partidos, só sáhião de vossos labios palavras de doçura e conciliação. Esta prudente abstenção vos engrandecerá na estima publica ; vossa frente, crêde-nos, apparecerá rodeada de mais formosa auréola ; vosso ministerio será acceito e abençoado geralmente, e a obra de Deos não encontrará tantos obstaculos na funesta prevenção dos partidos (1). »

(1) D. Antonio de Macedo Costa, *Carta Pastoral por occasião de sua entrada na Diocese* (1 de Agosto de 1861), págs. 4 e 5.

Se na prosequção d'essa grandiosa obra, toda de Deos e das almas, devemos confiar na generosa cooperação do nosso digno Clero em geral, com maioria de razão temos o direito de esperar o vosso poderoso concurso, veneraveis membros do Corpo Capitular Metropolitano, vós a quem deviamos ter nomeado em primeiro lugar. Sacerdotes escolhidos, ornamento e gloria do Clero fluminense, constituis o nosso augusto Senado. Este é, consoante aos sagrados Canones, o Conselho respeitavel que nos cumpre ouvir nas conjuncturas difficeis da nossa ardua missão. Iremos ao pé de vós, cheio de confiança, desatar as nossas duvidas, aplanar as nossas difficuldades, fixar as nossas incertezas, dissipar as nossas apprehensões. Em cada um de vós, sem excepção, abraçamos um affectuoso amigo de longa data. Oh! como este suave pensamento nos anima e nos conforta! A voz da amizade, penetrando os vossos conselhos, communicará mais segurança ás nossas deliberações. Oh! quanto fiamos das vossas luzes, da vossa lealdade e da vossa experiencia nos caminhos de Deos para nos aconselhardes com acerto!

Demais, elevados pela vossa dignidade acima dos vossos irmãos de sacerdocio, sois os modelos da tribu sagrada. O' amigos carissimos, ó veneraveis Irmãos, resplandecei acima de todos pelo brilho da vossa sciencia, pela austeridade da vossa vida, pelo ardor da vossa piedade, pela fiel observancia das regras canonicas. Meditai o bello titulo que vos foi attribuido e

enchei sem cessar todas as suas admiraveis significações (1).

Mas que poderemos fazer sem vós, venerandos Parochos, que mais do que nós aguentais *o peso do dia e da calma* (2) no afanoso cultivo das almas que vos estão confiadas?... Mais especialmente de vós é que depende o bom resultado da nossa augusta missão. Estão em vossas mãos os destinos da familia e da sociedade. Bem sabemos quaes são os vossos labores, bem conhecemos os vossos esforços no amanho da mimosa vinha do celeste Pai de familias. Não vos regateamos os nossos louvores. Redobrai porém de zelo e de cuidados para dilatar cada dia mais em derredor de vós o reino de Jesu-Christo. Tendes ao vosso dispôr uma arma poderosa, — a palavra de Deos: fazei-a vibrar bem alto. Oh! sim, com o grande Apostolo nós vól-o adjuramos diante de Deos e de Jesu-Christo, que ha de julgar vivos e mortos, prégai sem cessar essa palavra santa; jámais emmudeça ella em vossos labios. Instai a tempo e fóra de tempo, reprehendei, rogai, admoestai com toda a paciencia e doutrina. Não vos amedronteis ante a grandeza do trabalho, vigiai de continuo sobre o vosso rebanho, cumprí santamente o vosso ministerio; mas no meio das vossas funcções

(1) *Hi sacerdotes, Assessores et quasi Episcopi Senatus, CANONICI dicti sunt, ex eo quia in observandis regulis Ecclesiasticis cautiores et diligentiores erant ceteris, et eam vitam vivebant, ut mensuram nominis implerent.* (Leon. Pp. XIII, Brev. *Illud est*, 29 Jan. 1894.)

(2) Matth., XX, 12.

diversas, fazei sempre obra de evangelista : *Opus fac evangelistæ* (1).

Evangelizai os pequeninos, evangelizai os grandes, evangelizai os pobres, evangelizai os ricos, evangelizai os ignorantes, evangelizai os sabios, evangelizai os pais, evangelizai os filhos, evangelizai os servos, evangelizai os amos, n'uma palavra, sêde para todos um bom evangelista do Senhor : *Opus fac evangelistæ!*

Oh! — crêde-nos — a ignorancia das cousas da Religião em nossa sociedade é mais commum do que geralmente se pensa e desempenha um papel mais importante do que geralmente se cuida n'essa deserção que tanto entristece a nossa Igreja nos dias actuaes. A palavra do Senhor é uma palavra luminosa : ella afugenta adiante de si a noite da ignorancia, como o sol afugenta as trévas.

A todos os que temos cargo d'almas foi dito : Ide, ensinaí, . . . ide, prégai o Evangelho : *Euntes docete* (2), . . . *prædicate Evangelium* (3)! Esta deve de ser a nossa persistente occupação : tudo o mais só vem depois. A' imitação dos Apostolos, não tenhamos outro dever por superior a este, e como elles digamos sempre :

(1) *Testificor coram Deo et Jesu-Christo, qui judicaturus est vivos et mortuos, . . . prædica verbum, instat opportune, im-
portune: argue, obsecra, increpa in omni patientia et doctri-
na . . . Tu verò vigila, in omnibus labora, opus fac evangelis-
tæ, ministerium tuum imple* (2. Tim., IV, 1, 2 e 5.)

(2) Matth., XXVIII, 19.

(3) Marc., XVI, 15.

Non est æquum nos relinquere verbum Dei et ministrare mensis (1)!

Oh! quão fructuosa é a palavra de Deos na sanctificação das almas! O nosso bom povo perece á mingua d'esse pabulo salutar: eia! distribui-lh'o com assiduidade e abundancia. Vêde como todos correm a recebê-lo onde elle se reparte no espirito de Jesus. Parecem enfim chegados os dias promettidos pelo Propheta: « Dias virão, diz o Senhor, em que hei de mandar uma fome á terra; não fome de pão nem sêde d'agua; mas fome e sêde de se ouvir a palavra do Senhor: *Ecce dies venient, dicit Dominus, et mittam famem in terram: non famem panis neque sitim aquæ, sed audiendi verbum Domini (2).* »

Esta fome já se faz sentir por toda a parte. Bem-dito seja Deos! que já reluzem no horizonte os dias promettidos: no meio das tristezas da actualidade, o céo nos envia um signal consolador!

O' pastores das almas, o povo christão, nas ancias d'aquella mysteriosa fome, acóde pressuroso ao pé de vós, reclamando com gemidos o que é um direito seu e um dever vosso, — o pão da palavra do Senhor! Ah! não frustreis pela vossa desidia e negligencia as suas esperanças! A's almas famintas de verdade, dai sempre doutrinas salutaes, doutrinas legitimas, que estas são ás unicas que allumião e sarão, e portanto as unicas que sanctificão e salvão. « Olhai para Roma;

(1) Act., VI, 2.

(2) Amos, VIII, 11.

pensai, julgai, fallai como Roma ; lá é que está a bussola, o leme e o piloto ; lá é que está o fóco de onde partem os verdadeiros raios ; lá é que jórta a fonte de onde manão as aguas limpidas (1). »

Muito esperamos tambem de vós, ó respeitaveis membros do Clero regular ! Nos dias angustiosos das vossas longas provações estivemos sempre ao vosso lado, terçando armas na defeza dos vossos direitos ; fomos outr'ora obscuro soldado d'essa valente milicia que pelejava, alliada comvosco, pela restauração dos vossos pios Institutos. A nossa alma óra se alegra santamente no Senhor, vendo enfim bruxolear no horizonte os primeiros clarões que prenuncião a proxima realisação das vossas esperanças. Oh ! com que transportes de jubilo saudamos desde já o dia venturoso da re-abertura dos vossos noviciados ! Estaremos ainda ao vosso lado para partilhar as alegrias do vosso triumpho, como ao vosso lado estivemos partilhando as tristezas da vossa humilhação.

O' venerandos discipulos do grande Bento, do inflammado Elias e do seraphico Francisco, reorganisai sem demora as vossas religiosas fileiras. A Igreja e o Brasil, que jámais poderemos separar em nossos affectos, reclamão os vossos serviços e as vossas dedicações. Reatai a série de beneficios que os vossos illustres predecessores sabião prestar, com inexcedivel genero-

(1) Mgr. Gay, *De la vie et des vertus chrétiennes*, tom. II, pag. 596.

sidade, á Religião e á Patria. Eia ! vinde sustentar o peso das vossas passadas glorias !

E vós, ó benemeritos Padres, quer da Ordem dos Menores Capuchinhos, quer da Congregação da Missão, que ahi tanto vos afadigais ao serviço das almas, não cuideis que nos esquecemos de vós. Oh ! isso é impossivel ! A todos vos trazemos continuamente presentes assim em nossos pensamentos, como em nossos affectos. Nós vos devemos o tributo do nosso reconhecimento e da nossa admiração. No meio de nós, outra sciencia não quereis ter senão aquella eminente sciencia de Jesu-Christo (¹) que vos leva a desprezar tudo quanto é do mundo, e, como o grande Apostolo, não vos quereis gloriar senão no conhecimento de Jesu-Christo e este crucificado (²). Ah ! derramai sem cessar sobre as almas angustiadas a alguma cousa d'essa luz e d'esse balsamo que recebeis em vosso trato intimo com Deos. Bemdita a divina Misericordia, que tão preciosos e desvelados operarios do Evangelho nos depara em nossa querida Archidiocese !

(1) *Existimo omnia detrimentum esse propter eminentem scientiam Jesu-Christi Domini mei.* (Philip. III, 8.)

(2) *Non enim judicavi me scire aliquid inter vos, nisi Jesum Christum et hunc crucifixum.* (1. Cor., II, 2.)

XXXII

Ha outra sorte de cooperação de que sobremodo necessitamos : é a que nos vem da oração. A oração é que pôde attrahir sobre o nosso ministerio as celestes benções que hão de tornál-o fecundo.

Este auxilio esperâmol-o primeiramente de vós, ó jovens alumnos do sanctuario, filhos nossos queridos em Jesu-Christo. Predestinados aos grandes e nobres labores do sacerdocio, tambem vós tereis que descer um dia á estacada, armados com o gladio da divina palavra, para combater os bons combates do Senhor. Sois vós que vireis encher um dia os claros abertos pela mão inexoravel da morte nas fileiras já tão rareadas, ai ! do Clero diocesano, e supprir com os acommettimentos do vosso zelo a insufficiencia e frouxidão do nosso.

Eia ! sob o olhar de Deos exercitai-vos com todo o cuidado para as exigencias d'essa milicia sagrada a que aspirais. Fazei-vos dignos de que a seu tempo seja n'ella inscripto com gloria o vosso nome. Profundas acções de graças rendemos a Deos todo-poderoso, vendo a vossa educação ecclesiastica entregue á essa benemerita Congregação da Missão, que desde a nossa meninice aprendemos a conhecer, admirar e amar. Sob a esclarecida direcção dos vossos venerandos preceptores, cujo zelo, virtude e espirito sacerdotal igualão com a sua abnegação, sciencia e piedade, afervorai-vos cada vez mais no amor de Jesu-Christo.

Crescei na virtude, á medida que ides dilatando o circulo dos vossos conhecimentos scientificos e litterarios.

Em vós, ó filhos carissimos da nossa alma, estão depositadas, com as esperanças mais fagueiras da Igreja fluminense, as alegrias e consolações do vosso Pastor e Pai que tão extremosamente vos ama no Senhor Jesus.

Mas emquanto não sôa a hora de receberdes as divinas consagrações afim de que possais vir combater ao nosso lado, erguei de continuo para o céo o vosso coração e tirai d'elle uma palavra boa em favor do vosso humilde Bispo.

Quanto confiamos tambem em vós, ó virgens de Jesu-Christo, porção mais mimosa do seu divino rebanho! Ou no silencio e remanso do claustro, por entre as mysticas elevações da vossa alma contemplativa, ou no meio do bulicio e miserias do seculo, por entre os activos labores da vossa caridade, levais vida admiravelmente escondida em Deos com o vosso virginal Esposo: *Vita vestra abscondita est cum Christo in Deo* (1). Ah! valendo-vos d'esta divina união, não cesseis de vir em nosso auxilio. Trazei-nos sempre o valioso suffragio das vossas afervoradas preces. Orai pelo pastor, orai pelo rebanho. Compensai diante de Deos, pelas effusões do vosso amor laborioso, os esquecimentos religiosos da grande familia christã.

Tendes as predilecções da Santa Igreja do vosso

(1) Coloss., III, 3.

divino Eſposo, a qual véla sobre vós com todo o amor, ternura e carinho de mãe. E' rigoroso dever nosso, não o esqueceremos, partilhar as suas delicadas sollicitudes; mas este será tambem, — nós vól-o asseguramos! — o nosso mais doce comprazimento.

Seja qual fôr o Instituto a que pertençaes e a regra que professastes, a vossa vida é vida de abnegação, vida de sacrificio: cada uma de vós bem pôde exclamar com o grande Apostolo: « O mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo: *Mihi mundus crucifixus est, et ego mundo* (¹)! Oh! como esta continúa immolação de vós mesmas na cruz amabilissima de Nosso Senhor Jesu-Christo applaca a divina justiça e pésa na balança da infinita misericordia, inclinando-a em favor dos homens! N'esse mystico Calvario, mais felizes que Moysés no alto do monte Nébo, não precisais de mãos estranhas para sustentar-vos os braços estendidos na attitude da prece. Os braços da cruz, em que vos vemos pregadas, bastão para trazer levantados os vossos.

Virgens de Jesu-Christo, estabelecei sem cessar no intimo do vosso coração aquellas mysteriosas ascensões de que falla o Rei-Propheta (²), as quaes, fazendo-vos passar de virtude em virtude, vos approximão cada vez mais d'aquella perfeição christã a que deveis attingir para corresponder ás graças do vosso estado. A Igreja fluminense com razão se orgulha de ter a

(1) Gal., VI, 14.

(2) *Ascensiones disposuit in corde suo. . . ibunt de virtute in virtutem.* (Ps., LXXXIII, 6 e 8.)

fortuna inappreciavel de vos possuir em seu seio. Eia ! embalsamai-a, embalsamai as almas com a suavissima fragancia das vossas virtudes.

Contemplando as numerosas corporações religiosas — irmandades, confrarias, ordens terceiras — que florescem em nossa querida Diocese, não podemos deixar de lhes exprimir aqui a nossa grande e viva sympathia.

Em sua faina de secularisação universal, com que pretende deturpar as mais bellas instituições catholicas, a moderna impiedade, como a sua congenere do tempo do Psalmista, põe a mira na suppressão das festas do Senhor : *Quiescere faciamus omnes dies festos Dei a terra* (1) !

Mercê de Deos, os sodalicios religiosos estorvão a realisação d'esse odioso lemma. São elles principalmente que, depois de haverem edificado, restaurado ou ornamentado os nossos templos, sustentão á custa de admiraveis prodigalidades as magnificencias do culto externo. Sempre animados do espirito da Egreja, elles commemorão com o esplendor das suas festas as datas solemnes inscriptas no kalendario catholico, fazendo assim reviver de continuo, entre os fieis, a recordação dos venerandos mysterios da Redempção humana, e a memoria dos portentosos heróes do Christianismo, á medida que o Cyclo liturgico, em seu movimento perenne, nos vem trazendo o glorioso anniversario de cada um d'elles.

O' respeitaveis membros d'essas benemeritas asso-

(1) Ps., LXXXIII, 8.

ciações religiosas, — não o esqueçais ! — sem os sentimentos internos do coração, sem uma completa adhesão do vosso entendimento ás verdades da nossa fé, sem uma perfeita submissão da vossa vontade ás leis da santa Igreja, n'uma palavra, sem as suavissimas consonancias do culto interno, todos os actos exteriores do vosso culto, por mais esplendidos e apparatusos que sejam, não poderão ser do agrado de Deos. Harmonizai pois uma cousa com a outra para que o Senhor não tenha que dizer de vós : « Este povo me honra com os labios ; mas o seu coração está bem longe de mim (¹) ! » Dissonancia é esta que não assenta bem na lealdade que deve caracterisar um cavalheiro, quanto mais um catholico. O culto externo — vós o sabeis — não é mais que um poderoso adminiculo para elevar-nos a alma á contemplação e ao amor das cousas invisiveis de Deos (²).

Acautelai-vos ! Um genio máo se esforça por insufflar nos sodalicios religiosos do nosso caro Brasil o espirito de incredulidade e de revolta que reina sobre o seculo. E' seu perverso intento impellir-vos surra-teiro a imitardes o procedimento do refalsado impera-

(1) *Populus hic labiis me honorat : cor autem eorum longe est a me.* (Matth., XV, 8.)

(2) *Cum enim homo sit compositus ex anima et corpore utrumque debet applicari ad colendum Deum, ut scilicet anima colat interiori cultu, et corpus exteriori ; unde dicitur in Ps. LXXXIII : Cor meum et caro mea exultaverunt in Deum vivum.* (S. Thom. de Aquin., *Summa Theolog.*, I. 2. Cl, a. 2.)

dor Constancio, de quem dizia Santo Hilario — que construia templos e destruia a fé (¹) !

Pela firmeza da vossa plena adhesão á santa Egreja, frustrareis todos os ardís do inimigo.

Como poderemos deixar-te em esquecimento, ó amada sociedade de S. Vicente de Paulo, nós que te trazemos sempre tão amorosamente no coração ! As relações mais intimas de amizade nos prendem aos tres respeitaveis cavalheiros, catholicos de fina tempera, que te transplantarão do sólo europêo para este abençoado sólo brasileiro. Oh ! cubra-os sempre o céu com a sua sombra protectora (²) ! Nós te vimos, não ha muitos annos, plantasinha mimosa, ahi nascer, medrar e crescer. Hoje, arvore grandiosa e virente, vérgas os teus fecundos ramos sob o peso dos saborosos fructos de caridade que não cessas de produzir ! Altos segredos da Providencia ! quem pudéra jámais imaginar, quando outr'ora assistiamos aos timidos ensaios das tuas primeiras conferencias, que um dia, na pujança do teu desenvolvimento, successor d'aquelle grande Bispo que se chamou D. Pedro Maria de Lacerda, teriamos que lhe succeder no amor indefectivel que sempre te consagrou até ao ultimo alento da sua santa vida ! Oh ! como elle, queremos trazer-te de continuo debaixo do manto da nossa protecção episcopal e esperamos que, como o d'elle, o nosso amor dedi-

(1) S. Hilar, Pictav., *Contra Constant. imperatorem*, n. 5.

(2) O Exm. Sr. Visconde de Aljezur, e os Illms. Srs. Drs. Antonio Secioso Moreira de Sá e Pedro Fortes Marcondes Jobim.

cado achará écho, sympathia e correspondencia no coração de cada um dos teus dignos e desvelados membros !

Caros filhos nossos das Conferencias fluminenses de S. Vicente de Paulo, estendei o mais largamente que vos fôr possível as vossas operações de caridade. Uma grande graça porém vos desejamos : reine sempre entre vós, com o espirito catholico mais apurado, a união fraternal mais amorosa. Soldados da causa santa, não haja desertores nas vossas luzidas fileiras ! Oh ! quem nos déra poder incessantemente admirar e louvar a firmeza da vossa constancia na união e na caridade com o mesmo affecto com que o Espirito-Santo exalta a constancia inabalavel dos antigos valentes de Israel : *Convenerunt cum Juda CONSTANTES CORDE* (¹) *Mathias et filii ejus CONSTANter steterunt* (²) !

« Eia ! — dir-vos-hemos com o piedoso Ozanam, um dos vossos primeiros patriarchas, — eia ! á obra ! e estejão os vossos actos de accordo com a vossa fé ! Mas que fareis ? que fareis para serdes verdadeiramente catholicos, senão o que mais apraz a Deos ? Soccorrei pois o vosso proximo, como fazia Jesu-Christo, e ponde a vossa fé sob a protecção da caridade (³). »

(1) 1. Mach., IX, 15.

(2) *Ibid.*, II, 16.

(3) Citado por MGR. BESSON, *Ceuvres pastorales et oratoires*, 3.^{me} série, tom. I, pag. 53.

XXXIII

A' vós se volve agora o nosso pensamento, ó Christãos de todas as classes e condições sociaes, grei mimosa de Jesu-Christo, povo fiel de toda a nossa querida Archidiocese, vós a quem devemos querer com entranhado amor de Pai, e sobre quem devemos velar com assidua dedicação de Pastor.

Quão sublime é a vossa dignidade e grandeza ! A graça ineffavel do vosso baptismo eleva-vos a alturas divinas. Sois, na phrase do Principe dos Apostolos, uma geração escolhida, um sacerdocio real, uma nação santa, um povo de aquisição (¹). Este caracter divino, que a fé descobre impresso ainda no mais pobre e humilde d'entre vós, impõe-nos a mais viva veneração e obriga-nos a cercar-vos dos mais respeitosos cuidados. Ovelhas queridas do divino Pastor, tremenda é a responsabilidade que assumimos diante d'elle ao receber a investidura d'essa illustre porção do seu grande Rebanho !

Sois com effeito a carga que pésa sobre os nossos debeis hombros ; carga sagrada, carga divina, porque pertenceis a Jesus, carga preciosa que nos foi confiada para conduzir-vos ao céo.

O que outr'ora dizia Santo Agostinho ao seu dilecto povo de Hippona, queremos aqui repetil-o tambem a vós, ó queridissimos fieis da Archidiocese fluminense.

(1) 1. Petr., II, 9.

Ah ! não sejais nimiamente pesados ao vosso humilde Bispo : alliviai-lhe o vosso peso pela vossa obediencia e docilidade. Orai por elle assim como elle ora por vós, lembrando-vos que o proveito será todo vosso. Ajudai-nos com as vossas orações para que o divino Salvador se digne de conduzir elle proprio comnosco a sua carga.

Oh ! admiravel contraste de sentimentos ! Nós vos pertencemos, assim como vós pertenceis a Christo. Somos vosso, e este pensamento nos aterra. Estamos comvosco, e este pensamento nos alenta. Vosso, somos o Bispo ; comvosco, somos Christão. Qual das duas qualidades devemos preferir ? Bispo é nome que exprime um officio oneroso imposto á nossa debilidade ; Christão é nome que significa uma grande graça que nos foi communicada. Bispo é cargo que expõe a temeroso perigo ; Christão é estado que põe em caminho de salvação. Fomos todos redimidos pelo sangue precioso de Jesus. Oh ! sim, mais nos alegramos por havermos sido, como Christão, redimido comvosco do que por havermos sido, como Bispo, posto á vossa frente. Oh ! graça incommensuravel, que nos obriga a uma grande servidão ! Obedecendo á ordem do Senhor, ahí vamos para ser, como Bispo, o vosso servo mais cuidadoso e dedicado ; este é o meio de nos não mostrarmos ingrato ao preço divino pelo qual, como Christão, merecemos ter sido feito vosso conservo (1).

(1) *Adjuver igitur orationibus vestris, ut suam sarcinam mecum ferre dignetur. Cum oralis, etiam pro vobis oratis. Hæc enim mea sarcina, de qua nunc loquor, quid aliud quam*

Sou Bispo para vós : *Vobis enim sum Episcopus!* Vêde que santo e nobre famulato exige de nós a maravilhosa alteza do vosso estado ! N'este glorioso serviço, o serviço das vossas almas, que nos importão os suores do trabalho, os gemidos da tribulação, a fadiga das vigílias, a anxiedade dos cuidados, os rigores da immolação ! Que nos importa a propria morte ! Mil vidas que vos déssemos, bem longe estariamos do que deo Jesus por vós afim de vos possuir !

Tal é a vossa grandeza, fieis ! Esforçai-vos de continuo por adquirir habitos divinamente principescos, correspondentes á alta nobreza da vossa celestial prosapia !

Oh ! quão ardentemente desejamos conhecer-vos a todos para vos communicar os bens preciosos que o céo não enthesourou em nossas mãos senão para vós ! Cada um de vós tem direito a estes dons superiores.

« Vinde, pequeninos, vinde ao vosso Bispo, que elle vos abençoará. Mancebos, sois a esperanza da religião e da patria, voltai-vos para Jesu-Christo, por quem os estados florescem ; mancebos, triumphai do máo : Oh ! que bem assenta a luta em vossa idade !

vos estis ? Orate mihi vere, sicut oro, ut non silis graves . . . Ubi me terret, quod vobis sum ; ibi me consolatur, quod vobiscum sum. Vobis enim sum Episcopus, vobiscum sum Christianus. Illud est nomen suscepti officii, hoc gratiæ: illud periculi est, hoc salutis. . . Si ergo plus me delectat, quod vobiscum entus sum, quam quod vobis præpositus sum ; tunc, ut Dominus præcipit, ero abundantius vester servus, ne ingratus sim prælio, quo vester merui esse conservus. (S. Aug., serm. II. In die Ordinationis suce.)

Anciãos, inclinamo-nos com respeito ante a alvura das vossas cãs : quão suave é a partida para a eternidade, apoz longa e religiosa vida ! Viuvas, esposas, mãis, donzellas, a todas vos dê Deos as virtudes da mulher christã ; sejam essas virtudes o vosso ornato. Ricos, derramai a esmola na mão do pobre ; pobres, comprehendei a vossa dignidade no seio da Egreja. Seja o operario laborioso e próbo ; não prostitúa o homem de cultura intellectual nem o seu pensamento nem a sua penna. Vivei todos da vida de Jesu-Christo ; porquanto d'esta vida é que devemos viver. Por ella apagam-se felizmente as differenças e os contrastes de que está cheia a raça humana. Todos somos membros de um só e o mesmo corpo, de que Jesu-Christo é cabeça. Cá em baixo, na terra, é a communhão da graça ; lá em cima, no céo, ha de ser a communhão da gloria (1). »

Debaixo dos teus auspicios, ó Virgem Immaculada, é que eu quero iniciar e proseguir até ao fim os labores do meu novo apostolado.

Ao deixar o meu humilde retiro para ir, inexperiente e bisonho, a reger a grande e preclarissima Diocese de Olinda, eu te invoquei com amor filial. Pedite a graça de me preparares tu mesma um caminho seguro : *Iter para tutum* (2). Oh ! com que miseri-

(1) Berteaud, *Lettre pastorale sur le sacerdoce*, pags. 38 e 39.

(2) Brev. Rom., hymn. *Ave, maris stella*, in Vp. offic. B. M. V. per annum.

cordiosa condescendencia ouviu o teu coração maternal a voz da minha deprecação ! Achei sempre, diante de mim, um caminho todo alcatifado de rosas, caminho que me conduzia facilmente ás almas ! . . . Eu te agradeço, ó Mãi benigna, e beijo reverente a tua mão liberal.

Agora, pela voz do Vigario de teu Filho, sou chamado a outro posto, onde deveres mais arduos me aguardão. Consente que eu te invoque de novo e não te canses de attender á humildade da minha prece. Eia ! depara-me outra vez um caminho livre de perigos, um caminho illuminado, um caminho seguro por onde eu possa conduzir á eterna bemaventurança as almas que me forão confiadas. Inspira-me, guia-me, conduze-me : *Iter para tutum !*

Eu quero mais, ó Mãi piedosa. Toma-me conta tu mesma d'aquelle imenso mundo de almas de que hei de responder perante o soberano Juiz. E' uma porção illustre do grande rebanho de teu divino Jesus.

No meio d'elle, ai ! quantos miseros immersos na ignominia do peccado ! Soccorre-os : *Succurre miseris !* Quantos pusillanimes nas lutas da fé ! Alenta-os : *Juva pusillanimes !* Quantos, sob a ingente pressão da dôr, vertem sentidas lagrimas ! Consola-os : *Refove flebiles !* Como te quer bem esse generoso povo da Archidiocese fluminense e como, pela devoção que te consagra, bem merece de ser chamado — teu povo ! Rôga por elle, na alegria e na tristeza : *Ora pro populo !* Como se afadiga nas praticas do teu culto esse Clero fiel, que não perde occasião de publicar as tuas grandezas ! Intervem em seu favor diante de Deos :

Interveni pro Clero! E que direi da mulher catholica?... Debalde tenta a impiedade arrancar-lhe do coração os sentimentos de fé e de piedade. Eu a vejo, cheia de zelo infatigavel, á frente de todas as obras de caridade e devoção. Oh! com que firmeza ella resiste á invasão das más doutrinas! O mundo chama-lhe sexo fraco, a Egreja chama-lhe sexo devoto. O' Maria Santissima, intercede de modo particular por esse devoto sexo feminino que não se arreda de ao pé dos teus altares: *Intercede pro devoto femineo sexu!* Sintamos todos nós, finalmente, os effeitos da tua poderosa protecção, do teu misericordioso auxilio, da tua maternal clemencia, sim, todos nós que com tanto affecto trazemos o teu bemdito Nome nos labios e mais no coração: *Sentiant omnes tuum jvamen, quicumque celebrant tuam sanctam commemorationem* (1)!

Veneraveis Irmãos e Filhos muito amados.

Impedido até aqui por um concurso de circumstancias da mais alta gravidade, não nos foi possivel correr logo para o meio de vós, a encetar ahi pessoalmente os arduos labores do nosso santo ministerio: *Impediebar plurimum venire ad vos et prohibitus sum usque adhuc* (2). Agora que, removidos os embaraços que por tanto tempo nos retiverão longe de vós, e não tendo já motivo que nos demore mais n'esta inclyta cidade do Recife, da qual nos vamos apartar com as

(1) Brev. Rom., antiph. *Sancta Maria*, in Suffr. SS.

(2) Rom., XV, 22.

mais vivas saudades, sentimos a recrescer em nós o alvoroço de vê-ros, a ancia de gozar quanto antes a doçura da vossa companhia (¹).

Esperamos poder partir brevemente para a nossa suspirada Archidiocese e ahi pômo-nos sem descanso ao vosso serviço, ó sacerdotes, ó fieis de Jesu-Christo, predestinados pela vossa vocação christã á santidade : *Nunc igitur proficiscar.... ministrare sanctis* (²). Como o grande Paulo porém, indo caminho de Jerusaleém, ignoramos totalmente qual a sorte que a divina Providencia nos reserva no meio de vós : *Quæ in ea ventura sint mihi ignorans* (³). Aconteça o que a Deos aprouver !... que não queremos sondar os seus segredos. Mas o que sabemos, e vos podemos assegurar com toda a certeza, é que, indo para vós a permanecer com vosco, iremos levando as mãos a transbordar com a abundancia das benções do Evangelho de Christo. Oh ! quanto anciamos por diffundil-as com todo o affecto da nossa alma sobre cada um de vós ! *Scio autem quoniam veniens ad vos, in abundantia benedictionis Evangelii Christi veniam* (⁴).

Veneraveis Irmãos e Filhos muito amados ! Extensa demais tem sido esta primeira effusão da nossa alma. Sem a minima reserva, antes com toda a lealdade, vos temos aberto o coração. Oh ! vêde como

(1) *Nunc vero ulterius locum non habens in his regionibus, cupiditatem autem habens veniendi ad vos.* (Ibid., 23.)

(2) *Ibid.*, 25.

(3) Act., XX, 22.

(4) Rom., XV, 29.

elle se tem largamente dilatado para vós! Não estais comprimidos, não! em nossas entranhas! Estál-o-hemos acaso nas vossas? Ah! não! não ha de ser assim! Vós nos retribuireis com o mesmo affecto que vos temos. Como a filhos vos fallamos: Dilatai-vos vós tambem: *Tanquam filiis dico: Dilatamini et vos* (1)!

A benção de Deos omnipotente, Pai, Filho e Espirito-Santo, desça sobre vós e comvosco permaneça para sempre!

Dada e passada n'esta cidade do Recife, sob o nosso signal e sello das nossas armas, aos 29 de Junho de 1894, festa dos gloriosos Apostolos S. Pedro e S. Paulo (2).

† JOÃO, Arcebispo de S. Sebastião
do Rio de Janeiro.

Lugar + do sello.

Conego FRANCISCO DE MIRANDA CURIO
Secretario interino.

(1) *Os nostrum patet ad vos, ó Corinthii, cor nostrum dilatatum est. Non angustiamini in nobis: angustiamini in visceribus vestris: eandem autem habentes remunerationem, tanquam filiis dico: dilatamini et vos.* (2. Cor., VI, 11-13.)

(2) Um conjuncto de circumstancias sobremodo desagradaveis tornou excessivamente demorada a impressão d'esta Carta Pastoral. A data supra é a da conclusão do trabalho typographic,

MANDAMENTO

Nomine Domini invocato

Julgamos dever ordenar o seguinte :

1.º — Esta nossa Carta Pastoral será lida, d'õ pulpito, á estação da Missa parochial em todas as matrizes da nossa Archidiocese.

N. B. Desejámos, mas sem mandar, que, sendo possível, tambem se dê leitura d'ella aos fieis nas demais egrejas e capellas publicas, onde habitualmente se celebra o santo sacrificio da Missa, e bem assim em o nosso Archiepiscopal Seminario e em todas as Communidades religiosas.

2.º — Attenta á sua extensão, a leitura da referida Pastoral se fará por secções diversas em todos os domingos e dias santificados successivamente, a partir do primeiro depois do da sua recepção. Cada leitura parcial não durará mais de meia hora nem menos de vinte minutos, devendo concluir-se sempre no fim de algum paragrapho, que faça sentido completo.

3.º — Para chamar as bênçãos de Deos sobre o nosso Episcopado, os RR. Sacerdotes do clero secular e regular, por espaço de nove dias, a partir do primeiro depois da recepção d'este Mandamento, darão na Missa a collecta do Espirito-Santo — *Deus qui corda fidelium*, guardadas as prescripções liturgicas e ficando por esse tempo suspensa a collecta ordenada *pro concordia*.

4.º — A referida collecta do Espirito-Santo será tambem dada pelo mesmo espaço de tempo em todas as bênçãos do Santissimo Sacramento logo apoz a oração respectiva, mas *sub unica conclusione*.

5.º — Finalmente, os RR. Parochos, na fórma do estylo, registrarão esta Pastoral no livro competente, e logo que hajão concluido a leitura d'ella enviarão á Camara ecclesiastica do Arcebispado certidão de haver cumprido, na parte que lhes diz respeito, tudo o que acima fica ordenado.

Recife, 29 de Junho de 1894.

*† João, Arcebispo de S. Sebastião
do Rio de Janeiro.

L. + S.

Conego MIRANDA CURIO, secretario interino.